

xxx (ver p. de rosto)
nº 109

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

SUMMARIO

OSCILLAÇÕES DA TAXA DE FECUNDIDADE DURANTE O CYCLO BANDEIRANTE.	Oliveira Vianna	193
O CUBISMO E O SORRISO DA JOCONDA	René Thiollier	202
POEMAS	Mario de Andrade	209
O HEROE	Julio Schéibel	211
AFFONSO XIII	Abel Juruá	217
INNOCENCIA E MARIA.	Argeu Guimarães	220
SONETOS	Yaynha Pereira Gomes e A. Cesar Godoy	228
CRÓNICA PARISIENSE	Sergio Milliet.	231
CAPITULOS DE UMA BIOGRA- PHIA PERDIDA DE CAXIAS	Eudoro Berlinck.	234

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES
E PESQUIZAS — CURIOSIDADES — AS
CARICATURAS DO MEZ

COMP. GRAPHICO-EDITORIA MONTEIRO LOBATO
PRAÇA DA SÉ, 34 SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL - PRAÇA DA SÉ, 34 - CAIXA, 2-B - SÃO PAULO
 ASSIGNATURAS: - ANNO 20\$000. EXTRANJEIRO - 25\$000. NUMERO AVULSO - 1\$800
 Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor Secretario.
 Teleph. Central 4012

Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

Estudos de Contabilidade, obra em quatro volumes, em brochura. 40\$000

Tratado Elementar de Contabilidade. Obra adoptada nas principaes escolas de commercio do paiz. Util aos que desejam adquirir conhecimentos profundos em contabilidade. Em brochura . 10\$000

Explicações Praticas de Escripção Mercantil. Livro indicado aos que desejarem adquirir os primeiros conhecimentos de contabilidade. Em brochura. 6\$000

Arithmetica Commercial e Financeira. Obra indispensavel para se adquirir conhecimentos profundos em mathematica commercial e financeira. Em brochura . 10\$000

Noções de Calculos Commerciaes e Financeiros. E' indispensavel aos que não tenham conhecimento de mathematica commercial e financeira. Em brochura . 6\$000

Problemas de Escripção. Obra necessaria aos contadores e guarda-livros, pois

trata de todo e qualquer caso de abertura de escriptas e balanços. Em brochura . 20\$000

Contabilidade das Companhias de Seguros de Vida. Como indica o titulo do livro, serve para a contabilidade dos seguros de vida. Em brochura 12\$000

DE FRANCISCO D'AURIA

Curso de Contabilidade, em dez volumes, tendo sido já publicados os seguintes:

Contabilidade Mercantil, em brochura 10\$000

Contabilidade Bancaria, em brochura 12\$000

Contabilidade Industrial, em brochura 10\$000

No prélo: *Contabilidade das Emprezas; Contabilidade Publica; Contabilidade Domestica; Contabilidade Theorica; Contabilidade Agricola e Pastoril; Mathematica Commercial; Mathematica Financeira.*

DE D. SANTOS

Contabilidade Agricola, em brochura 10\$000

Pedidos á

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato
 Praça da Sé, 34 São Paulo

Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES
RUA LIBERO BADARO', 169
S. PAULO

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, New-York e Londres

Papel,
materiaes
para
construcção,
aço,
ferro,
Cimento
"2 Bandeiras"
e "Bandeira
Sueca".

EDITORES: RENASCENÇA PORTUGUEZA, Porto — RUIZ HERMANOS, Madrid — FELIX
ALCAN, Paris — NICOLA ZANICHELLI, Bolonha — WILLIAMS NORGATE, Londres
WILLIAMS & WILKINS Co., Baltimore — THE MARUZEN COMPANY, Tokio.

“SCIENTIA”

Revista Internacional de Synthese Scientifica
Publicação mensal (Cada numero 120 paginas)
Director: **EUGENIO RIGNANO**

É a unica revista que tem verdadeiramente collaboradores em todo o mundo.

É a unica revista de circulação mundial.

É a unica revista de synthese e de unificação da sciencia que trata de todas as questões fundamentaes: historia das sciencias, mathematica, astronomia, geologia, physica, chimica, biologia, psycologia e sociologia.

É a unica revista que por meio de investigações entre os mais eminentes sabios e escriptores de todas as nações (*sobre os principios philosophicos das differentes sciencias; sobre as mais importantes questões astronomicas e physicas do dia e especialmente sobre a relatividade; sobre a contribuição dos differentes paizes no desenvolvimento dos ramos da sciencia; sobre as maiores questões biologicas e, particularmente, sobre vitalismo; a questão social; as grandes questões excitadas da grande guerra*) estuda todos os problemas fundamentaes que possam interessar aos sabios e aos intellectuaes de todo o mundo e ao mesmo tempo constitue a primeira tentativa de organização internacional do movimento philosophico e scientifico.

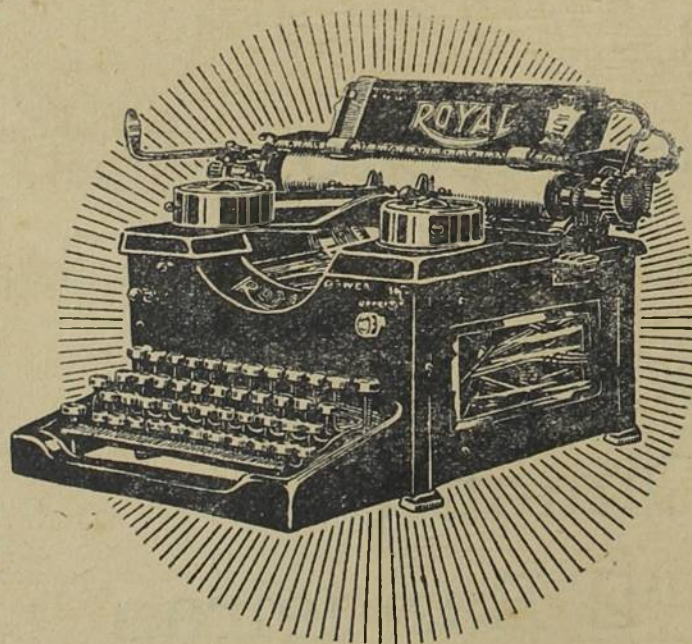
É a unica revista que conta com a collaboração dos mais illustres sabios do mundo. Todos os fasciculos levam o nome de mais de 350 collaboradores.

Os estudos são publicados na lingua nacional de seus autores e cada caderno tem anexo um *supplemento levando a traducção franceza de todos os estudos cujo original não é francez*. Por isto a revista pode ser lida pelos que conhecem unicamente o francez. (Peçam exemplares gratuitos de amostra ao Secretario Geral da “Scientia”, Milano, enviando a titulo de reembolso dos gastos do correio e envio, 1 peseta em sellos postaes).

Assignaturas: 100 liras italianas.

OFFICINAS DA REVISTA: Via A. Bertani, 14, MILANO (26)

Secretario Geral da Redacção: Dr. PAOLO BONETTI



Em cada ramo de industria, ha sempre um artigo que na lucta renhida de concorrencia conquistou uma posição superior a todos os seus congeneres. — — —

Na industria de Machinas de Escrever é a

“ROYAL”

N. 10 ”
modelo Mestre

que em pouco mais de uma decada subiu á alta posição que occupa. Isso devido ás suas excellentes qualidades, como o comprovam todos os possuidores de machinas **ROYAL**.

AGENTE EXCLUSIVO: **CASA ODEON**
RUA SÃO BENTO N. 62 - TEL. CENTRAL 4608 - S. PAULO

BIOTONICO FONTOURA

FORTIFICANTE EFFICAZ

PARA

HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS



Consagrado pelas maiores notabilidades medicas em virtude do valor de sua formula e da seriedade de sua fabricaço, de accordo com a mais rigorosa technica scientifica, sendo o remedio indicado para todos os organismos enfraquecidos que necessitam de um reconstituente de accção rapida e segura.

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

ESTÁ NO PRELO

PROBLEMAS DE ANTHROPOLOGIA SOCIAL

de OLIVEIRA VIANNA

Os assumptos versados pelos PROBLEMAS estão em plena actualidade, principalmente depois que os paulistas resolveram-se a desinteressar da immigração italiana e que o prof. Miguel Couto abriu campanha contra o immigrante japonéz. Os PROBLEMAS trazem a soluçáo scientifica da questáo.

EDIÇÃO DA

COMPANHIA GRAPHICO-EDITORIA MONTEIRO LOBATO

A Revista da Sociedade de Educação

deve ser lida por todos quantos se interessam pelos assumptos didacticos.

Redactores

Dr. A. Almeida Junior
Dr. Haddock Lobo Filho
Prof. Pedro de Alcantara Machado
Prof. Branca do Canto e Mello
Prof. José Ribeiro Escobar

Editora: CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

Aos assignantes serão enviados os numeros já publicados.

Assignatura annual 12\$000

POLYBIBLION

REVISTA BIBLIOGRAPHICA UNIVERSAL

5, Rue de Saint Simon, 5 ————— PARIS, VII

"Polybiblion", que está no seu 58.º anno de existencia, apparece mensalmente com duas partes distinctas:

I — Uma "Parte literaria" (2 volumes por anno), contendo: 1.º) "Articles d'ensemble" sobre os differentes ramos da sciencia e da literatura. 2.º) "Comptes rendus" das principaes obras publicadas em França e no estrangeiro. 3.º) Uma chronica resumindo todos os acontecimentos referentes á literatura. — Desde os fins de 1914, "Polybiblion" dá "comptes rendus" relativos á guerra européa.

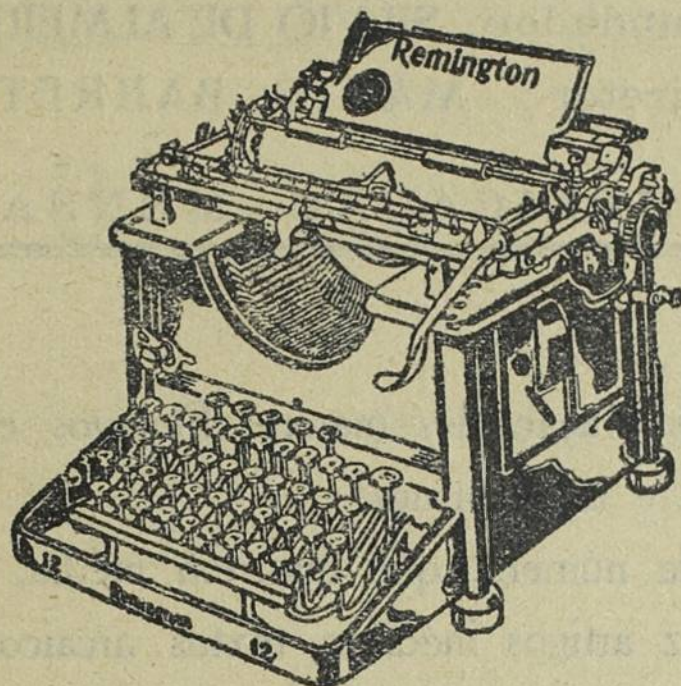
II — Uma "Parte technica" (1 volume por anno), contendo: 1.º) uma "Bibliographia methodica" das obras publicadas em França e no estrangeiro, com indicação dos preços. 2.º) os summarios de numerosas revistas francezas e estrangeiras e dos grandes jornaes de Pariz (artigos literarios, historicos, scientificos e artisticos e artigos que se prendem de perto ou de longe á guerra européa).

PREÇOS DE ASSIGNATURA.

Parte literaria	Estrangeiro	38 fr.
Parte technica	"	31 "
As 2 partes reunidas.	"	50 "

Amostra mediante a remessa de 1 franco em sellos postaes brasileiros.

A NOVA REMINGTON N. 12



Com todas as vantagens REMINGTON, mais a acção silenciosa de que V. S. tem sempre sentido falta.

Quatorze dispositivos atenuadores de Ruido.

Queira pedir uma demonstração pratica sem compromisso á

CASA PRATT

Praça da Sé, 16 — Caixa Postal, 1419

SÃO PAULO

"REVISTA DE FILOGIA PORTUGUESA"

Fundador : SILVIO DE ALMEIDA

Diretor : MÁRIO BARRETO

PUBLICAÇÃO MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem páginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

ASSINATURA ANUAL :

CAPITAL	30\$000
INTERIOR E ESTADOS	32\$000
NUMERO AVULSO	3\$000

Pedidos à

NOVA ERA, Emprêsa Editôra

PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 2.º andar, sala 12

Telefone : Central 1681 — S. PAULO

REVISTA DO BRASIL

OSCILLAÇÕES DA TAXA DE FECUN- DIDADE DURANTE O CYCLO BANDEIRANTE

SUMMARIO

I — Carencia de dados sobre a fecundidade específica das raças durante o nosso passado colonial. Dados sobre a fecundidade da aristocracia paulista: o que se contém na serie dos INVENTARIOS E TESTAMENTOS. Enorme valor desta serie para a comprehensão dos movimentos demographicos durante o cyclo bandeirante. Pesquisas realizadas. Criterios seguidos. Dados obtidos. Indice da fecundidade na época do bandeirismo. O typo da familia dominante na sociedade paulista: preponderancia das pequenas familias. — II Oscillações da taxa de fecundidade durante o cyclo bandeirante. O sentido geral das oscillações. Diagramma das oscillações: curvas de fecundidade. Elevação do coefficiente das grandes familias na proximidade do surto para os sertões do ouro. Como o augmento da taxa de fecundidade influe sobre a intensidade da expansão colonisadora dos paulistas: exemplos historicos. A "luta pelo espaço". — III Mesquinhez relativa da fecundidade paulista. Pequena fecundidade das classes abastadas: dados estatisticos. — IV Como os paulistas antigos corrigiam a sua pequena fecundidade legitima. A polygamia das senzalas. Testemunhos historicos. O alto theor engenistico da aristocracia paulista.

São muito escassos os dados estatisticos relativos á fecundidade específica das três raças formadoras durante o nosso pas-

sado colonial. Ha, certo, e interessantissimos, os dados colhidos por Eschwege e que já commentamos em capitulos anteriores (1). Estes dados referem-se, porém, apenas ao IV seculo; dos tres primeiros seculos nada se sabe, de uma maneira precisa e positiva.

O passado paulista nos dá, entretanto, sobre este ponto, seguros informes. Nos volumes dos INVENTARIOS E TESTAMENTOS depara-se-nos mina riquissima para pesquisas demographicas desta natureza. Infelizmente, a serie já publicada, embora extensa, não contém todos os inventarios; pôde-se dizer mesmo que estes, na sua maior parte, estão ainda ineditos. Os vinte e sete volumes publicados contém apenas os inventarios do 1.º e 2.º seculos e parte dos inventarios do 1.º e 2.º quartéis do 3.º seculo. Encerram, porém, todos elles preciosos informes sobre a composição ethnica do povo paulista, como dados segurissimos sobre a fecundidade das raças alli existentes, principalmente durante esse periodo agitado e climaterico, que vae dos fins do 1.º seculo aos principios do 3.º.

Estudados através as paginas dessa colleção, os movimentos demographicos da população paulista, durante o grande cyclo historico das bandeiras, nos apparecem sob uma nova luz. Principalmente no ponto de vista da fecundidade. Esta, como havemos de vêr, soffre oscillações sensiveis e assignalaveis, que se correlacionam intimamente com as grandes phases da expansão bandeirista e muito illuminam os segredos da sua dynamica poderosa.

O periodo abrangido pela serie publicada dos INVENTARIOS E TESTAMENTOS vae de 1578 a 1738: mais de seculo e meio, portanto, comprehende todo o "cyclo da caça ao indio" e apanha o "cyclo da caça ao ouro" na sua phase da mais alta intensidade. Tambem comprehende a maior parte, ou pelo menos, a mais bella parte da irradiação pastoril para o sul e para o norte — para o valle do S. Francisco, para os platós do Iguassú e para os pampas rio-grandenses. Um periodo, portanto, em que podemos surprehender a capacidade guerreira e colonisadora dos paulistas no maximo da sua força e esplendor. Durante este largo periodo, os principaes focos demogenicos de S. Paulo lançam para todos os quadrantes do paiz os seus enxames fecundos — enxames de guerreiros; enxames de preadores; enxames de rastreadores de ouro; enxames de colonos, de rusticolas, de latifundiarios.

O periodo abrangido pela colleção dos INVENTARIOS constitue, portanto, excellente base para o estudo da fecundidade da gente paulista. Sobre este ponto, a pesquisa mais interessante a fazer é a da fecundidade da classe aristocratica, que é a classe

(1) *v. cap. XI: O plasma racial brasileiro e evolução.*

que dirige o grande surto da conquista e da colonisação; e, se não desta classe aristocratica, pelo menos das classes abastadas em geral, em torno das quaes gravita esta vasta e vaga congerie humana, que é a plebe colonial. Desta, aliás, só a classe dos escravos — “gentio da terra” e “negros de Guiné” — é susceptivel de um estudo demographico através as paginas dos INVENTARIOS: a grande massa dos fôrros, dos moradores livres, dos colonos dos dominios não apparece alli, sinão furtivamente, sem traços precisos para uma pesquisa fecunda e interessante. Deixemol-a, pois, de lado — pelo menos por agora.

Nas nossas investigações, conseguimos extrahir dados relativos a nada menos de 390 casaes. Nem todos os inventarios publicados nos fornecem elementos estatisticos: muitos delles não trazem indicação precisa do numero de herdeiros, ou melhor, do numero de filhos dos casaes em questão. Outras vezes, nas declarações iniciaes não se faz a discriminação exacta entre os herdeiros que vem *per capita* e os que vem *per stirpe*: nestes casos, os dados foram despresados. Levamos sómente em conta aquelles casaes, em que o numero de filhos está taxativamente confessado, ou no texto dos testamentos ou no corpo dos autos. Vezes ha em que deparamos uma discordancia sensivel entre o numero de filhos declarados nos autos e o confessado nos testamentos feitos *in extremis*: neste caso, como é natural, opinamos pela confissão testamentaria. Mais ainda: para os casaes estereis, só computamos aquelles em que a esterilidade apparece explicitamente declarada ou pelos textadores, ou pela fé dos escrivães. E' obvio que, tratando-se de apurar o gráo de fecundidade total dos casaes em questão, julgamos dever levar em conta, não só os filhos mortos, como tambem os nascituros, segundo a confissão dos testadores.

Para uma percepção mais justa e minudente do phenomeno das oscillações da fecundidade, dividimos as familias paulistas em quatro grupos:

- 1.º pequenas familias: de 1 a 3 filhos;
- 2.º familias medias: de 4 a 6 filhos;
- 3.º familias grandes: de 7 a 9 filhos;
- 4.º familias patriarchaes: de 10 filhos em deante.

Egualmente e com o mesmo objectivo, dividimos o grande cyclo bandeirante em sete pequenos cyclos, de um quartel de seculo cada um, excepto o ultimo, que é menor. Aos resultados obtidos, calcula-

dos, para maior clareza, sob a base porcentual, systematizam-se no seguinte quadro estatístico :

Periodos	Num. de casaes	Pequenas familias	Familias médias	Familias grandes	Familias patriarchaes	Casaes estereis
1578-1600 . .	8	87,50	—	12,15	—	—
1601-1625 . .	84	51,19	10,71	1,19	1,19	8,32
1626-1650 . .	133	47,36	27,06	14,28	16,76	4,51
1651-1675 . .	65	29,23	27,69	21,53	16,92	4,61
1676-1700 . .	76	35,52	19,53	15,78	21,05	7,89
1701-1725 . .	7	28,57	14,28	57,14	—	—
1726-1738 . .	17	35,29	11,76	17,74	17,64	17,64
1578-1738 . .	390	42,80	24,60	15,89	10,25	6,41

Logo á primeira inspecção deste quadro, desvanece-se uma bella illusão, nutrida por todos nós, que estudamos, entre maravillhados e surpresos, o prodigioso surto colonizador dos paulistas antigos: a illusão da preponderancia das familias do typo patriarchal na aristocracia do bandeirismo.

Estas grandes patriarchias frondejantes constituem apenas 10 % da totalidade das familias paulistas. Nestas, ao contrario do que pensavamos, o typo dominante é o das pequenas familias, de 1 a 3 filhos apenas. Este typo representa os 42,80 % da totalidade dos casaes, isto é quasi a metade delles; no 1.º seculo, attinge mesmo a 87 % o coefficiente deste typo. Não vão além dos 24,61 % as familias medias, as de 4 a 6 filhos. Sómente 15,89 % cabem ás grandes familias, ás familias numerosas, de 7 a 9 filhos.

Ha que assignalar tambem uma notavel porcentagem dos casaes estereis: 6,41 % na media geral para o grande cyclo. No ultimo pequeno cyclo do 3.º seculo (1726-1738), esta porcentagem attinge mesmo 17,64 %.E' que, naturalmente, por essa época, as matrizes paulistas já começam a revelar um certo cansaço, dado o grande esforço expansionista e colonizador, desenvolvido nos cyclos anteriores, com a exploração do ouro em Minas, em Goyaz, em Matto Grosso e a irradiação pastoril para o planalto catharinense e os pampas do sul.

II

Esta proporção entre os diversos typos de familia não se mantém a mesma durante todo o grande cyclo bandeirante: ao contrario disso, os diversos indices de fecundidade oscillam constantemente, e — o que é mais interessante — as suas oscillações se tornam cada vez mais violentas á medida que nos vamos approximando do periodo climaterico da irradiação para as minas.

E' o que nos mostra, da maneira mais suggestiva, o *diagramma da fecundidade*, organizado segundo os dados estatisticos do quadro acima.

Observemol-o :

Notaremos, logo á primeira inspecção, que a *curva das pequenas familias*, partindo, nos fins do 1.º seculo, da alta porcentagem de 87,50, precipita-se — é esta a expressão exacta — precipita-se, numa quéda brusca, á medida que evoluimos para o 2.º seculo e seus fins.

O mesmo movimento decrescente é exhibido pela *curva das familias medias*. Tambem estas diminuem, á medida que nos aproximamos da phase da grande explosão para as minas.

Em flagrante contraste com este movimento descensional, observemos o soberbo movimento ascensional da *curva das grandes familias*. Esta ascende desde o 1.º cyclo (1.º seculo), elevando-se, nos principios do 3.º seculo, bruscamente, á magnifica altitude de 57 %. Egual movimento ascendente ostenta a *curva das familias patriarchaes*: o seu ascender é continuo, poderoso, incoercivel, até o grande surto das minas.

Por outro lado, a *curva da esterilidade* mostra-se deprimida durante o periodo em que se elabora o grande movimento expansionista e só nos começos do 3.º seculo começa a revelar uma tendencia ascendente assignalavel. Observando, aliás a *curva da fecundidade media*, reconheceremos tambem que ella sóbe continuamente, de uma maneira rapida e quasi brusca, desde o 1.º seculo até os fins de 2.º seculo; sómente no 3.º é que começa a cahir sensivelmente.

Resumamos. Durante o 2.º seculo em que se elabora, organisa e deflagra o grande surto expansionista para as minas — o que o estudo dos movimentos demographicos da população paulista assignala é a) por um lado, uma reducção progressiva da taxa da esterilidade e do indice das familias pequenas e medias; b) por outro, parallelamente, uma elevação progressiva do indice das grandes familias e das familias patriarchaes. Tudo se conjuga, pois, para nos levar á conclusão que esse grande movimento imperialista, que lançou os formidaveis pioneiros de S. Paulo por todos os recantos do paiz, teve causas mais complexas e profundas do que a simples cupidez do ouro.

Na verdade é facil mostrar que o augmento da fecundidade das velhas familias paulistas exerceu influencia poderosa sobre a intensidade de sua irradiação colonisadora.

Nos requerimentos de sesmarias do 2.º e 3.º seculos encontramos, com effeito, frequentemente esta allegação — de que o requerente tem muitos filhos que sustentar e não tem terras bastantes para isto.

E' assim, por exemplo, que os irmãos Fernandes (Gaspar, Braz e Innocencio) pedem terras, porque tem "mulher, filhos e filhas que sustentar". Um outro, em 1721, requer uma concessão, igualmente, por "achar-se com muitos filhos e pouco remedio para os amparar". O velho Bartholomeu Bueno é ainda mais positivo e energico na sua petição: quer uma sesmaria vasta e isto porque está "carregado de filhos e sem terras bastantes para os accomodar" — assim allega, como argumento supremo de justificação (2).

O systema extensivo das culturas, o regimen dispersivo do pastoreio e a necessidade de uma grande producção cerealifera para a manutenção das escravarias numerosas, exigem, realmente, uma area enorme para a actividade de cada colonizador.

O prodigioso movimento de expansão agricola e pastoril operado, nos tres primeiros seculos, pelos sertanistas e bandeirantes paulistas póde ser considerado, por isso mesmo, e sem nenhuma exactidão, um bello exemplo daquella "lucta pelo espaço" ratzeliana, sinão no significado geographico da expressão, pelo menos no seu significado economico.

III

Não obstante essa violenta exacerbação final das suas matizes, com que elles preludiam a grande irradiação para as minas, o facto é que os velhos paulistas, especialmente os paulistas das classes superiores, nunca se mostraram muito fecundos. Embora alteiando-se para os meados do 2.º seculo, a taxa da sua fecundidade se mantem sempre relativamente baixa. O quadro estatistico seguinte, em que se patenteiam as fluctuações da fecundidade durante os sete pequenos cyclos do bandeirismo, nol-o demonstra claramente:

Periodos	Numero de casaes	Numero de filhos	Fecundidade média
1578-1600	8	21	2,62
1601-1625	84	276	3,28
1626-1650	133	552	4,15
1651-1675	65	345	5,30
1676-1700	76	425	5,59
1701-1725	7	36	5,14
1725-1738	17	71	4,17
1726-1738	390	1726	4,42

(2) v. *Sesmarias* (Publicação official do Est. de São Paulo) V. I, pag. 143 e 309 v. II, pag. 110.

Como se vê, no 1.º seculo o indice da fecundidade média é mesquinho: menos de 3 filhos por casal. Sóbe, certamente, no 2.º seculo; mas, no 3.º baixa novamente. Depois de chegar a 5,59 no pequeno cyclo de 1675-1700, cae a 5,14 no cyclo seguinte (1701-1725). No cyclo de 1726-1738, desce ainda mais, desce a 4,17, como querendo approximar-se de media insignificante do 1.º seculo. E' que naturalmente por essa época aquella população já havia expellido para os sertões de Minas, de Matto Grosso e de Goyaz os seus elementos mais validos e robustos.

Procurando a media geral para todo o grande cyclo do bandeirismo, encontramos apenas 4,42. Este indice é evidentemente insignificante para explicar tamanha capacidade colonisadora, como a que exhibem os pequenos focos demogenicos do planalto paulista: Piratininga, Parnahyba, Taubaté, Itú, Sorocaba, etc. Estes pequenos focos de expansão irradiaram enxames, continuos, durante quasi dois seculos, para todos os pontos do paiz. Donde sahiria — é natural que se pergunte — tão copioso elemento humano para a composição dessas grandes e rumorosas levas migradoras e colonisadoras? O baixo coefficiente da fecundidade da nobreza paulista, só por si não nos explica.

IV

Ha para isto varias causas. Em primeiro logar, tudo parece indicar que os velhos paulistas da alta classe corrigiam a sua pequena fecundidade legitima appellando para a polygamia das senzalas. O patriarcha dos patriarchas paulistas, o velho João Ramalho, é o primeiro a nos dar exemplo disso (3).

Já Montoya, aliás testemunhava, no 2.º seculo, estes costumes polygamicos dos antigos paulistas: — “Las mujeres de buen parecer, solteras, casadas ó gentiles, el dueño las encerraba consigo en un aposento com quien passaba las noches al modo que un cabron en un curral de cabras”. Na *Nobiliarchia Paulistana*, de Tacques, transparecem tambem, aqui e alli, referencias muito precisas a essa generalisação da polygamia senzaleira e, entre os exemplos citados pelo austero linhagista, estão os seus proprios parentes Pero Vaz de Barros e Fernão Vaz de Barros. Tambem nos *INVENTARIOS E TESTAMENTOS* são frequentes as allusões a filiações bastardas. Ha mesmo inventarios como, por exemplo, o de Braz Esteves, em que os 14 herdeiros, que apparecem, são todos bastardos e de mães anonymas (4). Dahi uma innumeravel copia de mestiços, especialmente mamelucos, fonte inexhausta, onde os grandes chefes

(3) v. Taunay — *Historia Geral das Bandeiras* — vol. I pag. 134.

(4) v. *Inventarios e Testamentos*, vol. X pag. 329.

bandeirantes deviam recrutar contingentes para engrossar os seus bandos de prêa e colonisação.

Esse facto, porém, por si só, não teria grande influencia no movimento do bandeirismo, e talvez mesmo não tivesse influencia alguma. O que o torna importante é a collaboração de um outro factor mais poderoso: o alto indice eugenistico dessa aristocracia, assim tão deficiente na sua fecundidade.

Realmente, desde os primeiros tempos da colonisação, os moradores que se concentram no planalto paulista mostram-se, na sua quasi totalidade, homens dotados de larga e poderosa ambição. O movimento sertanista, a caça systematica á alimaria das malocas resulta justamente desse incoercivel desejo de enriquecer-se, de classificar-se, de dominar da parte da gente paulista.

— “Esta terra perece e está em risco de se despovoar, mais do que nunca esteve, e se despoea cada dia, por causa dos moradores e povoadores della não terem escraveria de gentio da terra, como tiverão e com que sempre se servirão” — confessam, com effeito, ainda no seculo 1.º (1585), os camaristas de Piratininga. E accentuam que, se não pudessem ter escravos indios: “largavam a terra, para irem viver onde tivessem remedio de vida, porquanto não se podiam sustentar sem escraveria”.

Por ahi se vê que não são homens de facil contentabilidade os moradores piratininganos. Todos elles revelam, ao contrario, possuir essas qualidades de character, que são characteristics das individualidades eugenicis, como já vimos: a ambição da riqueza, a refractariedade ás situações mediocres, a capacidade de deslocar-se, quando assim é preciso, do seu pequeno quadro social em busca de situações melhores (5).

Estes primitivos paulistas não se mostram, porém, dotados apenas de ambição robusta; elles tambem revelam possuir a qualidade complementár de toda ambição fecunda: a actividade. Com effeito, sente-se atravez dos documentos, que entre elles os individuos de temperamento activo dominam de uma maneira tão preponderante, que chega a ser exclusivista. Todos os seus elementos validos parecem, realmente, providos de actividade incoercivel. E' pelo menos o que se deprehe de das palavras do padre Justo Mancilla: — “Toda aquella villa de San Pablo es gente desalmada y levantada, que no hace caso ni de las leys del Rey, ni de Dios. Y más digo que quando se vieram apertados con alguma mano poderosa a que no pudiesen resistir, desamparam sus casas y se fueram con sus mujeres, hijos, esclavos y toda sua hazienda a meter-se por aquellos disiertos y montes y buscar nuevas tierras. Toda su vida delles, desde que salem de la escuela hasta su vejez, no es sino

(5) v. cap. V: *Psyco-physiologia dos typos eugenicis*.

yr y venir, traer y vender indios. Y en toda la villa de San Pablo no habrá más de uno ó dos que no vayan a captivar indios ó embien sus hijos ó otros de su casa con tanta libertad como se fuera minas de oro ó plata" (6).

Como se vê, todos os homens validos existentes naquella população mostram-se senhores de um temperamento energico, fragueiro e bellicoso. Os timidos, os pusilanimos, os inertes, os indolentes como que são typos ausentes no seio daquella raça de preadores infatigaveis, de alma adunca e avidez insaciavel, e dos quaes bem se poderia dizer o que dos inglezes já disse alguém: — "Ils se font hair des toutes les nations; ils le savent et s'en font gloire".

V

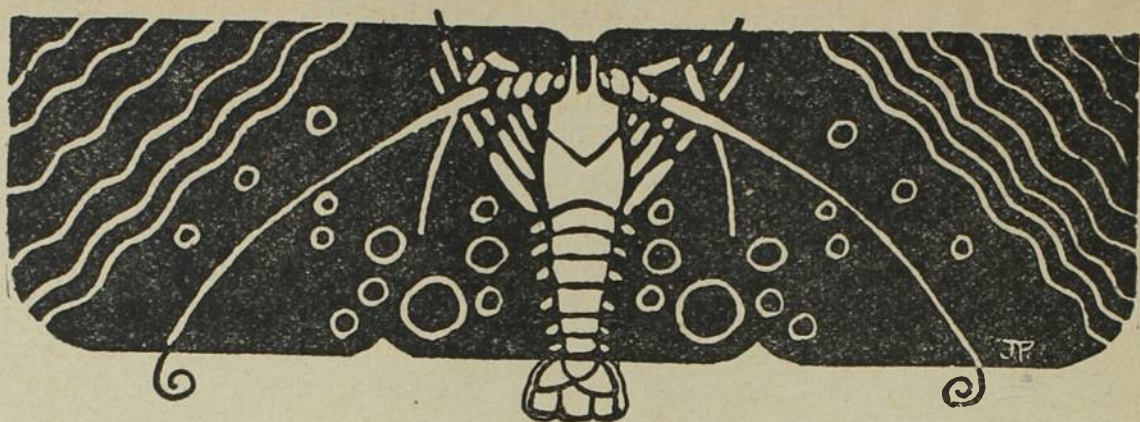
Embora pouco fecundas, cada familia paulista do cyclo bandeirante revela-se, pois, extremamente fertil na producção de temperamentos eugenicos: cada um dos seus descendentes varões é, como se vê, um typo robustamente provido não só de intrepidez e actividade, como de poderosa ambição. Nas bandeiras de prêa ou nas bandeiras de ouro, vemos sempre figurar, ao lado do caudilho chefe e dos caudilhos auxiliares: ou os seus filhos, ou os seus irmãos, ou os seus sobrinhos. — O que prova que todos esses elementos, ou descendentes ou collateraes — possuem um temperamento affim com o temperamento dos cabos de tropas. Isto é, são todos homens de coragem, iniciativa e ambição.

Comprehende-se agora porque, não obstante a sua pequena fecundidade, a gente paulista opera tamanha expansão conquistadora e colonisadora em tão curto espaço de tempo. O que assegura o destino formidavel dessa raça ardega e cupida, e a sua capacidade guerreira, e a sua capacidade migradora, e a sua capacidade povoadora, dando-lhe o estupendo papel que teve em toda a nossa historia é, realmente, o seu alto coefficiente eugenistico, isto é, a fecundidade das matrizes da sua aristocracia na gestação dos typos dotados de coragem, energia, actividade e principalmente — ambição de largo vôo.

OLIVEIRA VIANNA

(Dos "Problemas de Anthropologia Social", no prélo).

(6) apud Taunay — *Non ducor, duco* — S. Paulo, 1924, pag. 28.



O CUBISMO E O SORRISO DA JOCONDA

A Goffredo Silva Telles

— Por que hei-de eu estar a mentir?! Detesto a pôse! Prefiro mil vezes dizer a verdade; confessar a minha ignorancia! E' uma cousa que não comprehendo: o cubismo!

Falava-me, assim, uma das senhoras mais garridas e distinctas do nosso alto mundo, uma noute, em que ceavamos, um grupo, no Automovel Club.

— E' porque V. E., até agora, não quiz comprehender, — respondi-lhe. — Não se deu ao trabalho de iniciar-se. Sem duvida! V. E. ha-de convir: em arte, como em tudo o mais, ha umas tantas cousas que necessitam de uma certa iniciação! E é precisamente o que acontece com o cubismo!

Um amigo meu, que se encontrava do outro lado da mesa, fitou o ouvido. Era um typo adoravel de bom viveur, cheio de corpo, mas elegante, a cara glabra, redonda, a derramar-se, especada, por sobre um alvo collarinho engommado. Sobreveiu ruidoso:

— Cubismo! Cubismo! Que vem a ser afinal o cubismo?! Um absurdo! Um contrasenso!

— Tudo quanto quizeres! — retruquei-lhe. — Um absurdo! Um contrasenso, mas que não deixa de ter a sua razão de ser!

Elle esbugalhou os olhos. Dilatou a bocca.

— A sua razão de ser?!... — exclamou.

E sorriu-se. Murmurou, em seguida, com ironia:

— E' verdade que é preciso de iniciação para comprehendel-o! Como quem diria: uma somma fabulosa de leituras, não é assim?!...

E depois, de labio estendido, com ar de paternal compaixão, alçando os hombros:

— Se a arte, meu caro, nada mais é do que a manifestação de uma emoção! Nasce com o proprio homem; vive com elle desde os tempos primitivos, nas cavernas. Até hoje se encontram desenhos rudimentares que comprovam isso! Em talhando um pedaço de silex, o homem já procurava imprimir-lhe uma forma que fosse agradável á sua vista...

— Perfeitamente! Nada disso eu contesto! Estás a repetir cousas sedicissimas!... No emtanto, não podes, tambem, deixar de concordar que essa mesma arte, a que te referes, adoravel de ingenuidade no seu inicio — rudimentar, instinctiva — se foi com o correr dos tempos, apurando, requintando; tornou-se uma arte mais ponderada, mais reflectida — até assumir as formas desta arte convencional, contrafeita e detestavel, que ainda domina na nossa época, e a que demos o nome de arte academica!

— Contrafeita e detestavel, ora essa! — acudiu elle com vivacidade. — Mil vezes, todavia, preferivel a toda essa sorte de cubismos, dadaismos, e outras lérias mais, apregoadas por vocês modernistas!

E dirigindo-se á minha vizinha:

— Então, que lhe parece?!

Ella, que tinha os olhos piscos, mordeu os labios, trejeitou um sorriso:

— Já confessei a minha ignorancia! — disse.

Eu, porém, alleguei:

— Isso agora, ahi, é uma questão de gosto! E eu, questão de gosto, não discuto. É' natural que cada um tenha lá o seu — bom ou máo, pouco importa!... O que não posso, comtudo, deixar de extranhar é que tu, que me pareces um homem culto, não queiras admittir a iniciação em arte!...

— E não admitto! Assim como não admitto a propria critica de arte! Sou nisso intransigente! Que o artista aprenda lá a sua technica, exercite a sua *manière*, está no seu papel. Mas, a mim como amator, ou bem um quadro me agrada, ou não; um trecho de musica, um pedaço de prosa — uma poesia!... Mas, supportar que me venha, para ahi, um cavalheiro, com ar dogmatico, assegurar-me que sou uma besta porque admiro o sorriso da Joconda, e me mostro indifferente diante de uma tela de Cezanne — ah! isso é que não!

E levantou-se. Parecia satisfeito comsigo mesmo. Reluzia numa alegria recondita. Movimentava a cabeça. Repetia: — “Ah! isso é que não!”... Sacudiu as pernas, para que a calça recobrisse o seu festo. O jazz band tocava o “Sweet Gall”. Elle incli-

nou-se, numa mesura, defronte da minha interlocutora, e lá se foi, levando-a, nos seus braços, desenvolta e flexuosa, por entre o rythmo syncopado do fox.

Dancei por minha vez. A conversa interrompida não teve suite.

*
* *

Ao dia seguinte, ao entrar para a minha sala de trabalho, estive a repassar a noitada da vespera. Meditei sobre as palavras desse meu amigo: "O que não posso admittir é que me venha, para ahi, um cavalheiro, com ar dogmatico, assegurar-me que sou uma besta, porque admiro o sorriso da Joconda, e me mostro indifferente diante de uma tela de Cezanne!" E por uma associação concomitante de idéas, occorreu-me o roubo da obra de Vinci. A vozearia mundial que despertou o rebate do seu desaparecimento de uma das salas do museu do Louvre. Não houve jornal que não estampasse o busto de Mona Lisa; penna que não se referisse, com enleio, ao seu sorriso. No entanto, quantas pessoas, mesmo entre aquellas, que, por dever de officio, o exaltavam, intimamente se não mostraram frias perante esse sorriso!...

Um cavalheiro, semelhantemente á minha interlocutora da vespera, confiára-me:

— Por mais que eu faça, palavra, nada vejo de extraordinario nesse sorriso!

E por que o não via elle?... Positivamente, por carencia de uma certa cultura esthetica; do desestudo da sciencia do bello, da philosophia das bellas artes. Que a instrucção no nosso paiz, sobre ser defeituosa e incoherente — (seja isto dito de passagem, e á puridade) — é deficiente, incompleta. Demais disso, um dos grandes males, que pratica o nosso povo, está em abusar da sua intuição facil, da precocidade da sua rija intelligencia, prompta, luminosa! Contenta-se elle em apprehender tudo de fugida, pela rama! Se lhe fosse possivel, assimilaria por instincto!... Haja visto o modo atabalhado por que se fazem os preparatorios entre nós. O sonho doirado de um pae que tem o seu filho a habilitar-se nos estudos é vel-o, desde logo, matriculado num curso superior. E d'ahi a sua inconsciencia! O não pejar-se em andar, elle proprio, aos empenhos, junto dos examinadores, para que o approvem, ao fim do anno, nos exames.

A, aparentemente, agra difficuldade, que resalta na percepção da obra de qualquer um dos mestres da pintura moderna — quer seja elle um Cezanne, um Derain, um Matisse, um Seurat, ou, um Picasso, um Braque, um Metzinger, um Van Gogh, um Segall,

— é a mesma que resalta na obra de qualquer um dos mestres das escolas de outr'ora, hoje catalogadas como classicas. Porquanto, não podemos deixar de considerar as obras de arte como verdadeiros factos — productos, cujos caracteres e circumstancias precisam de ser discriminados. Era o que dizia Taine, quando fazia expressa menção da sua theoria: — “*L'oeuvre d'art est déterminée par un ensemble qui est l'état général de l'Esprit et des moeurs environnantes*”.

Antes, pois, de nos aventurarmos a qualquer desacertado juizo acerca de uma obra de arte, ou de um artista, investiguemos miudamente desse estado de espirito e dos costumes coetaneos, em derredor, então, em moda. E' ao que se reduz o papel da Esthetica moderna que, ao contrario da Esthetica antiga, nada tem de dogmatica. E' uma perfeita disciplina philosophica. Uma sciencia da arte. Não impõe preceitos. Não julga em nome de formulas preconcebidas. Constata leis, pautando-se, nas suas indagações, pelo methodo genetico, que, em lugar de considerar o instincto creador uma faculdade mysteriosa e inexplicavel, o encara sem mysticismo extatico — como diz Victor Basch — procurando analysal-o como a qualquer outra faculdade psychica. D'ahi a sua severa imparcialidade. A sua nenhuma determinada preferencia por esta, ou, por aquella escola.

Vasari, o historiador illustre da Renascença ialiana, referindo-se ao sorriso da Joconda, declarava divina a obra de da Vinci. E especialisava o seu louvor emquanto á doçura da sua expressão. Não se nota um traço — observava — que não corresponda á natureza, ás apparencias da propria vida.

E' que o ideal, nessa época, se reduzia á escrupulosa imitação da Natureza. Era no seculo XV. A Italia entrava em commercio com a belleza antiga, com a civilização greco-romana. Em todas as suas cidades, ia intensa a actividade artistica. Imperavam com brilho os “primitivos”. Eram elles que se esforçavam por enriquecer com processos novos a pintura, fornecendo, ao desenho, uma syntaxe nova. Paolo Ucello estudava, com affinco, a perspectiva; Masaccio a fluida transparencia dos contornos. Todos, porém nos seus ensaios, mesmo os mais afamados como Fra Beato Angelico, Ducio de Sienna, Taddeo di Bartolo, Fra Filippino Lipi, Ghirlandajo, Mantegna, Verrochio, Perugini — se não afastavam dos conselhos de Giotto, que elle proprio os puzera por obra um seculo antes.

Que fazia Giotto para comprehender a antiguidade? Ia abeberar-se nas mesmas fontes em que ella se abeberára. Compulsava-lhe detidamente as obras. Em seguida, mettia-se em contacto com a natureza, que tomava por modelo. Foi assim que introduziu, na arte, a expressão, o movimento. Destruiu a rigidez hie-

ratica do dogma byzantino. Despertou a vida, que dormia, sem quebra, a somno solto, pelas noites a fóra, numa prostração de pingue lethargia. O seu pincel se não conseguiu surprehender em flagrante a natureza, pelo menos conseguiu reproduzil-a com summa intelligencia.

Muito além delles todos, porém, foi Leonardo da Vinci — justamente considerado o primeiro grande mestre da Renascença. Era um homem genial, copiosamente erudito — de uma energia robusta e tenaz. Na realisação do seu ideal, que nada tinha de vago, de abstracto, não procedia elle ás apalpadelas. Comprovam-no as engenhosas theorias que armou; os seus manuscriptos, em que pacientemente documentava, ao *jour le jour*, as descobertas que fazia. Alguns dos seus fragmentos foram lidos, pela primeira vez, em 1797, perante o Instituto das sciencias e das artes. Quem os decifrou e traduziu foi Venturi. Em 1891, Charles Roavaisson os completava. D'ahi o motivo por que nos diz Gabriel Seailles, na monographia que escreveu para a collecção dos “Grandes Artistas”, que se póde affirmar, sem paradoxo, que sómente agora, após quatro seculos de gloria, é que Leonardo da Vinci se tornou verdadeiramente conhecido. Até então, ninguem suspeitava que, no Precursor, o sabio fosse tão grande quanto o artista.

A sua pintura — na phrase de um critico de arte — é “uma psychologia pintada”. E da Vinci, com effeito, foi um psychologo! Um pintor de uma rigorosa precisão analytica. Um dominador, um rival da natureza. Estabelecia, como principio, que a grande realidade humana é o pensamento. A alma creou o corpo para vehiculo da sua manifestação. Assim é que, em arte, a forma nada mais deve de ser do que a imagem do espirito. E, de par com a sua tela, deixava-se ficar, mezes, meditativo; della só se apartava, quando a sentia palpitante do rythmo da vida.

Quão diversas são as emoções que se estylisam nesse seu quadro admiravel, que é a “Ceia de Christo”!... Não ha alli um personagem, um apostolo, que elle o não estudasse demoradamente, por dentro; não o anatomizasse, fibra a fibra. Estructurou-os a todos em connexidade com um estado de alma perfeitamente definido; uma maneira particular de ser, de sentir. Em compondo-lhes o semblante, foi-lhes, pelo dramatizado das attitudes e trejeitos, debuxando, com exacção, a physionomia moral. Goeth, que se não cançava de os admirar, pasmava diante delles!

No tocante ao sorriso da Joconda, jámais arribára, a tanto, da Vinci, na realisação do seu ideal. Através desse sorriso enigmatico de transcendente ironia, como que sentimos tangivel, a revolver-se-lhe, no intimo, a alma de Mona Lisa. Ella sorri — os labios em nesga, os olhos ligeiramente apertados. E, sorrindo, vive, por certo,

de uma immortalidade muito mais segura, mais estavel, que os immortaes da nossa Academia de Lettras, no olympismo da sua pôse agaloada e hirta de manipanços geniaes.

Como rival, que se estimava de ser da Natureza, para imital-a em todas as suas apparencias, não poude da Vinci prescindir do *trompe l'oeil*. Aprofundou-se na sciencia da perspectiva. Ainda neste particular, as suas obras são insignes de equilibrio, de eurythmia.

Mas... a civilisação não pára. Está sempre em marcha. Innumeras têm sido as suas metamorphoses. A cada nova interpretação da vida corresponde uma nova interpretação da arte. Attingimos a uma epoca eminentemente creadora. Em todos os ramos de actividade, sentimos a necessidade de crear. Estamos fartos de imitações. Hoje, sernos-ia insupportavel a imitação da Natureza, á moda dos mestres da Renascença, á moda de um da Vinci. Diz Vicente Huidobro: — “o homem faz por sacudir o seu jugo; revolta-se contra a Natureza, como, out'ora, se revoltou Lucifer contra Deus; mas, na realidade, nunca esteve o homem mais proximo da Natureza do que agora, que procura, não mais imital-a nas suas apparencias, nas suas exteriorisações, mas a fazer como ella propria o faz, imitando-a nas suas leis constructivas, na realisação de um todo, no seu poder exteriorizador, no mecanismo da producção de formas novas”.

Na pintura, foram os pintores cubistas que tiveram a presciencia desta verdade. Escreve Albert Gleizes: — “a estructura de um quadro é da mesma natureza que todas as formações naturaes, mineraes, vegetaes, organicas.” E o cubismo, — que papel tem sido o seu, senão o de seleccionador de valores, o de purificador?!... E' uma disciplina. Nasceu da reacção de Cezanne contra os desmandos da rhetorica impressionista. Pela verificação de volumes — pois, cubismo significa “cubar” — isto é avaliar ou medir o volume — os pintores cubistas conseguiram descobrir de novo na sua essencia a lei basica da pintura. A lei da superficie. Voltaram as costas ao *trompe l'oeil*, que se tornára um dogma para os classicos. Podaram a pintura de todas as suas hervas parasitarias. E, como sem alicerce, não podemos comprehender uma construcção solida, duradoira — o cubismo será, para o futuro, o alicerce de uma obra formidavel que já estamos a entrever.

*

* *

No Automovel Club, dissera-me, com desdenhosa ironia, esse meu amigo:

— Cubismo! Cubismo! Que vem a ser afinal o cubismo?! Um absurdo! Um contrasenso!

E eu muito calmamente lhe retuquei:

— Um absurdo! Um contrasenso, mas que não deixa de ter a sua razão de ser!

RÉNÉ THIOLLIER

(Villa Fortunata).





POEMAS

Arraiada

Manhãzinha
A italiana vem na praia do ribeirão.
Está derreada e com as sobras do sono no canto dos olhos.
Bota a trouxa de roupas na lapa
E erguida fica um momentinho assim no Sol.
A narina dela mexe que nem peito de rolinha.
Mastiga a boca sem lavar
Que tem um visgo de banana e de café.
Respira.
Afinal se espreguiça
Erguendo pros anjos o colo criador.

Rondó de Você

De você, Rosa, eu não queria
Abraçar somente êsse abraço
Tão devagar que você me dá,
Nem beijar somente êsse beijo
Tão molhado que você me dá.
Eu não queria só porquê
Por tudo quanto você me fala
Já reparei que no seu peito
Soluça o coração bem feito
De você.

Pois então eu imaginei
Que também com êsse corpo magro
Moreninho que você me dá,
Com a boniteza, a faceirice,
A risada que você me dá
E me enrabicham como o que,
Bem que eu podia possuir também
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,
O pensamento, a alma, o desgosto
De você.

O Poeta come amendoim

Noites pesadas de cheiros e calores amontoados...
Foi o Sol que por todo o sitio grande do Brasil
Andou marcando de moreno os brasileiros.

Estou pensando nos tempos de antes de eu nascer...
 A noite era pra descansar. As gargalhadas brancas dos mulatos.
 Silêncio! O Imperador medita os seus versinhos.
 Os caramurús conspiram na sombra das mangueiras ovais.
 Só o murmurejo dos Cre'm-Deus-Padres irmanava os homens do meu país.
 Duma feita os canhamboras souberam que não tinha mais escravos,
 Por causa disso muita irmã do Rozario se perdeu.
 Porém o desastre verdadeiro foi embonecar esta Republica temporã.
 Analfabetolandia Carijó...
 A gente ainda não sabia se governar...
 Progredir, progredimos um tiquinho
 Que o progresso também é uma fatalidade.
 Será o que Nosso Senhor quiser!...

Estou com vontade de desastres...
 Estou com vontade do Amazonas e dos ventos muriçocas
 Se encostando na cangerana dos batentes...
 Tenho vontade de violas e solidões sem sentido...
 Tenho vontade de gemer e de morrer...

Brasil...
 Mastigado na gostosura quente do amendoim...
 Falado numa lingua curumim
 De palavras incertas num remeleixo melado melancolico...
 Saem lentas frescas trituradas pelos meus dentes bons...
 Molham meus beiços que dão beijos alastrados
 E depois semitoam sem malicia as rezas bem nascidas...

Brasil amado não porquê seja minha patria.
 Patria é acaso de migrações e do pão-nosso onde Deus der,
 Brasil que eu amo porquê é o gesto do meu braço aventureoso,
 O gôsto dos meus descansos,
 O balanço das minhas cantigas, amores e dansas...
 Brasil que eu sou porquê é a minha expressão muito engraçada,
 Porquê é o meu sentimento pachorrento,
 Porquê é o meu geito de ganhar dinheiro, de comer e de dormir.

MARIO DE ANDRADE





O HERÓE

Era um diminutivo de homem, um homenzinho, apenas da altura de um rapazelho de quinze annos, eternamente vestido de branco, de um branco luminoso e immaculo, coberto por um panamá de largas abas, atirado para o occiput e audaciosamente rebatido á testa.

Acima da brancura da roupa, abaixo da brancura do chapéo, umas nesgas de pelle morena, duas hirsutas sobrancelhas, dois grandes olhos escuros, vivissimos e um bigode...

Era esse bigode o traço distinctivo, predominante, preponderante, o que offuscava todos os demais e a todos se sobrepunha na minúscula personalidade do sr. Argemiro da Costa, até mesmo á alvura das roupas e do chapéo. Preto, crespo, entufado, enorme, marcial, aggressivo e fanfarrão, dividido com equidade, dava perfeitamente, para fornir, com sobras, o labio superior do ferrabraz mais truculento daquelles recuados tempos, em que esse adorno keratinoso, peculiar, salvo excepções faceis de se ennumerar, ao sexo feio, era com que um distico de valentia, nascido á sombra do promontorio do nariz.

E, na diminuta personalidade do nosso amigo, tudo, tudo se afinava pelo diapasão do bigode. O andar, a gesticulação, as attitudes eram mesmo as de um ferrabraz. A' cinta e na cava do collete, trazia sempre, nada fazendo por occultal-os, um revolver de bom calibre e uma faca, cujas dimensões, evidentemente, se não proporcionavam ao seu portador.

Isso quanto ao physico; quanto ao mais, era um bom companheiro, bem mais velho do que nós todos e sempre prompto a nos pagar duas ou tres rodas de chopps, quando, como frequente, nos achavamos reduzidos ao sol, ás brizas, á garôa e á chuva.

Devia ser só e possuir alguma coisa de seu, pois morava em uma boa pensão e fumava charutos regulares, que nós tambem fumavamos, até esvasiar-se-lhe a charuteira, a cada encontro nosso.

Foi por meu intermedio que elle ingressou para a nossa roda e do modo mais banal deste mundo.

Era uma tarde de chuva torrencial. Eu, sentado, a uma mesinha de um café excentrico, armado com o guarda-chuva e a capa de borracha, que não envergára, nem arvorára, mas, prevenido pelo cariz brusco do tempo, trouxera, substituia as galochas inexistentes por um calice de cognac.

O meu visinho era aquella figurinha branca — ou melhor — os meus visinhos eram aquelles bigodes. E os bigodes, rodeados de uma aureola branca, levantavam-se da mesinha, iam á porta a passo arrogante, tumultu-

tuosos e arrepiados, erguiam para as cordas d'agua os tufos sublevados, as grossas guias ameaçadoras.

Offereci-lhe — si tivesse de chegar á casa — o meu guarda-chuva, que falta me não fazia, pois tinha capuz.

— Que não. Que ficava muito grato á gentileza. Estava esperando uma estiagem para chegar ao ponto dos *taxis*. Entretanto, si quizesse ir com elle até lá...

Promptifiquei-me. Era tão perto, tão curioso o homem... Ganhava o guarda-chuva na transacção.

Com uma pobre prata de dois mil réis, que, nos meus bolsos, só tinha filhos e netos, bati no marmore da mesa.

O modorrento garçon, que a chuva mais entorpecêra, agitou-se mollemente, lá nos fundos do café e fez menção de levantar-se.

De costas para mim, o branco chapéo do vultinho branco oscillou e, á direita, á esquerda, excedendo as abas, o immenso bigode turbilhonava no ar, negativamente.

Não paguei o que consumira. Elle, só, sob o meu guarda-chuva, eu, só-sinho, dentro da minha capa, chegamos ao ponto.

— Vamos até ao meu cubiculo. Lá tomaremos um chá e o auto o levará ao seu destino.

— Queira desculpar-me. Tenho que fazer agora.

A matta de perobas e jequitibás que frondejava naquella minuscula sesmaria, teve um estremecimento, como si por ella passasse uma ventania regular. Aquillo devia ser o symptoma externo dessa contracção dos musculos labiaes, a que geralmente se dá o nome de sorriso.

— Conheço-o e sei perfeitamente quem é. Além disso, tenho um favor a pedir-lhe.

— Estarei completamente ás suas ordens.

— Agradeço-lhe. O pedido, sómente o farei si acceitar o meu jantar.

— Si tal é a condição *sine qua non*, que hei de fazer eu?

Jantamos mais que regularmente. O pedido era propol-o para socio do club de regatas e natação, a que eu pertencia. Prometti e cumpri.

Soffrivel nadador. De calção e camiseta, aquelle homenzinho era perfeitamente proporcionado com a musculatura equilibrada e bem distribuida. Dava a impressão de um athleta, que se olhasse por um binoculo ás avessas.

Mas, revestido de uma quantidade de pellos, tal que era de metter medo.

E o bigode, o pavoroso bigode...

Quando, após um mergulho, a sua cabeça emergia da agua turva, o que delle pingava não era menos do que o que corre de um chuveiro, cada vez que se puxa a corrente.

Porém, apenas encadernado de branco, atirava o panamá para a nuca, entufava o peito, recuperava o andar de mosqueteiro e lá se ia, atraz do bigode aggressivo, cujas guias, si não excediam, emparelhavam as abas do chapéu.

— Tem o typo de um heróe, que não fermentou — certa vez disse um lingua de boticario, que morava na bocca de um dos mais solidos consocios. E a coisa pegou.

Cara a cara, era o sr. Argemiro, excellente companheiro, proprietario de charutos, que cahiam como fructa madura e facil pagador de rodas de chopps; pelas costas, era o *heróe*.

E essas coisas, que se dizem na ausencia, são peiores do que as que vão directamente ás ouças da pessoa. Não levou muito tempo para que o homem

— perdão! — o diminutivo de homem, viesse ao conhecimento do cognome que lhe haviam addido.

Desde então, parece que o bigode ainda cresceu, a *pose* se accentuou mais.

Era falar-se em façanhas, citar um rasgo de heroismo e tinha-se logo a impressão de que cada fio do bigode virava espinho de ouriço cacheiro.

Nós já nos mettiamos nas encolhas, de medo, não da faca, mas dos charutos profusos, dos chopps faceis e do revolver... estourar um, sumirem-se os outros, hypothese essa certamente lamentavel.

Choveu. Choveu diluvianamente. O rio, cresceu, renteou as barrancas. Bem no meio do canal, a agua, de um pardo acinzentado, côr de argilla, levantava-se como uma crina de burro.

E aqui, alli, um ou outro flóco de espuma, emquanto os aguapés, arrasados pelo turbilhão, iam de mistura com mil e uma coisas varias, nellas pondo a nota verde-claro das suas folhas, a nota roxo-claro das suas flores...

O Elpidio, o nosso elephante — elephante pela massa e pela força, que, pela teimosia, até parecia jumento empacador — teimou que era capaz de atravessar o rio em canoé.

Perdido foi tudo quanto se disse, inclusivé ser elle tão bom nadador como qualquer kilo de vendeiro.

Na agua morta do remanso os remos gemeram nas forquetas a cada puxada larga daquelle bruto. O canoé, quando as pàs mergulhavam, parecia um cavallo esporeado.

O *heróe*, frondosa bigodeira á frente, as perninhas em angulo de trinta graus, olhava para o rio rugidor, como si aquillo fosse um fio de agua.

Mais uma remada, mais duas, mais tres..

Outra...

E o canoé entrou como uma agulha na crista do canal.

A agua referveu, attingiu, pesada, o largo hombro do Elpidio. Canoé e remador foram de cambulhada com aguapés e tudo que o rio transportava.

Alguns de nós correram para o barracão, a arrastar uma baleeira; outros, quasi todos, para alli se ficaram bestamente, a ver o esquife derivar e um braço, uma perna, a cabeça do Elpidio a baterem a agua, fazendo-as esparrinhar.

O *heróe*, de um só puxão, abriu paletot, collete e camisa, arrancados os botões de uns, rasgada outra. Assentou-se e, com a bigodeira mais eriçada do que nunca, sacou os sapatos.

De um pulo atirou-se á agua e sumiu. Boiando no remanso, ficou o panamá, como um grande flóco de espuma.

Quatro ou cinco metros adeante, emergiram a cabeça, os bigodes gotejantes e os curtos braços vellosos, a bracejarem furiosamente para o canal. Apenas cahiu nelle, como que as braçadas se multiplicaram. Gottas, esborrifando longe, alternadamente marcavam um semi-circulo a cada lado.

Da agua turva e revolta surdiu uma perna.

O homunculo aferrou-a e começou a puxar por ella, desesperadamente, correnteza abaixo, ora emerso, ora submerso pelos sacões violentos e convulsos.

Logrou attingir o canoé e atracou-se a elle, sem largar a perna.

O enorme vulto do Elpidio, a debater-se, por sua vez se agarrou á fragilima embarcação, como que tentando sahir dagua, subir, emquanto o *heroe* mergulhava...

A baleeira, puxada furiosamente a quatro remos, sem patrão, dava bordos de metter medo, estallava por todas as juntas, mas já estava perto.

Com uma das mãos atracado á bordo do canoé e com a outra como que soldado á perna que segurára, boiou a cabeça, boiaram, litteralmente, os bigodes do *heróe*.

— Segurem-no! Segurem que eu não posso mais!...

Com difficuldade immensa, corpanzil do Elpidio foi mettido a bordo, de companhia com uns poucos de litros de agua. Trataram, então, de salvar o salvador.

Não foi nenhuma lança em Africa. Um braço poderoso apanhou-o, deu-lhe um impulso valente e estava dentro, a pingar agua de todos os pellos, como si elle proprio fosse um esponja encharcada.

Abancou-se á popa, agarrou o leme e gritou:

— Remem!...

Emquanto o vulto do Elpidio, agora immovel, atravancava a embarcação.

Os remos foram puxados á matroca.

— Remem firme! Marque a voga!

E, obedecendo ao leme, descrevendo uma parabola de longo ramo, a embarcação centrou nas aguas mortas, remontou, marginando-o, o rio, de que nós todos e muita gente mais enfeitavamos as barrancas.

— Elle está morto!...

— Não está, é da agua que bebeu. — um piraquara respondia á mulata velha, que lançára o — “Elle está morto!”

A bigodeira hispida levantou-se para a margem como os espinhos de um ouriço enfurecido.

— Repiquem a voga!

Atacamos.

— Tratem d'elle, que eu vou tratar de mim.

E sumiu-se pelo barracão.

A agua, que o Elpidio despejou, antes de voltar a si, não entra em linha de conta. Foi uma succursal do diluvio. Não entram, igualmente, na mesma linha as massagens, as escovadellas de alcool e as tracções rithmicas da lingua, até que aquelle bicharoco desse signaes de vida.

Abatido, chato, espapaçado, a primeira interrogação, tão natural como idiota, foi:

— Então, eu não morri?...

Bem que uma hora se havia escoado nesses subsidiarios trabalhos de salvação.

Luzente, pisando duro, mais de branco do que nunca, arrogante sob o resplendor do panamá, salvo por um officioso, que não sentira o frio da agua, o *heróe* lá vinha atraz do bigode.

— Viva o *heróe*!... — berrou um de nós.

Si o revolver não houvesse bebido a agua do rio por quantas juntas tinha, não seria eu quem desse quatro vintens pela casca do enthusiasmaço.

Os olhos fuzilavam, cada fio do bigode parecia autonomo e ter ponta.

— Viva o *heróe*!... Vivô... ô...

Aos poucos, o bigode e o homem se foram aquietando.

— Estão convidados vocês para um jantar, amanhã, em que eu, a todos, tenho um pedido a fazer.

A' noite, encontrei-me com elle. O bigode, de tão enristado e aggressivo, na sua negrura, parecia o duplo chifre de um bezourão caído.

Entre o panamá e a roupa, porém, a caiação deixára uma estreita zona; — a cara morena, azul-pavão nos logares por onde a navalha passára, encavada nos bigodes, na abertura das narinas, nas immensas sobranceilhas e luminosos olhos.

Aproveitei o pé para descascar os imprudentes cabeçudos e mastodonticos, que julgam ser o volume tudo e fechei a tirada com uma phrase expressiva da minha admiração pela deliberada energia do seu acto, indo pescar aquella baleia, enquanto todos nós para alli ficavam plantados, á beira do rio, como si fossemos uma fileira de dois de paus.

Do meio para o fim — percebi-o pelos bigodes, pelas sobrançelhas e pelos olhos — já a coisa não corria tão bem. Achei de bom conselho dar um ponto provisório na bocca.

Acertei. Passado um instante, dizia-me elle:

— Vamos tomar uma garrafa de cerveja? Ha umas poucas de coisas, que me preocupam e, sobre ellas, queria saber o que pensa você.

Abancados em frente aos copos, encollarinhados de branco, a charuteira surgiu.

— Sirva-se.

Pontas cortadas, phosphoros accesos, as primeiras fumaças puxadas com vigor...

— Quantos companheiros teremos ao jantar?

Bacorejou-me qualquer coisa que nos estava achando numerosos demais para o seu heroico agape. Emfim, são coisas que acontecem. Para salvar um sujeito que se afoga, bastam boa vontade e saber nadar.

E' verdade que, no caso, havia umas tantas circumstancias especialissimas, como fossem o volume das aguas do rio, os volumes respectivos de salvador e salvado e outras mais.

— Quarenta, quarenta e poucos, sempre menos de cincoenta.

— Entre nadadores e remadores, comtudo, os socios são bem mais.

— Realmente. Cento e qualquer coisa.

— Não seria possível fazel-o comparecerem todos?

Pasmei! Era o inverso do que eu tinha pensado. Queria uma assistencia mais numerosa á sua glorificação. O tal pedido não passava de um simples pretexto. Em todo o caso, respondi, com a verdade:

— Impossível. Nem sessenta conseguiremos reunir.

— Pois, então, paciencia.

E a palestra tomou outro rumo.

Aquelles sessenta e poucos amigos, o jantar, comes, bebes e charutos, devia ter custado ao sr. Argemiro da Costa qualquer coisa como um conto e duzentos, ou um conto e trezentos.

Si, para os solidos, havia um limite, para os liquidos era o tone! das Danaides: — o fundo, não havia quem lh'o visse.

Post comes e durante os bébes, que se lhes succederam, já fumegando, aqui e alli, um dos charutos do amphitrião, começaram os brindes.

Brindou-se "ao heroismo, com que elle se lançára ás torvas aguas do rio enorme, indo buscar ao seu glauco seio uma existencia humana" — palavras textuaes de um representante da imprensa, que conseguira furar por baixo do panno; depois, o secretario do club fez um prolixo e confuso discurso, do qual se inferia a boa vontade de elogiar o consocio, que tal acto praticára.

Depois, outras, outras, até o proprio Elpidio, enorme, enchendo a solemne fatiota preta como, picados, carne e toucinho enchem tripa para linguça, usaram da palavra, encarecendo a acção do heróe.

O *heróe* torcia-se, remexia-se como si estivesse assentado sobre todas as pontas de uma carteira de alfinetes...

A cada *acto heroico*, a cada *heroe*, tudo quanto nelle era membro do sistema pilloso virava estrepe, com a ponta para fóra.

Pedi a palavra e alguma coisa disse tambem, sem falar em *heróes*, nem em *victimas salvas*.

Levantou-se o amphitrião.

Levantou-se é um modo de dizer habitual: — poz-se de pé. Igualou-os em altura.

Todos nós nos puzemos de pé.

Não tinha facil a elocução o nosso amigo. Perto de Demosthenes, mesmo com a bocca cheia de calhaus faria fraca figura.

Afinal, depois de um rosario inteiro de carços, de tamanhos diversos, sempre conseguiu safar-se da enrascada, perorando assim:

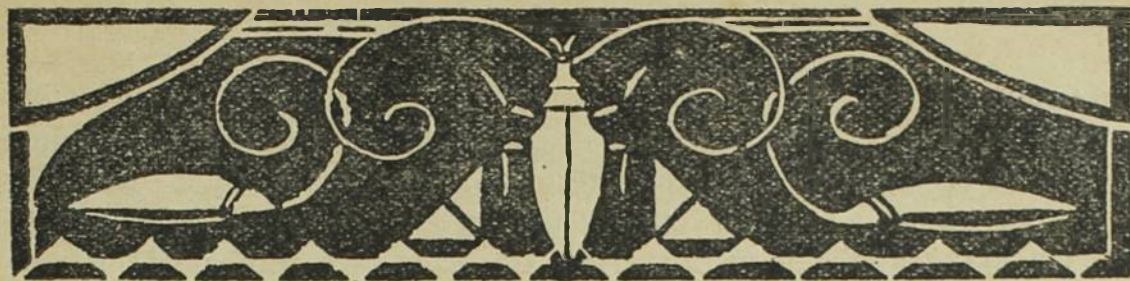
— Peço-lhes encarecidamente um favor: — quando a mim se referirem, nunca mais me chamem *heróe*...

Cara a cara, nunca mais um de nós teve a ousadia de chamal-o *heróe*. Era, sempre e para todos os effeitos, o sr. Argemiro da Costa.

Na ausencia, porém, era sempre — o *heróe*...

JULIO SCHEIBEL





AFFONSO XIII

Apesar do esplendor de seu talento, Blasco Ibañez não conseguirá talvez derrubar o throno de Affonso XIII. A attitude rebelde do escriptor hespanhol apenas produziu um certo espanto, direi mesmo um certo assombro, e até agora pouca gente o acompanhou no seu brado de guerra. A sua provocação encontrou pequeno éco; parece o grito de alguém que quer mais celebridade em torno de seu nome, e que para isso não recua diante de coisa alguma. O auctor da "Cathedral" demonstrou pouca habilidade e menos tacto ainda na escolha da victima destinada a glorificar-o mais do que suas obras o tem feito, pois o rei é adorado no seu paiz, onde a sua coragem e graça natural, sem pedantismo e sem alarde, são proclamadas por todos os lados na mais sincera manifestação de sympathia. A nobreza e a parte conservadora estão ao lado d'elle, defendendo-o, amparando-o, segurando-lhe com ardor o throno um tanto vacillante, deixando Ibañez proclamar á vontade o seu odio á monarchia, grital-o, angariar adeptos ou vozes que façam côro com elle, por lhes parecer todo esse esforço inutil e vão. A Hespanha Catholica, circumspecta, a Hespanha dos preconceitos e das tradições, viu-o nascer, e tem por elle desvanecimentos verdadeiramente maternas, desculpando-lhe certos impetos, ás vezes, pouco protocollares, certos actos demasiadamente espontaneos, certas expansões de "torero", amando o ruido e o aparato. Tudo lhe perdôa, e não fosse a furia sanguinaria que quer tragar thronos e instituições poder-se-ia affirmar que Affonso XIII seria rei até morrer. Mas quem nol-o garante? As ideias revolucionarias vão creando raizes fundas, dispersando sementes em campos diversos, implantando chimeras novas, sonhos oppostos aos de outr'ora...

Entretanto Affonso XIII protegido por um genio benefico que o não abandona desde o berço, desenvolvendo sobre elle uma vigilancia carinhosa, conserva com a sua espirituosa comprehensão da vida, um salão transformado em museu de curiosidades excentricas, uma variada collecção de objectos destinados a eliminal-o

da roda dos vivos, antes que a grande hora tenha soado. Ali se encontram reunidos, com as datas e designações indispensaveis, uma chupeta envenenada, uma immensa tina, onde "naufragou" na idade de trese annos, a bengala com que um cortezão estourado esteve prestes a arrancar-lhe a vista, alguns estilhaços de bombas de Barcelona, o couro esfarrapado de um cavallo, um fragmento do carro que o conduzia ao lado de Loubet, quando se deu o attentado da rua de Rivoli, e punhaes, facas, armas e projectis diversos, apanhados em conspirações frustradas e descobertas pela policia.

O espirito original do soberano diverte-se na contemplação dessas recordações que a outro, menos corajoso e mais taciturno, causaria dolorosa impressão: elle, porem, com a sua irrequieta juventude, seguindo apenas os impetos espontaneos que o animam, considera-os com uma risonha e complacente philosophia. Educado por uma mulher admiravel, o seu character formou-se recto, justo, bondoso, qualidades avigoradas por uma saude robustecida pela pratica bem dirigida dos esportes. Foi assim que de um rachitico e tuberculoso, surgiu um moço com musculos de aço, expedito, energico, pugnando por todos os ideaes humanos com uma simplicidade que emociona e uma vivacidade que encanta. Por isso, fiel a sua tradicional galanteria de "caballero", respondeu aos conselheiros que tentavam casal-o á filho dos duques de Conaught, allegando ser essa alliança proveitosa para a Hespanha:

— Devo, antes de mais nada, certificar-me se a princeza me agrada, pois estou resolvido a amar minha mulher, e não a escravisar-me ás conveniencias caprichosas da politica.

— Mas Patricia reúne todos os requisitos para ser uma rainha distincta — responderam-lhe formalizados.

— Sim, creio que seja uma criatura sem rival mas só me decidirei em seu favor se ella tiver olhos azues — insistiu elle risonho.

Comquanto quizesse examinal-a sem o auxilio das lentes diplomaticas, os jornaes e revistas propagavam esse projectado consorcio com indiscreção, descrevendo as graças da princeza, os seus gostos artisticos, a sua elegancia esbelta, mas o rei, tendo admirado no baile de Buckingkan a formosura loura de Elsa de Battenberg, que por interessante coincidencia possuia no olhar o tom delicado que tanto o impressionava, resolveu no silencio do seu coração, fazer della sua esposa. Até essa época, a sua existencia fôra de aventuras singelas de collegial escapado á attenção zelosa da familia, e por differentes vezes mencionaram-se factos nesse genero, tão interessantes que circulavam á guiza de anedotas. No banquete do Elyseu mesmo, tendo-se enthusiasmado por uma linda condessinha que o espreitava maliciosamente, pediu ao presidente francez para collocal-o a seu lado. Loubet coçou a barba com embaraço:

— E o protocollo, majestade, o rigido protocollo? Affonso baixou a cabeça succumbido, contentando-se em dardejar olhadellas bregeiras para a parisiense, que por seu lado não se mostrou offendida com a regia persistencia.

Logo que ficou determinado o enlace real, a Hespanha preparou-se para festejal-o com enorme fausto como convinha á imponente e decorativa aristocracia castelhana, mas ao desfilar o sequito entre alas de uniformes heraldicos, colchas de brocados riquissimos e coches sumptuosos estrugiu o estampido formidavel que levou a multidão a fugir apavorada sob a ameaça das patas dos cavallos e das laminas flammejantes dos sabres. E no meio deste tumulto, Affonso XIII com as mãos da noiva presas nas suas, ciava-lhe junto ao rosto banhado de lagrimas:

— Não me queiras mal por te fazer passar este susto involuntario, mas bem vês a culpa não foi minha!

Assegura-se na supersticiosa corte hespanhola, que a fatidica pulseira de esmeraldas, usada pela noiva durante alguns instantes, foi a responsavel por aquelle inicio de tragedia, e os que cercam a valorosa rainha, garantem que durante muito tempo, ella viu, constantemente na imaginação horrorisada, a sua longa cauda nupcial coagulada de sangue...

Hoje, o pesadelo esvaiu-se... Affonso XIII continua a ser, pelas expansões magnanimas do seu temperamento cavalheiresco, um personagem medieval, comprimido numa sociedade que se impertiga e encolhe na etiqueta rotineira dos seculos de antanho. Esse rapaz, a quem ha bem pouco tempo a sorte tratava de eleito, e cujo riso despreoccupado soava no austero palacio como o gorgear de um passaro, na ramagem sombria de um carvalho vetusto, tem um grave desgosto a empanar-lhe o brilho da physionomia: é a presença melancolica de seu segundo filho D. Jayme, surdo-mudo de nascença, que só á força de um trabalho evangelico de tenacidades, conseguiu articular a palavra mãe, esse vocabulo harmonioso e incomparavel, que significa hymnos de Amor, de sacrificios e de abnegações, e cuja piedosa evocação tem o dom de fascinar crianças e anciãos, commover o conquistador na orgia delirante das batalhas, prostrar o bandido e o sceptico, mas que sómente por uma dessas incomprehensiveis aberrações da natureza, não conseguiu enternecer o coração monstruoso de Nero.

ABEL JURUA



INNOCENCIA E MARIA

Ao Sr. Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay.

São duas creaturas delicadissimas, ternos corações apaixonados, suaves perfis de peregrina belleza, que o destino sacrificou em plena alvorada do amôr: *Innocencia*, flôr sylvestre do sertão brasileiro, e *Maria*, lyrio immaculado do mais rescendente jardim columbiano. A primeira surgiu pintada com as tintas magistraes do visconde de Taunay. A segunda se immortalisou evocada pelo mesmo coração que, n'um romance vivido e chorado, tanto havia sabido amal-a: Jorge Isaacs.

E' curioso o paralelo entre estes dois livros queridos: mas advirta-se desde logo que não tentaremos traçal-o, alem do mais porque fôra superfluo e ocioso escrever a respeito do nosso Taunay, tantas vezes definido e analysado pelos mestres da critica. Não importa, porem, que á margem de *Maria* ponhamos alguns commentarios, envolvendo n'um laço de sympathia as duas heroínas, que, por muitos titulos, merecem o nome de irmãs. A funcção social e litteraria de *Innocencia*, no Brasil, é perfeitamente comparavel á de *Maria* na Columbia e demais republicas hispanas. É essa afinidade, de projecções tão interessantes, merece posta em relêvo.

Nossas avós muito choraram lendo a historia amargurada da protagonista cujo drama amoroso Taunay debuxou com tanta arte e emoção. A narrativa, casta e sentimental, era digna do caloroso affecto grangeado em nossos antigos solares. *Maria*, outra donzella sem mancha, feita de delicadeza e ternura, commoveu, pela sua desdita nupcial, na Columbia e alhures, os mais puros corações femininos. Temos assim, entretendo a phantasia e a sensibilidade das nossas donas, as duas grandes figuras idyllicas da America Latina. E comprehende-se, pelo ambiente psychologico, pelo estado d'alma dos povos ibericos da America, a vasta popu-

laridade que desfructaram. Foram idolatradas com fervor por almas irmãs d'aquellas que adoraram Paulo e Virginia. A velha sociedade patriarchal das Americas, vivendo com doçura e calma a vida simples e perfumada dos lares puros e incorruptiveis, encontrava, nas peculiares paizagens descriptas pelos romancistas, e nas personagens de tão tocante e mimoso naturalismo, um espelho da natureza e da vida, capaz de emocionar até as mais intimas fibras do coração. E' forçoso proclamar isso, sem presumpções de critica modernista, que por não transportar-se aos tempos idos, encara aquellas obras pelo prisma contemporaneo, e as fulmina com o epitheto de *demodés*...

As duas irmãs idyllicas da nossa America, apesar de serem ambas imagens romanticas presas imbelles de puros amôres mallogrados, exhibem, comtudo, algumas differenças accentuadas. A heroína brasileira é, se assim se pôde dizer, mais nativista. O romance de Taunay é brasileiro no fundo e na fórma, panorama completo e perfeito do nosso sertão, com as opulencias da paizagem e as virtudes e os vicios do sertanejo. Quanto a *Maria* não deve ser considerada, sob ponto de vista de tanto rigor, obra tão caracteristicamente nacional. As paizagens e costumes, aliás esboçados com mão de mestre, não mostram, a variedade e o colorido dos horizontes de Taunay. Isaacs fugazmente corre o velario sobre o valle do rio Cauca, terra de encantamento, theatro do episodio novellesco. Em pinceladas rapidas, mas scintillantes, evoca um occaso, um diluculo, uma constellada noite estival. Aqui copiamos um dos diaphanos e vividos aspectos da paizagem caocana e nos dispensamos de offerecer a comparação com qualquer fragmento de Taunay, facil, aliás, de seleccionar, d'entre as suas copiosas telas de paizagista. Mais commodo, porém, e menos exhaustivo, será remetter o leitor ao livro mesmo de *Innocencia*. Quanto a *Maria*, traduzimos em prosa soffrivel esta visão animada da natureza:

“Attingia, afinal, a derradeira jornada da longa viagem, e inebriava-me uma das mais perfumosas manhãs de verão. O céu se vestia d'um matiz azul pallido: para as bandas do oriente e sobre as cristas altissimas das montanhas, ainda cobertas de sombras, vogavam umas nuvensinhas de ouro, como gazes do turbante d'uma bailarina, agitadas ao sopro d'um halito amoroso. Na direcção do sul, fluctuava a neblina que durante a noite tinha embuçado os montes longinquos. Atravessava campos de verdes alfombras, regadas de arroios, cuja passagem era obstada pelos grandes rebanhos, escapos ao redil para se banharem nas lagôas ou pascerem á sombra das latadas de arbustos e figueiras frondosas. Meus olhos avidos quedaram fitos, insaciavelmente, n'a-

quelles sitios occultos ao viajante pela copa de velhos bambuaes, e n'aquelles tugurios onde deixara almas virtuosas e amigas." (1)

Estas breves palhetadas, que sobrelevam como manchas impressionistas de toque rapido e expressivo, interrompem apenas algumas vezes a narrativa, aliás encantadoramente conduzida. Mas o scenario do rio Cauca não se desdobra jamais n'um panorama de folego, capaz de integrar o bello quadro em que se agitam com tanta naturalidade aquelles mesmos protagonistas, filhos do mesmo ambiente, creaturas dos mesmos penates.

Em *Maria*, todavia, não se recortam tantos typos locais, como em *Innocencia*. A propria heroina é, no fundo, uma estrangeira, esporadicamente nascida n'aquelle recanto: uma judia ingleza d'olhos garços e trança loura, a fazer contraste com os triqueiros e os morenos do paiz. O acaso conduziu-a a uma fazenda do valle do rio Cauca, na Columbia, afamado pelas galas do seu clima tropical, de tal sorte que Cornelio Hispano, o artista incomparavel, para evocal-o, pensou primeiro na Hellade — no valle dourado dos poetas, dedicado ás musas, onde, perto do Helicon, fluia a fonte Hypocrene; ou n'aquelle da Thessalia, entre o Ossa e o Olympo, o mais bello de todos, ponto de entrevista e deleite dos deuses; ou ess'outro que Ovidio chamou Cysneia, em lembrança de Cicno e do Cysne; ou aquelles logares de sonho, nos montes Albanos, que se divisam, á hora crepuscular, dos altos cyprestes da sumptuosa Villa Adriana, em Tivoli, onde, antigamente, o imperador romano que lhe deu o nome, quiz saborear até á morte a saudade das suas viagens remotas. São palavras fieis d'esse enamorado do torrão natal, o requintado Cornelio Hispano, que tem sabido cultivar, no horto dos seus penates, as mais puras, louças e perfumadas flôres de belleza. Elle mesmo recorda a Fazenda do Paraiso, ninho lendario dos amôres de Maria, a quem, com justo elogio, consagra "a mais divina e candida flôr de poesia, que haja aberto as petalas embalsamadas nos jardins d'America, nascida, como Aphrodite do mar azul, d'aquelle valle feliz e do genio oriental de Jorge Isaacs." (2)

Diz bem Hispano — uma flôr de poesia. *Innocencia* é mais complexa e mais americana, perfeito exemplar de sertaneja no physico e no moral, e não se limita a "passar pela vida em branca nuvem" nem "em placido regaço adormecer", porque encerra, nas dobras da sua psychologia, algo mais penetrante, mais transcendente, mais significativo para o estudo do nosso character primi-

(1) *Maria*, por Jorge Isaacs, ed. definitiva, Livr. Columbiana, Bogotá, 1923.

(2) In "Chromos", Bogotá, n.º 328, 1922.

tivo. O namorado Cirino é também um typo característico da nossa gente. O apaixonado de Maria é um primo, Ephraim, da mesma raça alienígena, a encobrir a própria personalidade do illustre judeu-colombiano, Jorge Isaacs. Mas esses pequenos detalhes, de interesse americano e de relevo sociológico, não affectam, em verdade, o brilho, o vigor, a espontaneidade da narrativa caucana, capaz de adaptar-se, pela universalidade do thema, a todos os ambientes, e em toda a parte triumphar, episodio eterno e invariavel em que o scenario apparece como attributo menos primacial.

Outro ponto de dissemelhança das duas historias, reside na authenticidade dos amôres do colombiano, enquanto que o brasileiro não foi protagonista do idyllio de *Innocencia*. Maria, em realidade, viveu e soffreu; o romance traduz a maguada lembrança dos minutos felizes e das horas amargas: o autor limitou-se a narrar, palpitante de nobre emoção, a desdita d'aquelle immenso amôr de que fôra elle mesmo um dos comparsas. Taunay compoz o livro com a sua delicada phantasia e a observação fiel e sagaz do meio, que conheceu e estudou de perto. Por isso, quiçá, parece-nos *Maria* mais uma narrativa, enquanto *Innocencia* é bem um romance. A trama do livro brasileiro se desenvolve com interesse, vivacidade, intensidade, variedade. Ha episodios concurrentes, que robustecem o argumento central, e quebram a monotonia do enredo, com a apparição de admiraveis personagens do ridiculo humano. A obra resulta, assim, duradoura, architectada com a maestria d'um completo artista, que, pelo cuidado dos detalhes, não prejudica a harmonia e a homogeneidade do conjuncto. *Innocencia*, creação d'arte, pôde transpor as nossas fronteiras, e está hoje traduzida em todas as linguas vivas, desde o sueco até o japonéz.

Em Bogotá venho encontrar, a proposito, e com surpresa, uma traducção hespanhola do romance de "Sylvio Dinarte".(1)

Certo, não será das mais primorosas. Nella avultam alguns senões, que de certo modo desmerecem o original. A semelhança dos dois idiomas induz muitas vezes o traductor a copiar vozes parecidas, que adulteram por completo o sentido real. Abre-se a traducção com um prologo d'uma das figuras mais representativas da intellectualidade columbiana, a do abalisado critico e historiador litterario Dom Antonio G. Restrepo. E elle não deixa de lembrar o parenteso proximo das duas heroínas, a de Taunay e a de Isaacs, no grupo de todas as sentimentaes silhuetas de jovens mulheres na fatalidade da paixão inicial infeliz. Maria é

(1) Bogotá, Livraria Americana, 1905.

moça de meio social mais educado do que Innocencia; o seu perfil se desenha mais apurado e elegante. Innocencia, porem, symbolisa, com caracteres fortes inconfundiveis, um typo que, com ser mais plebeu, resulta, entretanto, mais original e capitoso, flôr d'uma raça vigorosa e bravia, no quadro inexcedivel da natureza do nosso *hinterland*. Annotarei, de passagem, que os hespanhoes traduzem por *llano* (1) a palavra *sertão*. Restrepo cita o argentino Echeverria, em abono da traducção, por evocar, com a vivacidade da poesia, o sentido do vocabulo hispano, que elle suppõe identico á palavra portugueza. "Campos e herdades — refugio das aves e das feras — céu e solidão — o deserto incommensuravel..." Não é precisamente assim. O sertão talvez seja isso e muito mais. Os hespanhoes necessitam da palavra nova, para photographar a idéa ingente do que encerra esse aspecto da nossa antropogeographia. *Llano*, en rigor etymologico, corresponde ao nosso "chão", e, n'um e n'outro caso, retroage-se ao latim *planus*. Dest'arte, o conceito real e estrico de *llano* encontra-se em planicie, esplanada, superficie terrestre sem accidentes orographicos. Echeverria ampliou um tanto esse sentido, mas sem prejudicar o significado tradicional da palavra, pois é bem sabido o que significa o *llano platino* — a planicie extensissima, jamais interrompida, vasta como um oceano. Ora, *sertão*, oriundo de *deserto*, é o logar sylvestre mais afastado dos terrenos cultos: não implica em absoluto a noção de planicie. Seguindo o genio da lingua hespanhola, o traductor poderia ter optado pelo neologismo — *sierton*... Com essas minimas restricções, é força agradecer o sympathico labor do belletrista bogotense que verteu o romance brasileiro para a sua lingua, e merece figurar, sem desdouro, entre muitas outras traducções hespanholas da obra-prima de Taunay, que se encontram em varios paizes americanos e mesmo na Hespanha.

Palavras amabilissimas de Gomez-Restrepo mostram como os intellectuaes columbianos receberam com effusão de sympathia a legitima irmã mais velha da heroina de Isaacs. E reafirma que ambas são candidas creanças, que brincaram e amaram em scenarios parecidos, em nossa America selvatica e grandiosa. Ambas aureoladas por infinita doçura. Ambas immortalisadas em linguagem magnifica: a de Isaacs, n'um estylo que parece surdina de sentida melodia, a de Taunay, n'um painel que realisa todos os contrastes de harmonias luminosas, em côres intensas ou esbaltadas... Ambas, principalmente, fizeram correr muitas lagrimas enternecidas.

(1) Pronuncia-se *llano*.

Por concluir estas annotações á margem da novella columbiana, pediremos a Isaacs o retrato da sua heroína, e ficará, assim, ainda uma vez, revelado o contraste entre as duas irmãs, a plebéa, singularmente embellecida pela natureza, e a aristocratica, herdeira d'um perfil ennobrecido. *Maria*, queixa de amôr, aljofrada de lagrimas, na intimidade das flôres, das rendas e dos coxins. O protagonista e romancista do mallogrado idyllio, recorda-o emocionado e não se preocupa com uma fabulação movimentada e variada. Por isso, quasi se cinge á narrativa em estylo compassado e choroso. Não se detem, não se alonga, em nenhuma paisagem pintada em larga tela, e principalmente carece do contraste das nuanças vigorosas, que o meio tropical reclama do escriptor, e de que soube Taunay extrahir tão bellos e surprehendentes effeitos. As personagens centraes de *Maria* exprimem uma transplantação de raças. Os sertanejos de Taunay traduzem, com mobilidade e realismo, caracteres exactos do viver agreste da nossa gente do interior remoto. Innocencia surge, assim, como a flôr delicadissimã da nossa selva desconhecida e mysteriosa.

“*Maria* — diz Jorge Isaacs — occultava-se tenazmente á vista, mas bem pude admirar nos seus olhos o brilho e a formosurã dos das mulheres da sua raça, em duas ou tres vezes em que involuntariamente se encontraram com os meus; seus labios vermelhos, humidos e graciosamente imperativos, mostraram-me, por um instante apenas, o velado primor dos seus lindos dentes. Tinha, como minhas irmãs, a abundante cabelleira castanha disposta em duas tranças, ao alto d'uma das quaes prendia um cravo encarnado. Usava um vestido de vaporosa musselina, quasi azul, transparecendo apenas parte do corpinho e da saia, pois uma mantilha de algodão fino côr de purpura occultava-lhe os seios e a nuca d'um branco eburneo. Ao jogar as tranças para traz, d'onde se escapavam quando se inclinava, admirei-lhe a plenitude dos braços deliciosamente torneados e as mãos aristocraticas como as d'uma rainha...”

Feito para o confronto, é est'outro trecho do nosso Taunay, em que reçumam outras intenções litterarias.

“Cahia então luz de chapa sobre ella, illuminando-lhe o rosto, parte do collo e da cabeça, coberta por um lenço vermelho atado por traz da nuca.

Apezar de bastante descorada e um tanto magra, era Innocencia de belleza deslumbrante.

Do seu rosto irradiava singela expressão de encantadora ingenuidade, realçada pela meiguice do olhar sereno, que, a custo, parecia coar por entre os cilios sedosos a franjar-lhe as palpebras, e compridos a ponto de projectarem sombras nas mimosas faces.

Era o nariz fino, um bocadinho arqueado; a bocca pequena, e o queixo admiravelmente torneado.

Ao erguer a cabeça para tirar o braço de sob o lençol, descera um nada a camisinha de crivo que vestia, deixando nú um collo de fascinadora alvura, em que resaltava um ou outro signal de nascença. Vinha vestida de uma saia de algodão grosseiro e, á cabeça, trazia uma grande manta da mesma fazenda, cujas dobras as suas mãos prendiam junto ao corpo.

Estava descalça, e a firmeza com que pisava o chão coberto de seixinhos e gravetos, mostrava que o habito lhe havia endurecido a planta dos pés, sem lhes alterar, comtudo, a primitiva elegancia e pequenez."

Ahi estão photographadas amorosamente as duas heroínas e as silhuetas se recortam bem diversas. Os noivos merecem comentarios identicos. Ephraim é primo de Maria, oriundo da mesma familia. Cirino, apaixonado de Innocencia, traduz figura bem viva do nosso meio. A grande affinidade entre os dois romances, assignala-se na coincidencia do thema amoroso, a dedita d'um infinito e predestinado amôr, que mal desabrochava: antigo e eterno motivo litterario, fonte de tantas obras immortaes. Declinam as escolas litterarias, passam de moda, mas Paulo e Virginia cnotinuum a commover as mulheres. Força é reconhecer que Taunay soube forjar um enredo apezar de tudo attraente e original, e grangeou, com isso, uma posição mais selecta nas lettras e sua heroína sobrevive na litteratura e na popularidade, hontem como hoje, sem mostras de declinio.

Isaacs sobreleva sob outros prismas, que merecem ainda postos em fóco. Mais enternecido, mais sentimental, realisou com verdadeiro requinte o que se poderia chamar a quintessencia da ternura e da melancholia. No fundo e na fórma, a historia de Maria constitue uma sonata melodiosa, a padecer, porventura, a monotonia d'esse mesmo encanto inalterado, e assume, ás vezes, accentos doridos d'uma tristeza cosmica, transcendente, impressionante. Insistindo, da primeira á ultima pagina, em tecla identica, em rythmo uniforme, o escriptor, entretanto, não descahe d'um estylo castigado e loução, harmonioso e commovido. Começa assim: "Paginas queridas, demasiado queridas, talvez. Meus olhos tornam a chorar sobre ellas..." E assim termina, diante

do tumulo da amada morta: "Ergui-me, para collocar sobre a cruz uma grinalda de rosas e açucenas, e de novo cahi abraçado á haste de marmore, a soluçar, para dizer a Maria e ao seu sepulchro o derradeiro adeus..."

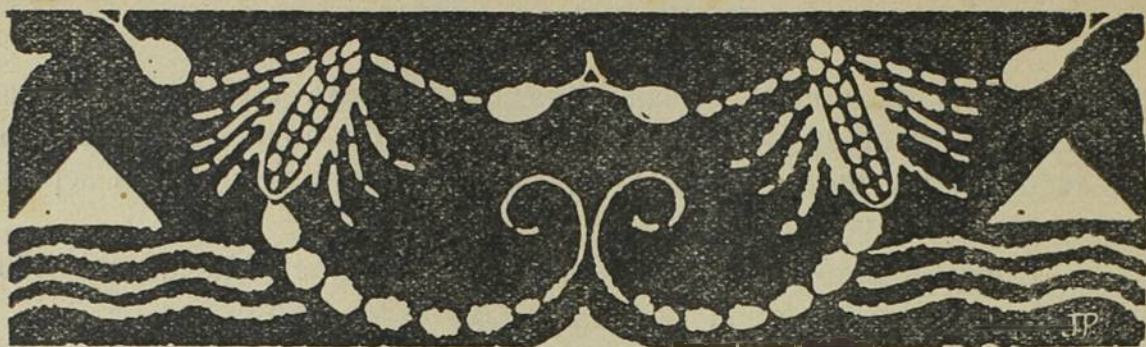
Comprehende-se, n'este consoante, porque Maria foi tão amada, e sel-o-ha ainda por muitas gerações femininas.

Como quer que seja, Innocencia e Maria encarnam, em nossa passional e idealista America Latina, o idyllio casto e soffredor, e não desmerecem em cotejo com tantas outras historias da mal-sinada paixão primeira, sejam de Chateaubriand, de Saint Pierre, de Shakespeare, de mil outros, que, desde a aurora da humanidade, renovam sem cessar o thema eterno. Innocencia e Maria se immortalisam, aureoladas de suavissima e imperecivel poesia...

Santafé de Bogotá, 1924.

ARGEU GUIMARÃES





DENTRE AS DOBRAS DO BUREL

*Sonhou, adolescente e socegado,
Com a beleza de um mundo mais perfeito,
E pondo o olhar no céu, todo enlevado,
A elle deu-se todo como eleito.*

*Um dia o coração dentro do peito
Reclamou a bater descompassado:
Um lar! Amor! a comunhão de um leito!...
E ninguém respondeu ao desgraçado.*

*Era tarde demais, jámais podia
Beber na fonte pura da alegria
Gotta siquer que não soubesse a fél.*

*E dentre as fundas dobras do burel
Maldisse a vida, a fé, maldisse a sorte,
Como um grito na sombra — morte! morte!...*

YAYNHA PEREIRA GOMES

O SABBAT

*Noite. Nesta hora morta, o silencio acordando
Das cafurnas da serra e da matta sombria,
De visões e sacys sae um immenso bando,
Para o negro Sabbat de extranha liturgia.*

*E no bosque sagrado é que o officio nefando
Se celebra em surdina, enquanto psalmodia
Na harpa eolea da fronde, em sussurro, passando
O soberbo Aquilão ou a brisa erradia.*

*E levanta-se o côro augural e execrando
Pela florida nave... O rito principia
Com corujas febris, de olhos negros, piando...*

*Mas um ignio clarão no Oriente... A cotovia
O canto prorompeu. E' a aurora. Eis sinão quando
Apavorado foge o bando, á luz do dia!...*

KYPRIS

*Núa. O cabello solto entre o pescoço breve,
Sobre o frouxel do mar Kypris paira e reclina...
Os bicos do seu peito estremecem de leve
No perpassar da vaga e da espuma hyalina.*

*E dos hombros um manto escuro circumscreve,
Tombando ao ventre arqueado e nas ancas se fina,
— Negro, realçando mais ao seu corpo de neve
A brancura lyrial e a plastica divina.*

*Lubrica, a pompear as perfeições redondas
Dos seus fartos quadris com saliencias de ondas
No remanso flutúa e, preste, á praia ruma.*

*E, sahindo do mar, quando o seu banho encerra,
Tremula ao frio vento, Ella vem para a terra,
Vestida de coraes e calçada de espuma!*

OS CYSNES

*Era um manso casal de cysnes de alvas plumas
Que, outr'ora, ao lago azul dava sereno encanto;
E era vêl-o a vogar, entre juncaes e espumas,
Enchendo de esplendor o placido recanto.*

*Mas, um dia presago e de cinerias brumas,
Rolaram pelo ambiente as estancias de um canto...
Echoaram pela Terra e Céu em fóra, e algumas
Tinham a entonação dolorosa de um pranto.*

*E' que no lago azul, em plena soledade,
Um do manso casal de alvos cysnes morria
E, ao morrer, soluçava a nenia da saudade.*

*D'ahi por diante, evoca um bem que não existe,
O cysne que escutou os threnos de agonia,
Perdidamente langue e esbeltamente triste!*

TRANSFIGURAÇÃO

*De joelhos no chão e olhos postos na altura,
Magdalena ergue ao collo o rosto de Jesus...
E o sol que se vae pôr na immensa curvatura
Tece-lhe em torno á frente uma auréola de luz.*

*Tem no meigo semblante a expressão de amargura
E pelas faces cáem as lagrimas, a flux...
No Golgotha sombrio, em spectral figura,
Abre sinistramente os braços uma Cruz.*

*Aconchegando ao seio a cabeça do Christo,
Afaga-lhe com pranto os laivos dos espinhos,
Sana-lhe a dor cruel das chagas sanguinosas.*

*E, ao abaixar o olhar — oh! milagre imprevisto —
Vê brotar do Calvario aos sáfaros caminhos,
Como um rastro de sangue uma estrada de rosas!*

A. CESAR GODOY



CRÓNICA PARISIENSE

A *saison* começou brilhantemente, este anno, com o Salão do Outomno e os Bailados Suecos. Attinge, neste Dezembro de neblina, de pelles e de festas, ao apogeu.

O Salão não trouxe surpresas nem revelações. Confirmou simplesmente a tendencia modernista da jovem pintura internacional e o valor indiscutível dos mestres. Ao lado do cubismo integral de Gleizes e do cubismo applicado de Léger, Braque e Lhote, surge uma arte mais accessível ao vulgo, derivada directamente das lições vanguardistas. Nota-se, juntamente com esse movimento, a grande moda do primitivismo. Na esculptura, o mesmo phenomeno. O grande friso de Besnard para a Exposição de Artes Decorativas de 1925, apresenta todas as características desse rejuvenescimento pelo archaico.

Nossa contribuição para esta como para outras exposições é, como foi sempre, pequena. Felizmente podemos apresentar Brecheret, e, fóra do Salão, Tarsila, Anita, Yan e Di Cavalcanti. Neste Salão de 1924, a *Madaleine aux parfums* de Brecheret eleva-nos á altura das nações civilisadas. A critica não lhe poupou elogios. Sua esculptura monumental e synthetica, de linhas puras e de volumes cheios, interessa elite e profanos e provoca commentarios os mais disparatados. O Salão é um verdadeiro annuncio mortuario da arte antiga, cujas telas passam já despercebidas no meio da manifestação unanime de saude e de alegria.

Os Bailados Suecos desembarcaram em Paris com mais novidades. Con- vem confessar que o programma este anno não é dos melhores. Tirando a *Création du Monde*, *Skating Ring* e *Relache*, o resto não vale grande cousa. Os bailados Foujita-Manuel e Pirandello-Casella são de uma banalidade desesperante. Isto vem confirmar o triumpho completo do cubismo que se revigora ainda com a nova orientação de Picasso na pintura, e, no cinema, com *l'Inhumaine* de Marcel L'Herbier e os numerosos films simultaneistas.

Em literatura a grande novidade é o livro de Blaise Cendrars, dedicado aos amigos brasileiros e que versa toda sua viagem ao Brasil. *Feuilles de Route* são notações rapidas e cinematographicas, recheiadas de raras imagens e apimentadas, ás vezes, com o mesmo lyrismo dos poemas de *Du Monde Entier*. A technica do livro lembra *Kodak*. A mesma ausencia total de literatura, a mesma maneira directa e quasi secca de apresentar a emoção. Nenhum desenvolvimento, nenhum ornamento. Nem flores, nem rendas, nem perfumes de barbeiro barato. É a synthese absoluta, a simplicidade cora-

josa, a vontade firme de não ceder á tentação da melodia, da serpente esthetica. Hontem, em casa do pintor Yan, Oswald de Andrade definia *Relache*, o bailado de Picabia-Satie, pela ausencia de esthetica. Póde-se estender a observação a toda a arte moderna.

Paul Valéry é o antipoda dessa concepção. E' o homem da Esthetica com um E maiusculo. Sua obra edifica-se sobre os alicerces apodrecidos do velho classicismo. Classicismo de forma que não devemos confundir com o classicismo de fundo para o qual tende a arte moderna. O verso syllabico e a rima são tabus para Valéry. Não se afasta das regras. Seu pensamento procura nas ruinas da Grecia um apoio e uma inspiração que não conseguiu encontrar na época fulgurante em que vivemos. Espirito que se quer geometra e que não passa de metaphysico. Como si a vida quotidiana e chã não fosse poetica e sublime em si, esforça-se para realisar a obra prima com ajuda de archeologia e abstracções. Leonardo, os gregos, a mathematica, a dansa, Platão e Socrates, tudo se mistura no cerebro pequeno do philosopho perdido no caminho das Musas. Ha, entretanto, em *Variété*, seu ultimo livro, paginas recommendaveis e mesmo admiraveis sobre a Europa de depois da guerra. Mas, espanta-me sua real influencia sobre a França de hoje. Thibaudet que é mestre na arte de analysar os homens-mães, isto é os que abundam em discipulos e em plagiadores, colloca-o ao lado de Maurras, Barrés, Mallarmé. Não creio que a posteridade o conserve nesse logar de destaque.

Felizmente a leitura do novo romance de Joseph Delteil, *Les Cinq Sens*, repousa e reconcilia-se com a vida. Delteil é um espirito extraordinario. Seu livro encerra as mesmas qualidades dos precedentes, ampliadas, porém, com mais vigor. Imagine-se a historia de uma epidemia mysteriosa de peste, invadindo o mundo após surgir inopinada e sorateiramente de um tubo de cultura de microbios perdido numa rua de Paris e esmagado pelo pé innocente de um transeunte pacato. A peste alastra-se. Os sabios e a sabia, cuja caricatura lembra a Vacalière Elsa de Mac Orlan, descobrem que a salvação está no frio. Eis que, immediatamente, as migrações dos povos para o polo começam. Mas não chegam lá tão facilmente. Levantam acampamento num porto norueguez onde se desenrola um extraordinario romance de amor e fome, de mysticismo e de aventuras. O espirito, a verve, o absurdo das situações, o inesperado das imagens verdadeiramente rutilantes, fazem desse romance uma das obras mais audaciósas da jovem literatura.

Joseph Delteil faz parte do mesmo grupo que André Breton de quem acaba de apparecer o "Manifesto Superrealista". O superrealismo está na moda. Ha revistas superrealistas, peças de theatro e até films. No fundo, André Breton chove no molhado. O superrealismo existe ha muito tempo. Apollinaire, Cendrars, Cocteau e outros já o empregaram. A attitude dos mestres de escola é sempre antipathica. E, para dadaista o fim é lamentavel.

Passando a um genero completamente opposto, parece-me necessario recommendar o excellente volume de André Maurois, candidato ao premio Goncourt: *Dialogues sur le commandement*. Já conhecia Maurois como humorista e como biographo. Seu novo livro é mais serio. Trata de politica. Passa em revista algumas idéas muito discutidas desde a guerra mundial. Põem novamente em discussão a capacidade dos generaes e dos chefes politicos. Para todo brasileiro que se respeita e que, por conseguinte, gosta de politica, esse livro é de leitura indispensavel. Um tenente, incarnando o espirito militarista e nacionalista e as idéas de ordem e de disciplina, discute com um philosopho transigente e republicano liberal. As conclusões são mussolinicas e favoraveis ao tenente... e muito discutiveis. Mas não se ha negar o talento de Maurois, nem o estylo conciso e energico, nem, tão pouco, a argumentação captivante e intelligente.

A luta pelo premio Goncourt que me lembrou André Maurois, faz-me também pensar em Fernand Fleuret, autor de *Derniers Plaisirs*, que juntamente com Henry de Montherlant, parece um concorrente serio. *Derniers Plaisirs* é original por não cair na banalidade tratando-se de Don Juan Fleuret imagina um Don Juan velho e impotente, que para fugir *des ans l'irréparable outrage* vai morar na Flandria com um filho innocente e mystico de cuja educação sentimental elle se encarrega. Os effeitos dessa educação não se fazem esperar. Mas a moral profundamente chritã do rapaz impede a realisação de todos os sonhos do velho pae. Com muita diplomacia e usando de sua autoridade Don Juan consegue fazer com que o filho se case. Mas é o pae que escolhe a esposa e que conduz os recém-casados ao leito nupcial. E o velho devasso vive carne do filho os ultimos prazeres. Para isso, passava as noites num quarto contiguo a espiar e escutar. Acontece, porém, que Don Alvarez, certa noite, ouvindo barulho, vai ver e, não distinguindo bem, na obscuridade, mata seu proprio pae pensando matar um ladrão. A dôr e o remorso fazem-no repudiar a mulher e assentar praça no exercito. Depois da guerra volta Don Alvarez para a Espanha e faz-se frade num convento. Mas envelhecera tanto que o tomam pelo pae. Eis porque em Sevilha adoram um falso D. Juan. Fernand Fleuret revela-se um excellente conteur. Rapido na narração, original no enredo, feliz na forma.

Em materia de critica literaria, appareceu ultimamente um livro muito bom de Benjamin Crémieux, *XXème Siècle*, que merece e obteve os maiores elogios. B. Crémieux é o conhecido critico das *Nouvelles Littéraires* e da *Nouvelle Revue Française*. Juntamente com Edmond Jaloux e Albert Thibaudet, mostra-se um dos mais inteligentes literatos e um espirito absolutamente acima de todas as escolas. Seu livro contem paginas bellissimas sobre os modernos francezes. O estudo detalhado e fino sobre Proust, por exemplo, é um dos trechos de critica literaria mais perspicazes que conheço. Crémieux tem uma grande admiração por Valéry-Larbaud; por isso a pagina que consagra ao autor de Barnabooth distingue-se das outras pelo lado condescendente e meigo.

SERGIO MILLIET

P. S. — Os jornaes da tarde trazem o resultado inesperado do premio Goncourt. Ganhou-o Thierry-Sandre, autor de um romance pouco conhecido *Le Chèvrefeuille*.



CAPITULOS DE UMA BIOGRAPHIA PERDIDA DE CAXIAS

VII

A noticia da proclamação da maioridade foi recebida com fervoroso entusiasmo nos pontos occupados pela legalidade. Em Porto-Alegre os festejos forão estrondosos.

Apezar do cerco, as illuminações, os bailes e as manifestações mais uma vez confirmarão os sentimentos monarchicos da população, sentimentos esses acrysolados em uma luta de soffrimentos e sacrificios.

Julgou asada occasião o marechal Andréa para abrir negociações com os rebeldes, e authorisou o marechal Gaspar Francisco Menna Barreto para as entabolar. No tempo do Dr. Saturnino, fôra elle tambem que as iniciára. Seu character, indole e antigas relações tornavão-no proprio para negociador da paz. Naquella tentativa nada conseguira; a revolução exigia condições incompativeis com a Constituição brasileira.

Quando os prodromos da negociação ficarão estabelecidas, o Presidente dirigio-se á Bento Gonsalves em 16 de Agosto, enviando-lhe a proclamação do Imperador, a fim de a fazer chegar a seus soldados. Por mais que a tradicção haja avolumado os ditos agudos ou as expressões bruscas usuaes no Barão de Caçapava, nada exagera. Porto-Alegre conserva populares muitos de seus despachos e respostas, e a sua correspondencia official trahe esse estylo brusco tão celebrado. Assim, no proprio officio em que fazia ouverturas a Bento Gonsalves, sem todavia falar na paz é digno de notar-se o introito.

Diz elle: "Sendo reconhecida a maioridade de S. M. O Imperador o Sr. Dr. D. Pedro 2.º, forão-me enviadas as proclamações que V. S.^a achará inclusas *para as fazer chegar ao conheci-*

mento de todos os subditos do mesmo Augusto Senhor; e porque o modo mais franco de o fazer para o lado onde existem as forças dissidentes é entender-me com o seu chefe, tomei essa deliberação e V. S.^a fará dellas o uso que achar mais conforme á justiça e a bem geral. Por attenção a V. S.^a tambem adjunto alguns exemplares da proclamação que hontem fiz circular."

O chefe dissidente, nada vendo nessa carta de referente a negociações de paz, foi o primeiro a mencioná-la em sua resposta de 21, e então Andréa indicou-as. Erão muitas latas e asseguração todos as garantias possiveis aos dissidentes. Respondeo então Bento Gonsalves em uma carta que será um dia balanceada pela historia quando houver de aprofundar a accusação feita na camara ao partido liberal, de ter agitado o paiz em pról da maioridade, á fim de derrubar o partido Squarema.

"Existe em meu poder a carta de V. S.^a com data de 21 do corrente, em resposta á minha de 20 do mesmo, e como V. S.^a me diz que não tendo motivos para saber se a proclamação de S. Magestade o Imperador seria bem acceita, não devia adiantar a mais seus passos, do que communicar-o lealmente a mim. Cumpre-me declarar-lhe que se V. S.^a tivesse fallado sobre este assumpto com o marechal Menna Barreto, saberia delle qual minha opinião á respeito, pois em uma de nossas ultimas conferencias no tempo do antecessor de V. S.^a, eu propuz-lhe verbalmente como base de todo e qualquer arranjo, a declaração da maioridade do mesmo augusto senhor e por consequencia sendo esta como foi proclamada, facilitava então os meios para tratar-se da conciliação e da paz. Se o povo rio-grandense levantou-se em massa para resistir á oppressão, foi convencido de não poder encontrar felicidade sob a influencia de governos excepcionaes, que desconheciam todos os direitos do homem e violavam todos os principios de justiça e liberdade. Agora porem que o jovem monarcha dirige o timão do estado, tem elles concebido as mais bellas esperanças de melhoramentos, e pensam com razão que hade mudar a marcha dos negocios publicos.

Nesta hypothese apenas recebi as primeiras proclamações do Sr. D. Pedro 2.^o, aproveitei-me logo de tão provavel ensejo, e procurei entender-me directamente com o Governo Imperial, por intermedio de um de seus ministros; correspondencias minhas neste sentido já lhe forão dirigidas, é de esperar que mui breve receba resposta ou decisão dellas; e então me persuado que sem quebra da união e da integridade do imperio se apagará o archote da guerra civil nos braços da concordia e da fraternidade, para o que empregarei toda minha influencia e popularidade."

Era pretensão de Bento Gonsalves, que o proprio Antonio Carlos ou seu irmão Martim Francisco fosse a seu acampamento negociar a paz. O primeiro fôra sempre um defensor extremo dos rebeldes na camara temporaria, mantendo com elles activa correspondencia e atacando toda a politica que não consistisse em um systema de moderação difficil de emprehender-se quando se observava que as authoridades legaes erão as primeiras a fazer ouverturas de paz, conceder annistias.

Conhecidos esses factos, que davão força e prestigio ao partido que influenciava sobre os audazes e obstinados revoltosos do Rio-Grande, muitas erão no paiz as esperanças de que a sua ascensão ao poder, terminasse essa lucta que já cançava a nação. Assim a possibilidade de um accordo parecia segura.

O governo satisfazendo os desejos do chefe da revolução, mandou sem character official o deputado Francisco Alvares Machado para ir em missão ao Rio Grande do Sul.

Fôra este durante annos tambem extremo defensor dos revoltosos e devera-lhes a fineza de pouparem-lhe a vida e liberdade de um irmão que na derrota do brigadeiro Cunha, na serra, fôra aprisionado. Estava o presidente de S. Paulo convencido das virtudes typicas dos homens da revolução e mais ainda, da influencia que sobre elles exercia pelos seus serviços e vigor de palavra e intelligencia.

No dia 30 de Setembro sahio mar em fóra pela barra do Rio de Janeiro, Alvares Machado para cumprir sua missão. Chegando ao Rio seguio logo para Porto-Alegre. Sua missão poz de sobreaviso toda a legalidade conhecedora de suas sympathias pela rebelião. A opposição que se ia manifestando na fórmula do costume, contra Andréa, emudeceo. Legalistas, *ultras* ou *moderados* recearam que depois de tantos sacrificios de sangue e fortuna, fossem entregues ao dominio dos homens da revolução. Esperarão todos anciosos.

As instrucções dadas pelo general Andréa ao negociador accentuavão-se por profunda energia. Admittia a dignidade, e rejeitava protelações só favoraveis á reorganisação das forças rebeldes.

No dia 28 de Outubro sahiu das linhas de Porto-Alegre o deputado Alvares Machado. Na varzea, um piquete com bandeira parlamentar o esperava, e um cavallo ricamente ajaezado á moda rio-grandense o conduzio até Viamão, Septembrina dos rebeldes, onde tinha Beno Gonsalves seu quarel general. Esmearão-se todos os chefes rebeldes em tratál-o com o maior cavalleirismo. A entrevista com o Presidente da republica confirmaram as antigas previsões, e seu grande talento não comprehen-

deo quanto é difficil lidar com aquelles homens que sob uma rude franqueza possuem admiravel tino politico.

Alvares Machado jurou desde logo nas palavras dos chefes dissidentes, e largamente escreveo á Andréa, transmittindo-lhe suas condicções. Erão ellas em resumo: retirada das forças legaes do Cahy, para a capital e as que talassem a campanha para os Canudos; suspensão de hostilidades, e permissão em salvo-conducto para serem chamados Netto e outros chefes a fim de conferenciarem em Viamão sobre a paz. As mesmas do tempo do Dr. Saturnino. No officio de Alvares Machado expunha elle as razões destas medidas e as apoiava. Entre outros trechos tornavão-se notaveis os que aqui transcrevemos:

“O que porem o mesmo chefe me fez notar e *com muita seriedade* é a de ser respeitado o lugar de minha residencia actualmente, a Capella de Viamão, por que, diz elle, se, uma pequena força, vinda pelos matos, conseguisse sorprehender a povoação, poderião alguns homens pouco atilados, reputar uma traição, um engano todas as minhas operações e só destinadas a atrahil-os a um ponto, para ahi se lhe lançar a tarrafa, e que nessas circumstancias nem elle, nem sua officialidade poderião responder por minha pessoa, comquanto resolvidos estejam ainda, neste caso, a defenderem até a derradeira extremidade.

Não me intimida qualquer posição em que me ache, se fosse covarde cá não vinha; mas temo que qualquer ataque militar perturbe as felizes disposições em que acho a estes brasileiros, que ainda podem ser e serão de muita utilidade ao Imperio.

.

Não produz ao chefe que se rendesse ao imperador com esta parte do exercito ao seu mando porque o mesmo chefe lógo nas primeiras áberturas me assegurava que uma conducta semelhante seria indigna d'elle, seria uma traição feita a seus camaradas, com quem ficaria unido nos bons e máos tempos e que isso seria desnecessario, atenta a esperança que tem de conciliarem todos um arrançamento, digno de irmãos.”

Andréa só concedeo o salvo conducto para ser chamado Netto e rejeitou todas as outras exigencias, dirigindo-se nestes cathegóricos termos a Alvares Machado:

“No dia 15 de Novembro expira o prazo concedido pelo decreto de annistia para se apresentarem os arrependidos. Desse dia em diante, nem eu os posso receber, nem lhes posso conceder cousa alguma, nem V. S.^a já deve estar entre elles.

O futuro que nos espera pertence á sorte das armas.”

Andréa foi então considerado na côrte um obstaculo á paz, e sua demissão resolvida, mas vio de repente, na provincia, reunir-se á roda de sua administração toda a legalidade, e a opinião publica manifestaram-se unanimes em seu favor, graças á energia de sua conducta.

O exercito não lhe prestou um apoio silencioso: foi mais longe, respondendo ás exigencias de Bento Gonsalves e aos actos do negociador, com uma representação positiva em que felicitava o Presidente por sua energia para com o negociador.

As negociações por parte de Alvares Machado tomavão uma face desanimadora. Netto respondera ao convite, depois de terminada a tregoa, pedindo novo prazo, e protelando a negociação. O negociador resolveo retirar-se, embarcando para o Rio de Janeiro. Veio acompanhá-lo até o Rio Grande o marechal Andréa, onde recebeu com a chegada de seu successor a exoneração do Presidente e Commandante das armas. Com effeito, fôra nomeado para Commandante das armas, o brigadeiro João Paulo dos Santos Barreto, e para Presidente da provincia o mesmo negociador Francisco Alves Machado.

Regressando os tres para Porto Alegre, ali entregou Andréa a Presidencia e commando de armas a seus successores, despedindo-se da provincia e exercito em uma ordem do dia em que se lia o seguinte:

“O marechal annunciando ao exercito estes brilhantes feitos de alguns de seus camaradas, tem o sentimento de lhe fazer saber que hoje mesmo entrega o commando delle. O marechal foi talvez julgado improprio para commandar e por isso passou o commando a mãos mais habeis.”

EUDORO BERLINCK



BIBLIOGRAPHIA

*NAÇÕES QUE SURGEM, NAÇÕES QUE IMMERGEM —
Miguel Couto — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lo-
bato — S. Paulo.*

Publica-se em folheto o bem lançado artigo que o professor Miguel Couto escreveu para "O Jornal" do Rio e que tão larga repercussão encontrou, mercê da autoridade do cientista illustre. Em prefacio, diz Monteiro Lobato:

"Miguel Couto nestas poucas paginas diz o que outros não conseguiriam dizer em volumes — e se o Brasil não comprehende, culpa não é do mestre...

Elle ante-lê com a imaginação um trecho de um livro a sahir em 1940, no qual se narra a subversão do nosso Brasil de hoje deante da onda immigratoria japoneza. No fim sorri, declara que é sonho e arranca o leitor ao pesadelo em que a terrivel exposição o vinha mergulhando.

Tudo acabaria bem se um fio de duvida não nos mantivesse atados ao pesadelo.

Porque... será mesmo um sonho isso? Não será antes uma cruel antevisão, perfeitamente logica?

As leis da vida são inexoraveis e não ha illudil-as, como ás pobres leis humanas. Vence o mais apto e o nosso territorio é arena onde isso ha seculos se vem verificando.

No começo era o indio. Depois veio o luso, mais apto, e expelliu o indio. Mas o luso mestiçou-se, deu de fazer asneiras, de discutir grammatica e, absorto em resolver o caso do pronome "Se", não viu a onda amarella lançar-se sobre elle. Não resistiu. Comportou-se como o indio perante o luso. E vingou o japonez.

Ha nada mais logico? Ha nada mais biologico? Ha nada mais "justo" Não é isso um lucro para a humanidade? Não é condição para que ella evolva no bom rumo que os inaptos sejam deitados á margem como detritos inuteis?

De ha muito que a vida politica e social do Brasil se resume num grito: Suicidemo-nos!

Para isso repelle o voto secreto, emitta réis-marcos, discute os pronomes. Venenos insufficientes! Tome-se logo a amarellina, que é fulminante.

Com 200.000 japonezes annuaes suicidamo-nos muito mais depressa — e com muito maior lucro para a humanidade.

Entrementes, abramos um debate de norte a sul, amplo e luminoso, no qual se assente em definitivo se Brasil escreve-se com "S" ou "Z". E' bom que no momento final pelo menos um dos nossos problemas esteja definitivamente resolvido..."

QUEM CONTA UM CONTO... — Cornelio Pires — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo.

Literatura regional ninguem a faz como o sr. Cornelio Pires. Paulista de costado, com um grande amor por sua terra e sua gente, ninguem melhor que elle as conhece e as ama. D'ahi a sinceridade de suas letras, e — o que é tudo — a graça natural que em todas as suas paginas se encontra. O publico, que nestas coisas é o grande juiz, já deu merecido beneplacito. E a prova está em que seus volumes têm successivas edições. Esta de "Quem conta um conto..." é a quinta.

CONSELHOS AOS NERVOSOS E AS SUAS FAMILIAS — H. Zbinden — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo.

Docente de neuropathologia na Universidade de Genebra, director medico do sanatorio Mont-Pelerin, em Vevey, o dr. H. Zbinden teve oportunidade de acompanhar numerosos casos de doentes de molestias nervosas, aos quaes mui judiciosamente applicou o chamado "tratamento do espirito". E tal successo obteve que ao de logo condensou em volume as idéas que o guiaram na nova therapeutica. Publica-se agora a sua versão portugueza, pelo sr. Adriano Pinto.

Na época que vivemos, atenazados por mil e uma causas predisponentes á neurasthenia, estes conselhos são um presente do céu que nos vêm ajudar, não a pôr cobro á situação, que para isso se tornaria mister uma revolução social que a todos nos garantisse o passadio com o minimo de trabalho, mas a minorar os males de muita gente, que para ali padece profunda e inconscientemente. Ha que lêl-os e pratical-os.

TOLEDO — Benito Perez Galdos — Renacimiento — Madrid.

E' este o oitavo volume das obras de Benito Perez Galdos, que o sr. Alberto Ghirardo vem sollicitamente editando na Espanha. Contém um admiravel estudo dos monumentos artisticos de Toledo, a começar na época da dominação de Roma e da primeira geração visigoda, e mais de uma dezena de nitidas photographias. Deleita e instrue.

PELA PAZ E PELO PROGRESSO DO BRASIL — Basilio de Magalhães — Imprensa Nacional — Rio.

O sr. Basilio de Magalhães, que na Camara dos Deputados apresentou ha pouco um projecto instituindo á sua maneira o voto secreto, e que é mais uma das muitas burlas com que pretendem os paes da Patria empulhar a opinião publica, reúne neste folheto os discursos que pronunciou a respeito. Fal-os acompanhados de não menos desfructaveis orações, uma sobre o gro-

tesco projecto de voto feminino, tambem fructo de sua capacidade legiferante, outra sobre os militares e a politica, e de artigos que publicou na imprensa do Rio.

Uma coisa não ha negar: ésta publicação veio revelar-nos um deputado operoso e habil. Se tivéssemos duzias que taes, o paiz já teria ido á garra.

AULAS DE MUSICA — João Gomes Junior — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo.

Dia a dia se completa a bibliotheca didactica de S. Paulo. Mal grado á inopia dos que são chamados a opinar sobre a valia de livros adoptados ou adoptaveis, os verdadeiramente capazes não se mettem ás encolhas, certo como estão de que justiça ha de ser feita ao merito. Já o sr. Freitas Valle dizia, em celebre catilinaria, que o fez rei dos ciceros indigenas: "Insultez le soleil; il brulera quand même..." Assim neste caso. Vão opiniões, vêem opiniões, o certo é que apenas o mestre-escola pôde dizer sim ou não. Houvesse de facto autonomia didactica...

Ora, não foi para desancar a pobre commissão que tomamos da penna. Deixemol-a, que já deve andar manca de tanta pancada. Vamos ao livro que nos trouxe até cá.

Iamos dizendo que veio elle completar a nossa bibliotheca escolar. E' facto. Não possuíamos ainda compendio em que encontrasse o professor as indispensaveis noções de musica que, por força de obrigações que lhe impõe a lei, tem que dar aos seus alumnos. Temos, é certo, colleções de exercicios e recreações; mas não bastam. Essa é a parte pratica. A theoria permanencia esquecida. Apenas, um ou outro professor mais dedicado se decidira a compulsar livros em lingua extranha, ou a organizar suas lições segundo sua alta comprehensão.

Desta guiza agia o sr. João Gomes Junior. Professor de musica na Escola Normal de S. Paulo, organisou para seu uso uma serie de lições, que aperfeiçoadas na pratica diuturna, chegaram a compôr verdadeiro curso elementar de theoria da musica. Chegado a tal ponto, julgou que não seria obra pratica sonegal-as aos collegas. Devia publical-as, o que fez.

A obra aqui está, em cuidada edição, e já vae prestando reaes serviços neste anno lectivo. Felizmente para os professores, obras deste jaez não foram postas na alçada da commissão.

ASAS AFFLICTAS... — Raul Machado — Parahyba.

O sr. Raul Machado é o autor do conhecido soneto "Lgrimas de cêra", que, ao lado de outros de igual sabor e de não menos habil chave, logar obrigado occupa em albuns de mocinhas amigas de letras. Não é, porém, unica producção sua. Aqui está o volume "Asas afflictas..." — que nos diz de um temperamento de escól, poetando á maneira dos nossos parnasianos mais cuidadosos da forma. Notam-se-lhe, porém, ao lado de tal amor á expressão, o que quer dizer exterioridade, preocupações outras de pensamento e um largo sentimento da natureza patria. Sem favor, pôde-se-lhe juntar o nome ao rôl de bons poetas da actualidade.

*ENSAIOS DE CRITICA — Alvaro de Carvalho — Imprensa
Official — Parahyba.*

Dos quatro ensaios de que se compõe este volumoso tomo, apenas o primeiro logra interessar. Os mais não passam de artigos de jornal, a proposito de livros e pessoas completamente desconhecidas e que não merecem de facto sêl-o. Versa aquelle a figura singular de Augusto dos Anjos, o nevrosado poeta do "Eu", tão injustamente esquecido no paiz.

Com rara acuidade, penetra o critico vida a dentro do poeta, esboçando-lhe as linhas mestras. Se lhe sobra penetração tal, fallece-lhe, porém, um sôpro mais largo de espiritualidade, que lhe tornasse o ensaio menos solemne, menos empedagogado.

*A' MARGEM DA HISTORIA DA REPUBLICA — Anuario
do Brasil — Rio — 1925.*

Um grupo de escriptores da geração nascida com a Republica emprehende, com este volume, uma empreza louvavel, qual a de agitar os multiplos problemas que nos legou o 15 de Novembro. Distribuidos os capitulos a cada um delles, a obra, se, por um lado pecca pelo character de collectanea, por outro serve de nos dar uma idéa das tendencias mais ou menos uniformes do pensamento nacional.

Collaboram nella os srs. A. Carneiro Leão, Celso Vieira, Gilberto Amado, Jonathas Serrano, J. A. Nogueira, Nuno Pinheiro, Oliveira Vianna, Pontes de Miranda, Ronald de Carvalho, Tasso da Silveira, Tristão de Athayde e Vicente Licinio Cardoso. Merece menção especial o luminoso ensaio de Tristão de Athayde — "Politica e Letras".

*O BRASIL EM HAYA — William F. Stead — Dez discursos
de Ruy Barbosa — Imprensa Nacional — Rio.*

Livro sob todos os titulos notavel este de que a Imprensa Nacional vem de fazer a edição definitiva. Nelle se encontram, de par com o esboço historico da conferencia de Haya por William Stead, o redactor do "Courrier de la Conférence", os magnificos discursos com que Ruy Barbosa, defrontando o Barão Marshal, da Allemanha, promoveu o Brasil de potencia secundaria a potencia de primeira ordem.

Do que foi esse memoravel prelio todos nos recordamos ainda. De um lado, o poderoso exercito allemão a amparar a palavra do representante do Kaiser, de outro um homenzinho mirrado, mas eloquente, que não tinha a apoial-o senão um largo sonho de idealismo, contagiado a toda a população de seu paiz. Nem exercito, nem esquadra, nem alliados. Ao contrario, rivaes e inimigos se lhe sentaram ao lado, e não foi sem mal contida indignação que ratificaram o triumpho incontestado do grande brasileiro e da sua terra. A supposição de que o delegado do Brasil iria ser, ao lado dos Estados Unidos, o que fôra Sexta-feira para Robinson, ruiu por completo, entre a raiva de uns e a admiração de outros.

William Stead conta-nos pormenorizadamente o que foi essa grandiosa luta internacional. Sua palavra, singela como o exige a sua qualidade de jornalista, veste-se de uma profunda admiração pelo Brasil, o que a torna ainda mais sympathica aos nossos olhos.

A parte final do volume contém, em portuguez, os dez discursos que Ruy proferiu em Haya, os quaes, traduzidos pelo sr. Arthur Bonilcar, que traduzira o trabalho de Stead, tiveram a revisão do genial brasileiro.

HOMENS E COISAS DE SCIENCIA — Miguel Ozorio de Almeida — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo.

Mui descurada vaé a Sciencia em nosso paiz. Não entrou ainda em nossos habitos o estudo acurado de questões que não sejam pertinentes a interesses de momento. Temos é certo scientistas eminentes, alguns mesmo de renome mundial. Mas falta-lhes ambiencia no meio social, que lhes não tributa a merecida homenagem. São uns deslocados, escravos do estudo, que não encontram outro galardão a não ser a satisfação propria de ter feito alguma coisa pela humanidade. Ao passo que, ao seu lado, medram, cortejados pelas multidões, bojudos burguezes, a que o vintem ratinhado em sujos balcões alçou a posições destacadas.

Dia virá, porém, em que se mudarão as coisas. E, bem andam os que, como é o caso do autor deste livro, procuram chamar a attenção do publico para a cultura scientifica. Não, porém, com pesados cartapacios em que se encontrem dissertações repletas de formulas, equações, citas arrevezadas e quejandos technicismos. Mas, sim, em lições faceis, onde o ensinamento acertado se vehicule em paginas amenas e de agradável ingestão. Só assim, adorado com assucar tal, se poderá ministrar á generalidade dos leitores em nosso paiz, isso que para elles não passa de infame oleo de ricino...

O sr. Miguel Ozorio de Almeida bem comprehendeu essa necessidade. Neste volume, reuniu uma serie de velhos estudos em que versa, com fluencia de linguagem, problemas de interesse, como: especialização e cultura geral; o ideal dos mathematicos; o sonho e a acção; a noologia; a luz dos seres vivos; o problema da dôr; o espiritismo e a sciencia; o futuro da medicina; a medicina veterinaria; a selecção humana; as disciplinas de uma sciencia; a sciencia pela sciencia; a sciencia e a arte culinaria e outros. Encontram-se tambem estudos biographicos de Ewald, Pasteur, Miguel Pereira, Fernando Magalhães, cerrando o volume dois opportunos capitulos, um sobre o nosso ensino superior, outro sobre a mentalidade scientifica no Brasil.

Livros como este precisam e devem ter a mais larga divulgação, para que se obtenha, pelo menos da parte mais letrada do publico, maior apreço pelas coisas scientificas.

O POVO CONTRA A TYRANNIA — Arthur Caetano — Empreza Editora Rochéa — S. Paulo.

O sr. Arthur Caetano é um dos mais ardorosos defensores das nossas liberdades civicas. Na ultima sessão legislativa, tivemos os paulistas a felicidade de encontrar, nos bravos filhos dos pampas, a coragem necessaria para enfrentar a suzerania. As orações produzidas pelo deputado da opposição rio-grandense, em defeza dos brios da gente paulista, causaram, como não poderia deixar de acontecer, a mais grata impressão no espirito publico.

Infelizmente, porém, a poucos era dado apreciar-os na integra. O que já em parte não acontece, pois se encontram reunidos em volume as principais orações do sr. Arthur Caetano.

Aqui estão ellas, contando-nos um rôr de coisas dignas de serem contadas.

KIRMAH — Raul Pollilo — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo.

Se a finalidade da literatura fosse moralizar e pôr no bom caminho os transviados, dir-se-ia immoral este volume. Mas não é, donde falsa a conclusão. Almas candidas sustentam-a-ão, por certo, fugindo á damnosa leitura; mas nem só de creaturas que taes o mundo. Ha, no extremo opposto, os que são todo instinctos e refocilam nas mais sorçidas leituras. Esses nada de mais acharão no livro. Ao contrario, de menos... Mas, entre uns e outros, a grande maioria representativa da burguezissima classe do bom senso.

Para esses, e para nós tambem, nem moral, nem immoral. Apenas obra de imaginação fertil, atulhada de muito D'Annunzio e muito Poe. Dum, a torrente vocabular, doutro, a visão fantasmagorica e abracadabrante.

O autor ainda não se desvencilhou de extranhas influencias, ainda não é elle proprio. Quando o conseguir, sua obra será outra. E, para tal, não lhe escasseiam recursos.

CURSO DE CONTABILIDADE — Contabilidade Mercantil — Francisco d'Auria — Empresa Editora Brasileira — S. Paulo.

Em segunda edição, apparece o utilissimo compendio que o sr. Francisco D'Auria organisou para os que se iniciam nas coisas do commercio, o qual vem a ser o quinto da serie que empheende. O nome do illustre tratadista dispensa outras palavras.





RESENHA DO MEZ

A PANACE'A DA MODA, OU O VOTO SECRETO

O nosso velho mestre Anatole France tinha razão quando escrevia: "Somos eternas crianças e corremos incessantemente atrás de novos brinquedos." Nada mais exacto. Durante a Monarchia houve não sei quantas reformas eleitoraes. Houve votação directa e votação indirecta. Houve censo alto e censo baixo, embora nunca tão baixo como na vigencia desta santa Republica.

Fundado este glorioso regimen que nos felicita, regimen feito para proveito de tenentes revoltosos e de genros, sobrinhos, filhos, cunhados e mais parentes do Poder, logo se decretou constitucionalmente o suffragio universal. Era o brinquedo novo que a megera republicana offerencia ao paiz. De 89 para cá tem sido esse brinquedo concertado, reparado, soldado, resoldado, remendado varias vezes por differentes remendões. Lei do Governo Provisorio, Lei Rosa e Silva, Lei Bueno de Paiva... Rara será a Legislatura em que não se fizer uma reforma eleitoral. São tres as grandes e inermes victimas de reformas atabalhoadas no nosso paiz: Lei Eleitoral, Corpo Diplomatico e Corpo Consular. A Instrucção Publica ás vezes escapa... Cada Legislatura tem que reformar o processo de eleição. Cada Ministro do Exterior tem que fazer a sua reforma consular e diplomatica. Parece que é do estylo. E que reformas! A' medida que surgem, fazem a gente ter saudades dos primeiros regula-

mentos do Visconde de Cabo Frio. E não se pôde dizer nada, não se pôde dizer nada... Tem cada qual de ficar muito quietinho, no seu canto, como Alexandre de Gusmão na Côrte de Dom João V. "Ah! quem podera dizer o que sente!" — gemia o velho santista nas suas expansões com os amigos.

.....

Agora, segundo parece, vamos ter mais uma reforma eleitoral. Vae o brinquedo ser novamente remendado. Diabos! Ou esse brinquedo republicano é muito mal fabricado, ou então a criança que com elle brinca é muito estúpida pois, não ha meio de atinar com a maneira de fazel-o funcionar. O remendo d'agora, entretanto, vae ser de qualidade mais moderna: traz nas suas costuras o voto secreto. Ha em São Paulo uma porção de homens intelligentes convencidos de que com o voto secreto entraremos no seio de Abrahão, ou, mais modestamente, na terra de Chanaan. Governos honestos, administrações honradas, finanças bem equilibradas, economia solida, boas estradas, viveres baratos, roupa ao alcance de todos, creio que até banheiro de marmore e latrina patente em toda e qualquer casa de familia — eis os fructos do voto secreto...

Um dos prophetas desse credo é o sr. Mario Pinto Serva, escriptor a cuja boa fé rendo homenagem.

O sr. Pinto Serva e seus sequazes acham

que, sendo o voto secreto, não será vendido. Não sei porque. Pois si os juizes vendem sentenças; si os jurados vendem o seu voto — que é tambem secreto; si os ministros vendem despachos; si os paes vendem as filhas; si os maridos vendem as mulheres, como nós todos sabemos; porque não venderão os eleitores o voto secretamente? O segredoahi ficará sendo apenas a alma do negocio.

Conhece o amigo Pinto Serva alguma mercadoria mais secreta do que aquillo que se vende, que se compra — e que é realmente uma delicia — nas casas de *rendez-vous*, frequentadas por boas familias? Esse commercio é secreto. Isso, porém, não impede que se lhe conheçam as tarifas e as oscillações de Bolsa. Sabe-se perfeitamente quanto custa Madame Fulana por um *short time*. Sabe-se lindamente quanto nos custará um *good time* com Mlle. Sicraninha. O preço do vestido com, que Mme. Fulana foi ao baile da Embaixada da Lethonia, assim como o preço de um collar com que sua filha, Mlle. Sicraninha, foi á recepção do ministro da Lithuania, são conhecidos de toda a gente. Porque, como não ha *gentlemen* entre nós, os pagantes, depois de conspurcarem a dama e a filha, saem contando por toda parte quanto lhes custou a extravagancia. De café em café, de redacção em redacção, da Camara para o Senado, deste para a Associação de Imprensa, via Policia Central, toda a gente acaba sabendo tudo. O resto do noticiario completa-se no bordel. Porque as donas de bordeis (refiro-me aos bordeis habitados por francezas), são o maior repositório de informações referentes ás boas familias. E o mais curioso é que, si grande parte desses informes podem ser obtidos, é porque ha muitas familias da maxima respeitabilidade que estão em communicação directa com lupanares. Nem sempre por necessidade de ganhar a vida mercadejando amor, mas por devassidão, por curiosidade, desleixo, relaxamento. Ora, os maridos, paes, irmãos, filhos, genros e mais parentes machos dessas Exmas. Senhoras é que formarão o tal eleitorado de elite em cuja hombridade o sr. Pinto Serva e seus amigos depositam tamanha confiança. Fôra desses, o que resta é a cafagestada, isto é, o eleitorado normal da Republica.

E' inutil! tentar qualquer refôrma séria no nosso paiz, emquanto houver esta Re-

publica baseada no suffragio universal. Todo systema de governo como o nosso, com este rotulo de democracia num paiz de analphabetos e — o que é peor — de analphabetos descendentes de portuguezes, portanto irreconciliaveis inimigos do raciocinio e dos pendores honestos; todo systema de governo como o nosso é inapto para que dentro delle se execute qualquer programma de politica san e duradoura. A fórmula republicana do governo é uma instituição precaria. Ella diminue a autoridade e isto produz os effeitos a que estamos assistindo desde que nos entendemos por gente; os que estão de cima, como vêem negada e combatida a sua autoridade, recorrem ao arbitrio, o que é humano; os que estão de baixo, como tambem não têm autoridade moral que lhes dignifique a opposição, recorrem a conspiratas. No fundo todos, governantes e governados, vivem em permanente estado de revolta, porque de um lado e de outro não ha nem pôde haver o culto da lei, mas apenas um vago instincto de defesa que se manifesta por violencias e invectivas de parte a parte. Cubiça, orgulho e vaidade em ambos os campos. Isto não é phantasia. “A doença revolucionaria, diz Augusto Comte, consiste numa superexcitação continua do orgulho e da vaidade, em virtude de uma tendencia eminentemente contagiosa para a infallibilidade pessoal.” E' este o regimen em que vivemos, um regimen que diminue a autoridade e arruina a noção de responsabilidade; um regimen sem continuidade, que reduz toda a politica geral do paiz a acções defensivas por parte dos governantes, e exclue por completo os largos programmas administrativos, os profundos planos politicos, as combinações definitivas, ou, pelo menos, de prazo longo. Democracia é isto.

Charles Maurras que, si não for o maior, é certamente um dos maiores pensadores politicos da Europa e portanto do universo, escrevia ha tempos a proposito do regimen republicano na sua patria: “O microbio do *morbus democraticus* actuou entre nós como entre outros povos: uma democracia franceza não pôde ser mais sábia nem mais feliz do que uma democracia atheniense. Esta reinava sobre o mais intelligente e o mais espirituoso dos povos: a barbaria organizada e disciplinada dos macedonios venceu-a, apesar do seu patriotismo e do seu genio. Democracia exclue disciplina. De-

mocracia exclue organisação. Democracia quer dizer egualdade no Mal e na Morte. Um povo que confia na democracia demitte-se de todas as suas esperanças de futuro: opta pelo cemiterio." Ora, si uma democracia franceza não póde ser nem mais sábia nem mais feliz do que uma democracia atheniense, conforme opina Maurras, que diremos então — Santo Deus! — de uma democracia brasileira, que está certamente muito mais distante de uma democracia franceza do que esta de uma democracia atheniense?

E o voto secreto então remediará aos nossos males? A espada de Scandenberg, quando manejada pelo sultão de Constantinopla, não deu mais resultado do que um chanfalho commum. O regimen em que vivemos é pessimo, e os homens não podem ser melhores do que o regimen. Podemos

dizer de nós o que o Duque de Orleans, o actual herdeiro do throno de França, dizia ha tempos da Republica na sua patria: *Les institutions ont corrompu les hommes!* Aqui ainda ha coisa peor: o erro inicial, o peccado original. O Brasil vem vindo errado desde o funesto dia 3 de Maio de 1500. Nesse dia nefasto a mão implacavel de um Deus feroz sacudiu um punhado de portuguezes sobre estas plagas. E acabou-se! Já agora bem difficil será curar o pobre Brasil dessa doença constitucional: a mentalidade portugueza. E como se tudo isso não bastasse, ainda nos apparece á ultima hora um deputado Dom Basilio, de São João d'El-Rey, querendo que se dê direito de voto ás mulheres!

Ora bolas!...

Antonio Torres

("Gazeta de Noticias, Rio).

O LITORAL

Em uma série de tres artigos, escreveu o sr. Brenno Ferraz em "O Estado de S. Paulo", em Setembro e Outubro do anno passado, suas impressões da região servida pelo "Southern San Paulo Railway", a qual abrange o litoral sul de Santos a Peruihybe, em uma extensão de 80 kilometros e outros tantos desta ultima estação, até Juquiá.

Nelles, o joven jornalista, que vem se notabilizando ultimamente como um dos maiores propugnadores da classe dos lavradores paulistas, mostrou com a precisão característica de seu tino observador as necessidades da zona, onde a vegetação viçosa de seus valles e as matas virgens que recobrem do sopé aos espigões aquellas imponentes serras, bem demonstram quanta fertilidade e quanta riqueza alli descansa quasi abandonada.

Muito pouco se póde juntar ás observações do sr. Brenno Ferraz. Tendo mostrado as possibilidades de se intensificarem a cultura de certas plantas, a criação do gado, e a extracção de madeiras, elle fez vêr claramente que um dos maiores obstaculos ao desenvolvimento da zona é a falta de meios de transporte. Dahi o descaso dos proprietarios ruraes para um trabalho mais fecundo da terra; pois, sem esse elemento indispensavel do progresso, todo o esforço seria baldado, revertido em prejuizos ma-

terraes e desillusões que viriam contribuir ainda mais para o descredito daquella região.

Não faz muito tempo, S. Paulo foi recortado de estradas de rodagem e vias ferreas; todo elle recebeu os cuidados da hygiene rural; todo elle é objecto de attenção dos corpos de engenharia agronomica, sanitaria e de viação, menos a zona do litoral. E isso é clamorosa injustiça, porque em nenhum outro lugar o solo se apresenta tão fertil, tão apto á cultura de certas plantas e á criação do gado como o que se nos offerece aquella parte sul do Estado.

De Santos para o sul, a linda praia, que a partir dessa cidade passa pela historica Itanhaen e alcança Peruihybe, constitue de per si uma rodovia natural, ampla e attraente. Até ahi, pelo menos, sem trabalho algum, a não ser o de construcção de algumas valletas e de ligeiros reparos, o litoral póde ser dotado de uma das mais bellas e uteis estradas de rodagem.

Margeando o leito da linha ferrea, essa mesma estrada póde prolongar-se até Anna Dias, que é á primeira estação, fumo do occidente, situada no meio de um valle extenso e fertilissimo, onde vicejam espontaneamente pastagens naturaes de capim fino, excellentes para os animaes. São apenas alguns kilometros a mais de uma estrada que vae servir perto de 2.000 alqueires de terra massa-pé do typo amarello-escuro

igual ás demais terras de toda a zona, portanto ricas em sáes mineraes e da materia organica arrastada pelas enxurradas que descem das vertentes do Ribeira de Iguape.

Essa grande planicie, rodeada pelas ramificações da serra do Mar e dos Itatins que, a começar nas cercanias de Iguape, em majestosas sinuosidades, vae morrer suavemente em Peruhybe, communica-se com os valles proximos pelas furnas e passagens que resultam das anfractuosidades naturaes daquelles terrenos.

O espigão, os flancos e a maior parte das esplanadas adjacentes ás duas serras estão cobertas de espessas matas cujo negrume faz contraste com o verde-glaucos das pastagens abaixo e com o azul longinquo do ceu acima.

Diante do scenario dessas paragens ermas, cujo silencio se desfaz apenas a longos intervallos pela nota grave do piar languido de um passaro, quèda o viandante contemplativo. A alegria daquella natureza fecunda e a tristeza daquelles sitios solitarios deixam-lhe a impressão de que allí as plantas sentem o vigor latente da seiva forte, mas que allí, tambem, tudo é lento, quasi immovel. E, sob os raios abrazadores de um sol tropical, suarento, continúa sua jornada, meditando na grandeza do Brasil e da distancia que tem a vencer. Se o dia fosse de chuva, talvez pensasse elle na grandeza dos rios que allí crescem tão depressa como crescem na mata os cogumelos.

E' que faltam canaes de drenagem, faltam meios para o homem locomover-se, faltam as arterias por onde a riqueza inesgotavel da zona pudesse circular abastecendo os grande centros consumidores do Estado com productos agricolas que a região produz quasi espontaneamente. Uma estrada de alguns kilometros apenas e eis o sufficiente para dar um surto a esses valles que já possuem bananaes enormes e pomares viçosos, além de boas madeiras, como o ipê e a canella empregadas no vigotamento das casas, nas construcções navaes, nas estradas de ferro; o cedro, empregado na fabricaçào de caixões de embalagem; a urucurana, empregada para postes em virtude da sua durabilidade debaixo da agua; e como essas, outras madeiras de valor, entre as quaes o sassafras, a massaranduva de leite e até a peroba e o carvalho

que são mais proprias das mattas do interior. Somente em uma das fazendas ha um bananal com 30.000 touceiras, 5.000 laranjeiras enxertadas, olaria, criação de gado, engenhoa e outras pequenas industrias agricolas.

Isso tudo, com meios deficientissimos de transporte; não obstante, a construcção de uma estrada de rodagem até esse ponto parece ser facilmente exequivel. Pois, ao lado da linha ferrea, a topographia do terreno apresenta-se favoravel á execução desse melhoramento, que poderá ser feito sem grandes difficuldades. Uma ponte de alguns metros sobre o rio Branco e um canal-mestre de drenagem, seguindo a parte mais baixa da planicie são as obras de maior vulto.

Em muitas propriedades já se construíram valletas que, todavia, não funcionam convenientemente por falta de um escoadouro aonde possam desembocar. A agua das chuvas, não tendo então sahida, se estagna, formando charcos que por sua vez se transformam em focos de impudismo.

E' assim, a falta de drenagem dos valles, aggravada pela negligencia dos arrendatarios das terras, na maioria japonezes, são os factores responsaveis pela insalubridade de alguns pontos da região.

* * *

O japonez, ou antes, o okináua, em geral, não trabalha para ninguem. Arrenda uma pequena aréa de matta a qual destróe pelo fogo e cultiva o arroz, por dois ou tres annos. Durante esse tempo, a lenha e a madeira que escaparam á queima, bem como a palha do arroz cultivado, são atiradas nos ribeirões mais proximos, cujos leitos se obstruem. Interceptada no seu curso, a agua se accumula nos logares baixos, formando pantanaes que difficilmente seccam porque o logar é naturalmente humido e as precipitações aquosas são frequentes. Tornando assim difficil-tuoso o proseguir no cultivo da terra, por ultimo, planta o okináua a batata doce, faz-lhe a primeira colheita e se vae, deixando atrás a praga, em que se transforma a convolvulacea da ultima cultura, e a malaría.

E' assim que explora a terra o elemento colonizador predominante da zona.

* * *

De todas as culturas que se têm implantado no litoral, algumas das quaes intensificadas e constituindo lavouras organisadas, deram optimo resultado a banana e a canna. A primeira, em franco desenvolvimento, por dar um producto exportavel e remunerador; a segunda, em decadencia, por falta de uma usina de assucar no local, não obstante ser ella a planta que mais se adapta ás condições do meio.

São tambem promissoras as plantações de arvores frutiferas, de milho e outros cereaes e as de cacau, já experimentadas e com resultados satisfactorios, em alguns pontos da costa.

Quanto ao café, as opiniões divergem. Se na parte mais interior da zona, no Juquiá, se pesaram producções de "70 arrobos por mil pés e hoje, vêem-se alguns cafeeiros de tres annos, carregados de frutos" (B. — A zona do Ribeira, "O Estado" de 1-10-924) é pouco provavel que o mesmo aconteça na parte mais proxima do mar.

O litoral foi, na verdade, o viveiro das primeiras plantas dessa especie rubiacea do Estado; porém, não podemos affirmar com relativa precisão, se a sua cultura ahí dá margem a uma exploração em regra, com proventos remuneradores. Faltam-nos dados sobre as extinctas plantações do litoral, dados numericos que permitam uma comparação entre ellas e os cafezaes do planalto paulista, cuja cultura está, hoje, sensivelmente modificada.

Antes do desenvolvimento formidavel que tiveram as zonas de Ribeirão Preto, Jahú, São Manuel e outras, já a lavoura do café, bem entendida, a lavoura organisada, havia decabido no litoral. Portanto, se pouco sabemos sobre a quali-

dade do café e a quantidade que colhiam os velhos agricultores da costa, de que temos apenas allusões vagas em documentos antigos, e de como as culturas e as colheitas eram praticadas, embora possuissemos dados daquella época, ainda assim não serviriam ao caso porque o confronto de duas coisas só tem valor quando feitas em igualdade de condições.

Recorrendo, porém, aos principios da sciencia agronomica e comparando os factores ecologicos das principaes zonas cafeiras do Estado com os do litoral, é de suppor que o café plantado nesta localidade deverá ter um crescimento extraordinario devido á boa qualidade das terras, ao calor intenso e ao elevado grau de humidade. Mas, haverá formação abundante de folhagem, como resultado da riqueza excessiva de azoto no solo. Devido a isso, tambem, o florescimento será menor que o normal, com abortamento de grande numero de flores.

Em consequencia ainda desses factores e da relativa invariabilidade da temperatura média mensal, a formação de frutos é desigual e o seu madurecimento muito irregular, o que torna a colheita difficil e dispendiosa.

No entanto, fica ao criterio de cada lavrador tirar, a seu juizo, as conclusões das experiencias já iniciadas na zona, com pequenas culturas, de cujos resultados depende o rumo que deverá tomar na estrada do progresso o litoral sul do nesso Estado. Seja a cultura predominante a canna ou o café, a banana ou o cacau, não importa. O que é preciso, diz Brenno Ferraz, "é reconquistar para a comunidade aquelle pedaço do territorio paulista".

José Vizioli

("O Estado de S. Paulo").

UM INGLEZ NATURALIZADO A' FORÇA

(Notas extrahidas de um livro de lembranças)

A um presado amigo devemos o favor de ter obtido, para darmos á publicidade, as notas interessantes que se seguem, escriptas por um inglez, que assistiu á proclamação da Republica.

"Cheguei ao Brasil em 1889, e assisti com toda a gente ao levante das tropas, do qual resultou a proclamação da Republica, que faz a ventura deste grande povo.

Não fiquei *bestialisado* como elles com tanta modestia definiram a sua attitude patriótica; estrangeiro, nada tinha com o caso...

Habitava, então, o Hotel White, na Tijuca: recolhi-me á noite, felizmente illezo na minha integridade physica.

Negociando em carvão, annos depois tive necessidade de procurar um advogado, para cobrar a conta de um freguez distrahido...

Com o advogado passou-se esta scena, que vou registrar com todos os seus detalhes.

Pedi-me o advogado desde logo certa somma para *preparos*. Preparado por mim, exigiu a procuração.

Foi quando vim a saber que no dia 15 de Novembro fiquei tambem *bestializado*, ainda mais que os outros...

Passei a procuração com o meu nome J. Sancer, cidadão inglez, casado, profissão negociante. Perguntou-me o advogado, ao ler a procuração:

— O Senhor estava no Brasil no dia 15 de Novembro?

— Sim senhor — respondi, admirado com a pergunta, que não podia interessar a conta a ser cobrada.

— A sua procuração não está em termos — disse-me; o senhor não é inglez; é brasileiro pela naturalisação tacita.

— E' boa?! Eu não me naturalizei, não tive, nem tenho a idéa de deixar de ser cidadão inglez — retorqui prontamente.

— Tenha paciencia — ponderou-me o advogado. Ouça o que vou dizer. Se o senhor se achava no Brasil no dia 15 de Novembro, e não foi ao seu Consulado declarar que continuava a ser inglez, ficou brasileiro e brasileiro é. Assim estatue a Constituição, interpretada pela nossa Corte Suprema, que aboliu o titulo declaratorio, que o governo fornecia ao estrangeiro que quizesse naturalizar-se por aquelle meio. O Supremo não admittiu duvidas; aboliu taes titulos, estabelecendo que o facto de estar presente á proclamação da Republica, sem a visita ao Consulado para os fins expostos, tornava-o brasileiro. Recordo-me que este julgado firmou o seguinte: "A naturalizaçao estatuida no preceito constitucional é a naturalizaçao tacita, a qual, como bem indica a sua denominação, não depende de titulo".

— Não posso crêr — disse. Fica-se brasileiro só pelo facto de estar no Brasil quando rebenta uma revolução? Porque amolar o Consul, que já visou o meu passaporte, quando cheguei? Naturalizaçao por imposição é um absurdo. A naturalizaçao é um acto voluntario. A renuncia e a

escolha de uma nova patria não podem ser feitas por *bestialisação*. Não fica bem ao seu paiz obter cidadãos por este preço! Não sei o que lucra com taes naturalizações. Nós, inglezes, não nos adaptamos ao paiz em que vivemos, no estrangeiro; não somos um povo sociavel, somos, na força do vocabulo, um povo de "clubmen" Vivemos nos nossos clubs. O inglez é inglez ainda depois de morto; vae para o cemiterio da Gambôa; é enterrado á ingleza, entre inglezes, e só inglezes. E' o nosso Club da Morte. Não temos affinidades de character e de habitos; o nosso humour é sombrio e frio, como o clima da Inglaterra; não somos ruidosos, nem expansivos. Vivemos em nossos clubs, porque ahi cada um está a seu gosto, afundado num Mapple confortavel, fumando o seu charuto, e lendo o "Times" até á hora da sahida.

— A este respeito — interrompeu o advogado — conheço a anecdota da visita de Emerson a Carlyle, que pinta ao vivo o humour britannico. Emerson, ancioso por conhecer pessoalmente o grande critico atravessou, em longa viagem, o Atlantico. Recebido por Carlyle, fez-lhe este as honras da casa, offerecendo-lhe silenciosamente um cachimbo, e, sentados em face um do outro, fumaram, sem proferir palavra, até o momento da despedida, em que se apertaram as mãos, assegurando mutuamente que haviam passado horas agradaveis...

— Como queria que Carlyle o recebesse? — atalhei promptamente. As grandes emoções são mudas. Desejava que o acolhesse á moda de sua terra, com o derrame do estylo: "Emerson querido! venha de lá este abraço! muito obrigado! abanca-te vamos matar saudades!" Seria sem duvida uma recepção mais animada e pittoresca do que a da anecdota, que referiu com tanto chiste.

Voltando ao caso da consulta — conclui — fique certo que taes naturalizações não se repetirão; pôde transmittir ao Supremo Tribunal o que lhe vou dizer: quando um inglez souber que vae rebentar uma revolução, raspa-se com ou sem passaporte para outro paiz. Não será sorprendido. As revoluções que aqui se fazem, são annunciadas pelo boato. O boato em sua terra, é como o *fogg* em Londres; quando surge, escurece tudo. Ninguem pôde

ignoral-o. Não acha — interroguei — que devo recorrer ao meu Embaixador?

— Não penso que consiga cousa alguma — respondeu. O governo dirá que é um caso julgado pelo Supremo Tribunal, e nos *Lundis de Sainte Beuve*, como o seu espi-rituoso Embaixador chamou as audiencias do Itamaraty, discutirão, analysarão e cri-

ticarão o julgado, mas, como toda a critica, sem o effeito de matar o que tem de viver, nem dar vida ao que tem de morrer.

Fechava o capítulo esta nota curiosa:
 “Fui naturalizado á força. *All right!* Viva a Republica Brasileira!

B.

(“O Jornal”, Rio).

A LIÇÃO DOS MONOPOLIOS

“Cumpre não haver confusão, ao criticar os monopolios. Não se vê bem como grandes empreendimentos, que os governos em geral não têm liberdade por iniciar, se realisariam sem o incitamento de remuneração proveitosa ministrado aos capitaes que se arriscam a dispendios de grande vulto. Sem elles, nem vias-ferreas, nem usinas hydro-electricas, nem largas rêdes distribuidoras, se teriam construido. Tiveram, e desempenharam funcção social util.

Neste momento, verifica-se que já preencheram sua missão, e que o serviço prestado, social em sua origem, deve evoluir socialmente, a bem da communhão.

Quédas d’agua, portos, zonas privilegiadas das estradas (e todas ellas o são sempre, por se não poder economicamente assentar trilhos parallelos aos existentes), são monopolios de facto, ora naturaes, ora de criação legal. A actividade correspondente, ao contrario, é geral. O monopolista, de permeio, é orgam cuja valia já cessou. O alvo é, respeitadas e remunerados os serviços que prestou, devolver vantagens e direcção destes aos proprios interessados.

Facil é de ver o progresso que resultaria de serem os grandes portos, Rio, Santos, Bahia, Rio Grande, Recife, Pará, Manaus, dirigidos, não mais por particulares, mas pelos proprios interesses corporativos da producção a que se destinam auxiliar.

Cameras de commercio, associações de productores, centros industriaes, lavradores unidos corporativamente, melhor administrariam, com mais previsão e resguardo, do

que a peça intermediaria, o concessionario, que só cuida de si, enquanto os primeiros tratam do conjunto das actividades laborantes. Em mãos de tal consorcio, não se veriam obras hydro-electricas paralyzadas ou não iniciadas, como em S. Paulo, quando os pedidos de força affluíam á Light, por 50 % a mais do que o total disponível para a distribuição. Fructos do monopolio.

Orientados por taes associações, os productores paulistas não veriam estrangularem o progresso do Estado os transportes por tamina da Inglesa. Nos portos, taxas e contribuições evolveriam accordes com os reclamos da zona a que servem, e se evitariam as justas queixas que, de Manaus ao Rio Grande se formulam nesse sentido.

Assim achariam solução pratica e economica dois preceitos, certos no fundo em varios casos, e que, dia para dia, mais se impõem aos estudiosos: a socialisação das fontes productoras: a transformação progressiva dos monopolios de facto em serviços publicos. Relegada para o museu das velharias inserviveis, ficaria essa coisa immoral e pernicioso que é a administração directa do Estado. Basta de Lloyd e de Central, e quejandas clientelas eleitoraes.

Por nossa formula, os proprios interessados, o paiz, em summa, administrariam os orgams prepostos a seu desenvolvimento.

O Estado, méro fiscal, resalvaria os interesses collectivos de outra ordem: defesa nacional, igualdade tributaria e de encargos, oportunidade das realisações.”

Calogeras

(“O Jornal”, Rio)

ARTHUR ALESSANDRI

A homenagem que se vai levar a effeito ao dr. Arthur Alessandri, presidente do Chile, que ora regressa do seu exilio voluntario na Europa afim de reassumir o cargo para o qual o povo chileno o havia eleito, numa luta encarniçada contra a oligarchia secular, tem uma significação que não deve escapar aos estudiosos da politica americana, valerá sempre por uma categorica affirmação de principios democraticos.

Quem já leu a accidentada e heroica historia da nação chilena sabe que esse povo excepcional da America manteve durante mais de um seculo guerra de vida ou morte entre os dois extremos da faixa de ouro que borda o Pacifico, constituindo-se, em pleno campo de batalha, uma aristocracia militar. Mais tarde, com o advento da paz, essa aristocracia fardada ou sem farda, mas sempre a mesma, apoderou-se dos destinos do paiz e foi assim que o Chile, durante dois seculos, foi governado apenas por cem familias. Os cargos de governo tornaram-se hereditarios, as posições passavam de paes e filhos e a organização eleitoral era feita de molde a assegurar os postos a pessoas préviamente indicadas em concilia-bulos publicos ou privados, de modo que as eleições não passavam de nomeações.

Esta situação que durou duzentos annos acabou por estabelecer um absoluto divorcio entre governo e povo, criando-se, como era natural, uma atmospheria de odios: os governantes eram satirizados nas canções populares, nos muros, por toda a parte; e, por sua vez o povo, principalmente o das fabricas e dos campos, passou a ser suspeito; as prisões estavam sempre repletas de salitreiros e as organizações operarias eram continuamente varejadas pela policia, a pretexto de subversão da ordem. E' que para o governo a ordem era o esmagamento em que se vivia; a patria era a meia duzia de oligarchas encoscorados no poder.

Arthur Alessandri surgiu nesse ambiente. De modesta origem, filho de immigrants, arrastou uma mocidade dolorosa entre o bairro pobre e os bancos da Universidade. Seu maior soffrimento, porém, sentia-o elle ao contemplar a dor de milhões de chilenos, bons e capazes, que viviam esmagados sob o guante de pedra de uma ditadura secular.

A sua acção libertadora teve inicio nos bancos academicos. Dentro em breve sua palavra magica reunia a chusma na praça publica para dizer-lhe a grande verdade que a imprensa amordaçada era obrigada a calar. E dentro de alguns annos, seu nome passou a ser motivo de luta; onde elle apparecia era uma bandeira desfraldada na Cordilheira.

Os chilenos sentiram que a verdade estava com elle e, apesar da intensa propaganda dos seus inimigos, de um dia para outro, com a admiração dos poderosos que, por viverem alheios á multidão, ignoravam os sentimentos que a moviam, o Chile que pensava e soffria, que trabalhava e fazia a riqueza collectiva, a patria enfim, collocou-se inteiramente ao lado do tribuno popular e de seus partidarios, que já eram numerosos, provenientes de todas as classes e de todas as doutrinas.

A acção de Alessandri na tribuna e na imprensa começou a fazer-se sentir; a oligarchia teve de lutar contra um nome; dentro em pouco entrou no terreno das concessões e, no dia em que deu a cada chileno, por imposição da força nova, o direito de escolher o chefe de sua patria, a oligarchia cahiu, depois de defender-se até o ultimo recurso. Foi assim que Arthur Alessandri chegou á presidencia da Republica; por uma imposição do povo.

Os factos que se succedram são de conhecimento do publico.

A aristocracia deposta, que occupava os melhores postos do Exercito e da Marinha, um dia, num golpe traiçoeiro, procurando realisar coisas que estavam no programma do presidente popular e que não podiam passar no Congresso por uma propositada obstrucção dos representantes da oligarchia deposta, reunindo as suas forças, derrubou Arthur Alessandri; assim conseguiu seu melhor desejo, que era aboletar-se novamente no poder.

Bastaria que Arthur Alessandri fizesse um gesto, milhares de estudantes das Universidades, de salitreiros das minas, de agricultores das montanhas e de empregados das estradas de ferro iriam para a rua a defendel-o, defendendo a si mesmos. Mas Arthur Alessandri não fez esse gesto. Confiou no ambiente formado no paiz tornado

livre pela sua palavra. Preferiu exilar-se a fazer que sangue chileno ensopasse a neve purissima dos Andes.

E não se enganou. Assim que o povo comprehendeu o logro de que tinha sido victima, iniciou uma destas resistencias passivas ás quaes não resistem nem podem resistir os governos mais aguerridos. Um dia, os inferiores do Exercito, que no Chile são das camadas populares, em opposição aos generaes que pertencem á velha dynastia, reuniram-se aos estudantes e aos operarios e foram para a rua. O governo

estava tão carcomido que não resistiu a uma simples demonstração. E cahiu.

Foi o povo quem elevou Alessandri e o defendeu. Elle foi o implantador da verdadeira democracia em grande parte do Continente. O povo brasileiro deve recebê-lo de braços abertos; e, mais do que nós outros, devem festejalo estudantes e operarios, que sempre estiveram ao seu lado, no fracasso e na vitoria.

Affonso Schmidt

("Diario da Noite", S. Paulo)

DO BELLO NO JOGO DO XADREZ

O artigo abaixo é da autoria de Ricardo Reti, um dos campeões mundiaes de xadrez, que ha pouco visitou S. Paulo, onde teve occasião de bater o recorde mundial das partidas sem vêr. Nestas linhas, Reti sitúa o xadrez entre as artes, os jogos e os esportes, fazendo a respeito observações muito interessantes.

Um leigo, observando amadores do jogo de xadrez que assistem a uma partida de mestre, mostrar-se-á provavelmente maravilhado se lhe disserem que tal jogo pode ser apreciado por sua feição esthetica, se lhe falarem de lances bellos, de bellas idéas. Comprehende-se com facilidade que o xadrez requer vigor espirital e profunda reflexão; mas um profano mal pode imaginar o que venha a ser effeito esthetico de uma partida.

A tendencia mais espontanea é suppor que o conceito do bello seja inalteravel e objectivo. Entretanto quem haja estudado a sciencia da esthetica, saberá que esse conceito soffre mutações não só de pessoa (com quanto menos apreciaveis num mesmo circulo de cultura) mas, em particular, consoante o grau de civilização no decurso da historia. O sentimento do bello crystallisa-se com o progresso da historia. O sentimento do bello crystallisa-se com o progresso da cultura.

A principio era bello o que agradava aos sentidos. Hoje em dia não logrará a palma uma obra de arte apenas delectavel: desejamos descobrir na obra d'arte a expressão de uma idéa.

Dahi a preponderancia que hoje attri-

buímos á personalidade do artista. Ao alvorecer da nossa civilização, obras primas da poesia corriam mundo admiradas por todos, mas ninguem se preocupava com o poeta, esquecido no anonymato. Agora, ao invés, o que mais nos interessa é haurir o espirito do artista em sua idéa mais intima cuja expressão é a sua propria obra.

Mais espiritualizado, porém, semelhante, é o conceito moderno sobre a belleza natural. O que mais nos commove no espectáculo do mundo não é mais a impressão sobre os sentidos, mas o que dahi repercute em nosso espirito: o mysterio das leis imperativas que regem a Natureza, a comprehensão da idéa geradora que se manifesta em seu dominio universal, tal como a alma do artista se manifesta em sua obra.

Se, pois, damos por demonstrado que o principal requisito do bello é, hoje, a presença de uma idéa, comprehendemos tambem que as artes catalogadas, que appealam para os sentidos, não mais possam pretender ao privilegio do bello: onde quer que seja dado ao homem manifestar sua alma, sua personalidade, exprimindo uma idéa, ahí tambem pode existir o bello.

Cumpre lembrar que entre arte e jogo (diversão) não ha limite bem definido. Toda arte, em suas origens, começou como um divertimento. Os desenhos dos homens pre-historicos não parecem nada artisticos, e de certo não foram mais que passa tempos; mas esses passatempos são os rudimentos da pintura. A origem da musica encontra-se nas rudes canções que distrahiam os pastores, ou nos tangeres de instrumentos ruidosos com que os guerreiros

se exaltavam antes dos combates. Também o drama, conforme provas historicas, não passou a principio, de mascaradas, bufonarias carnavalescas e outras que taes brincadeiras. De modo que a linha divisoria entre jogo (diversão) e arte não pode ser assignalada por um traço material; a arte começa lá onde o espirito do artista encontra meios de se exprimir.

Ao lado desses jogos, dedicados aos sentidos, dos quaes surgiram as artes officiaes, coexistiram em todos os tempos os jogos de combate, que se vieram tornando cada vez mais necessarios ao homem civilisado. De facto, com o progresso das industrias, a vida se foi fazendo cada vez mais policiada e mais pacata, e o homem contemporaneo vae procurar nos jogos de combate uma compensação para os seus anceios de luta e de victoria — anceios que preencheram as existencias em seculos passados e são agora impossiveis no trivial da vida.

Se nos ultimos tempos o esporte prepondera a tal ponto de milhões de pessoas acompanham attentos os factos esportivos, isto se explica, não porque a opinião publica se ache compenetrada das vantagens da educação physica, mas sim porque o esporte é a imagem da luta.

Eis porque os jogos de combate, sobretudo o futebol, são os que nutrem mais adeptos.

Do exposto surge esta pergunta: — será possivel que as artes, assim como nasceram dos primitivos divertimentos dos sentidos, venham a nascer também, destes novos generos de jogos? Será possivel que o bello até se revele?

Não irei ao extremo de considerar o futebol como arte. Comtudo admitte-se que se póde chamar bella a uma victoria quando se vislumbra uma idéa dominante entre os elementos individuaes, quando se nota que a confusão apparente esconde uma directriz ideal, quando se torna patente que o espirito sobrepujou a força bruta.

Os caracteres estheticos que apenas e mal se delineam nesse popular esporte, mostram-se, pelo contrario, de modo surpreendente no jogo de xadrez.

No futebol a belleza do effeito, que reside no jogo de conjunto, não depende só de um espirito director, mas da disciplina

esportiva de todos os jogadores. No xadrez é outra coisa. Bem considerado, as forças que ahi lutam são peças inertas, animadas um instante pelo jogador que as conduz com absoluta liberdade para ordenar todos os lances segundo a sua idéa pessoal. Dahi resalta o em que consiste o bello no jogo de xadrez.

Do mesmo modo que só nos enlevamos ante uma obra de arte quando lhe desvendamos o conteudo espiritual, em que a alma do artista se nos revela; do mesmo modo que tanto melhor admiramos a natureza quanto melhor comprehendemos, em suas casualidades apparentes, a regencia das leis physicas — assim também, no jogo de xadrez, sentimos a impressão do bello quando, nas manobras apparentemente casuaes das peças, divisamos uma idéa directriz, o espirito latente do homem que procura exprimir-se por essa forma original

Por isso mesmo aprendemos a distinguir o que é bello no xadrez: toda combinação, toda série de lances que nos forcem a reconhecer com plano profundo. Tal é, por exemplo, um lance sem razão apparente cujo valor só mais tarde se esclarece. Dahi o effeito esthetico das combinações de sacrificio: o sacrificio de uma peça, que á primeira vista se afigura mau, resulta essa prova clara de que o lance não foi um caso fortuito mas, ao contrario, o fruto de um plano superior. Demais toda a victoria obtida com recursos diminuidos symbolisa sempre o triumpho do espirito sobre a materia.

Entretanto, para que nos seja licito considerar o xadrez como parente da arte, não basta que ahi se nos mostrem idéas bellas e profundas; mas é mysterio, acima de tudo, que um homem, por esse meio, saiba projectar sua alma e sua personalidade.

Eis porque o xadrez, cujos progressos neste sentido tanto se accentuaram nos ultimos annos, se recommenda como exercicio do espirito. Em nenhum exercicio, tanto como na luta, se revela claramente uma individualidade. No xadrez patenteam-se as qualidades individuaes, não só as de combate — como o medo e a coragem, a leviandade, o desespero e o sangue-frio — mas também as qualidades moraes, caracterisando facilmente o avaro, o gene-

roso, o astuto que arma ratoeiras para ganhar sem esforço, o trabalhador honesto. E, acima de tudo, permite distinguir o homem rotineiro do criador genial que tudo sacrifica por uma idéa. Compreende-se, portanto, que o xadrez é capaz de conter o bello como contém bellas idéas. O velho

jogo de xadrez não é hoje simplesmente um jogo; pois está no mesmo caminho que todas as artes já têm percorrido. E' uma arte em formação.

Ricardo Reti

("O Estado de S. Paulo")

O DRAMA DE ANTERO DO QUENTAL

Tenho mais de uma vez, em holocausto á vida triumphante, queimado os idolos dentro de mim mesmo. Dão uma infinita luz os deuses ardendo. Illuminam largos horizontes.

Estas fogueiras, sagrados autos de fé, nunca attingiram a complexa figura de Antero, o poeta mais nobremente intellectual do seculo XIX. O meu respeito por esse estranho soffredor, crucificado na propria alma, tem crescido sempre.

Muitas vezes investiguei as mysteriosas raizes da sua angustia, e hoje, diante das *Cartas*, onde palpita toda a sua dramatica personalidade, occorreu-me a idéa que Antero se podia ter salvo pelo casamento. Foi pelo casamento que seu companheiro Eça de Queiroz deu ao melancolico Jacintho de 202 o principado da Grã-Ventura. Ora, Jacintho era irmão de Antero: ambos buscaram baldamente a perfeição: Antero na metaphysica, Jacintho no progresso mecanico. A mesma doença, "o excesso do principio da intelligencia" como a definiu Lange, que o proprio Antero, falando de Renan, considerava o *mal do seculo*, atirou um para o *desespero*, o outro para a *indifferença*. Jacintho curou-se do tedio, procurando no humus primitivo as antigas seivas; Antero, não conseguindo enraizar-se, veio parar no suicidio.

Antes de explicar o remedio, quero, porém, em traços rapidos, formular o diagnostico. De uma familia de mysticos, o seu espirito era naturalmente religioso, como elle proprio o confessa na carta auto-biographica (modelo de analyse) escripta a Wilhelm Storck, quatro annos antes da morte.

Todos os amigos o tratam por Santo Antero, e reconhecem que, tresentos annos atrás, teria sido um cenobita, erguendo hymnos a Deus na solidão da montanha. Oliveira Martins, acaba mesmo o prefacio

de *Os Sonetos* declarando que este homem, fundamentalmente bom, no seculo VI ou no seculo XII, teria acompanhado S. Bento ou S. Francisco de Assis.

Atirado muito novo, do seio patriarchal de uma velha familia historica (já com representantes illustres no tempo de Afonso, o Africano) para o meio turbulento de Coimbra, onde se chocavam em grande alarido as desvairadas e contraditorias correntes do pensamento, sentiu varrer-se-lhe a educação catholica e tradicional. Caiu então, para me servir de suas proprias palavras, em um *estado de duvida e de incerteza*.

Grande parte da tragedia anteriana — e o mago de *Os Sonetos* adivinhou-a — reside no conflicto da sensibilidade catholica com o germanismo philosophico. Foi vão todo o esforço para harmonizar os sentimentos com as idéas, isto é: o homem meridional, descendente dos navegadores religiosos do seculo XVI, com o homem metaphysico da nevoenta Germania.

Da angustiosa luta nasceu a angustiosa apostrophe:

..... *se és verdade*
Descobre-te, visão, no céu ao menos!

Entretanto, a ancestralidade ás vezes rompe gloriosamente e o poeta do *Ignoto Deo* ergue as mãos em louvor da Virgem Santissima que lhe apparece:

Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira.

Mas depois deste repouso torna a apoderar-se de sua alma a duvida, o diabo tentador dos anacoretas. Inutilmente ergue o espirito até Deus; Deus é a mais indecifrável das interrogações:

Virou-se para Deus minha alma triste

.....
Só me falta saber se Deus existe!

Em politica encontra-se tambem dominado por duas forças hostis. Antero, fi-

liado na *Internacional*, que em Paris, por amor aos principios, se fez typographo, é no fundo um aristocrata monarchico. Depois do apparecimento das *Cartas*, foi mesmo estudado por um dos mais altos espiritos do *Integralismo Lusitano*, como um camarada mais velho, um precursor theorico da contra-revolução.

Impellido em sentidos oppostos torna-se impotente para acabar as campanhas começadas com belico furor. Fazem-no chorar lagrimas de agonia as duas almas encarceradas em uma só alma. E essa luta encarniçada leva-o a considerar que *sempre o mal peor de todos foi ter nascido* porque, diz em outro soneto, o calix amargoso da desgraça é largo como o oceano é largo e fundo. Desolado, foi procurar no *sim inalteravel* da morte libertadora a *paz universal*.

Expostos os caracteres da doença, o diagnostico pôde-se resumir nos seguintes termos: conflicto de hereditariedade com o meio e da educação familiar com a educação philosophica. O remedio estava no regresso aos antepassados, a familia. E tanto mais me convenço disso quanto é certo que um pequeno traço familiar o ia salvando. Antero adoptou duas meninas, orphãs de Germano Meirelles, com quem fôra viver em Villa do Conde. Ahi, diz Eça de Queiroz, levou uma existencia "verdadeiramente edificante... o velho Santo Antão no monte Colziu não vivia em viver mais puro, mais entregue ao ideal, á perfeição, á Vida Eterna". E já que tive de incommodar Eça de Queiroz, como testemunha, ouçamos o resto do seu depoimento: "Sabia que o meu amigo estava quasi são, quasi sereno. Mas foi um preciosa surpresa quando ao fim dessa deparação... avistei... um Antero gordo, roseo, re florido"... "Findara a lucta implacavel: o seu grande coração, enfim, descançava em paz".

Antero não estava absolutamente curado, mas a lucta amortecera, e com um passo mais atravessaria as portas de ouro do palacio da ventura, não do aereo palacio onde encontrou

. só cheio de dor,
Silencio e escuridão — e nada mais.

Mas do authentico palacio da authentica ventura não passou do limiar, porque de novo um genio malefico o impelliu para a selva emaranhada.

Tambem, nas cartas, encontramos alguns indicios de pacificação. Num momento de maior unidade espiritual escreveu a Oliveira Martins, que, aliás, o apresentou como um *budhista*, que o christianismo catholico é o mais profundo systema, de tal fórmula casado com a complexa natureza humana que quem o não conhece e comprehende "não pôde dizer que conhece e comprehende a humanidade".

Concentrou toda a sua alma na formação do *homem interior*, á maneira dos mysticos, para poder morrer depois duma vida "tão agitada e dolorosa, na placidez dos pensamentos... e, como diziam os antigos, na "Paz do Senhor" Não o conseguiu, porque, em vez de ouvir dentro de si a voz do sangue, o clamor dos antepassados, ouvira desconsolada voz do seculo.

No casamento tinha a ponte de salvação, o seguro caminho para reintegração na familia. Unido a uma mulher heroica como a Veronica, de fortes crenças seculares, bem sadia e bem portugueza, teria encontrado o sentido da vida.

O *eterno feminino* não occupa muitas paginas na obra de Antero, mas deixou nellas algumas notas profundas, signaes duma alma sequiosa de "amar! mas dum amor que tenha vida...".

Talvez a eleita para lhe mostrar a Terra da Promissão fosse essa mysteriosa *A. M. C.*, a quem dedica quatro sonetos e pela qual amaria a gloria.

Talvez fosse essa graciosa *pequenina*, dos quinze annos. Se é que as duas não são uma só.

Antero, nas cartas, lembra a um amigo que o preceito biblico "não é bom que o homem esteja só" encerra uma grande dose de verdade e que apenas "é verdadeiramente livre aquelle que sabe limitar voluntariamente a sua liberdade". E' natural que Antero tivesse divisado o seu proprio remedio ao recommendar o casamento aos amigos atacados *do mal do seculo*, embora em menor gráo.

Folheemos a correspondencia.

A Fernando Leal diz textualmente:

"Esse isolamento no meio de uma multidão é pernicioso. O Fernando precisa de uma mulher; e, procurando bem, creio que mais facilmente achará a que lhe convem no meio dessa confusa Lisboa do

que noutra parte. Descubra uma mulher pobre, boa e simples, case com ella e vá para a India. Demore-se por lá annos. Noutro meio e com essa companhia, a vida lhe virá gradualmente parecendo outra coisa."

E, depois de longas divagações, conclue:

"E para terminar, imitando a *delenda Carthago* de Catão, repetir-lhe-hei: saia de Lisboa e, se puder, case."

Mas Antero não ficou por aqui; dois annos depois (1888), escreveu a Jayme de Magalhães Lima:

"Já me tardava vel-o casado e posso dizer-lhe agora que mais de uma vez tinha pensado nisso, e sentido até tenção

de lhe dar esse conselho; mas achava materia tão delicada, tão absolutamente do fóro intimo que nunca me atrevi. Veja, pois, com que prazer recebi a noticia que me deu!

O dia do seu casamento será para mim uma verdadeira alegria..."

Casado, Antero devia escutar em si, feita verdade, a voz augusta de Tertuliano, vinda da noite dos seculos: — "Todas as vezes que os casados estão juntos, o Senhor está com elles."

E na companhia do Senhor não mais seria "filho abandonado".

Mario de Albuquerque

("O Paiz", Rio.

VIDA FORENSE

Não sabemos se ainda existe nas escolas a pratica dos exames escriptos e, nestes, a pratica daquillo que, em gíria academica, se chamava a "colla". Modalidade feliz da lei do minimo esforço e cautela denunciadora da acuidade psychologica, essa pratica, que professores antiquados perseguiam com tenacidade feroz, consistia em levar de casa para a banca examinadora, escriptos em pequeninas tiras de papel, que se dissimulavam na palma da mão, os pontos sobre os quaes, tirado á sorte um delles, a prova devia circumscrever-se. Reduzido ao trabalho de copiar o que tinha sido escripto em casa, o exame perdia para o estudante todas as feições desagradaveis. Poupava-o ao esforço de recordar, o que é um inferno para os de memoria tarda, ou de adivinhar, o que é um martyrio para os de imaginação curta, e dava-lhe, com o dominio dos nervos, a segurança de mão necessaria para traçar, assim do ponto de vista calligraphico como do ponto de vista doutrinario, uma exposição excellente. O lucro era geral porque os professores tambem viam os seus incommodos diminuidos: é suave a tarefa de ler o que está escripto com boa letra e muito menos riscos de erro offerece a sciencia que o estudante extráe dos livros repousadamente, no seu gabinete de estudos, do que a que, de improviso, apressadamente, com afflicção, na banca de exame, póde extrahir da propria cabeça.

Como todas as coisas tradicionaes, essa, decerto, já não subsiste varrida pelo furação de modernismo que abala, subvertendo

tudo, neste momento, a pobre humanidade. Mas, se ainda subsiste, vae ser um regalo para os estudantes que a exercitam a noticia que nos chegga de Strasburgo.

Houve, ha mezes, na universidade daquela cidade, um concurso para preenchimento de vaga no professorado de medicina. Correram as provas com as peripecias ordinarias, fez-se a classificação dos candidatos e esperava-se a nomeação do que obtivera o primeiro logar quando estourou nos tribunaes um processo que, além de provocar um enorme escandalo, paralysoou tudo. Um dos concorrentes chamou a juizo o candidato escolhido, accusando-o de haver obtido a classificação mediante o recurso de manobras fraudulentas que o sujeitavam, em face da lei, a punição criminal. As provas que esse candidato realisou, dizia o queixoso, foram effectivamente brilhantes. A sua classificação em primeiro logar não offendeu nenhum principio de justiça. Mas sciencia que essas provas revelaram não era do candidato: era de um terceiro.

— Como isso? interrompeu o juiz. Levou elle comsigo, para a banca examinadora, escondidos nas mangas, escriptos desse terceiro, ou, abusando da boa fé dos examinadores, conseguiu que esse terceiro, utilizando-se de seu nome, fizesse, por elle, pessoalmente, todas as provas?

— Nem uma coisa nem outra, explicou o candidato. Usou, para isso, de um meio que, confesso, só podia lembrar ao diabo ou a um genio na fraude — usou de um pequenino aparelho de telegraphia sem fio.

O espanto do juiz, como era natural, diluiu-se na incredulidade. Esta, porém, teve de recuar diante da evidencia das provas. A accusação procedia, e o tribunal, para proferir a sentença, só aguardava, segundo affirmam os ultimos jornaes europeus, um laudo de peritos.

Essa applicação inesperada da telegraphia sem fio, grata a todos os estudantes que desdenham o trabalho subalterno de procurar nos livros as verdades da sciencia, vem, neste periodo de carestia aguda, abrir perspectivas risonhas de ganho para muita gente que, sem habilidades communs, não sabe descobrir emprego. Quanto sabio humilde não anda por ahi, incapaz de explorar mercantilmente a sabedoria que accumulou, a quem se não apresentará, como profissão commoda e rendosa, essa de ser, por via telegraphica o Espirito Santo de orelha de examinandos em apuros scientificos!

Conheciam-se até agora romancistas, poetas, dramaturgos e historiadores que assignavam obras escriptas por outro. E' corrente mesmo a anecdotia do escriptor novato que, á mesa, posto ao lado de um romancista celebre, não se cansava de lhe elogiar o ultimo romance. A certa altura, como o romancista se mostrasse vexado, um vizinho do rapaz interveiu discretamente, murmurando-lhe ao ouvido:

— Idiota! Pára com isso. Não lhe fales mais no romance que elle acaba de publicar. Não percebeste que o homem ainda não o leu?

Sabia-se de tudo isto, mas não se sabia de professores que proferissem lições preparadas por outrem. A moda, naturalmente, pegará. As coisas simples têm um extraordinario poder de expansão. Ninguem se admire se daqui por diante houver uma restricção nos negocios de livraria e uma ampliação nos da telegraphia sem fios. Não é impossivel que desapareçam as bibliothecas para dar espaço ás installações radiotelegraphicas e provavelmente vae ser corrente, doravante, ouvir-se um professor, á hora de sahir para a aula, gritar da porta da casa para o criado, no interior:

— Esqueci-me do principal. Traga-me dahi, da mesa de cabeceira...

— O livro de notas?

— Não; o aparelho telegraphico.

Serão progressos logicos. Logico é tambem, indiscutivelmente, o que se passa em Strasburgo. Já tivemos aqui bachareis electricos e os Estados Unidos ainda cultivam a especie. E' razoavel que tenhamos igualmente professores da mesma categoria. Para doutores electricos, só professores telegraphicos...

(“O Estado de S. Paulo”).

A MISSÃO EDUCADORA DA IMPRENSA

Entre os innumerados factores que concorrem para a preservação da paz no mundo, desejo insistir principalmente sobre dois, de importancia capital: a cooperação e a educação.

Certo astrónomo, especialista em estrelas fixas, nas quaes existem realmente tempo e espaço, convidou-me, dias passados a visitar, em companhia de um pequeno grupo de homens de sciencia, o mais proximo desses astros, para d'ahi contemplar a terra, através de seu telescópio. O primeiro problema foi descobrir o nosso planeta. O que, todavia fazemos questão de considerar como centro do universo, se tornava difficil de achar entre as miríades de corpos celestes de maior magnitude. Finalmente, descobrimos uma manchazita insignificante, que arrebatava qualquer illusão. Puzemo-nos, em seguida,

a procurar o homem, o que offerencia, naturalmente, difficuldades mais graves. Como resposta ao olhar de assombro e perplexidade que trocámos, o nosso guia explicou:

— Como vêdes, a esta distancia os senhores do universo não apparecem muito imponentes. Os seus problemas sociaes, entre elles o da prevenção da guerra, que com tanta gravidade discutem, têm simplesmente o aspecto de questões de sobrevivencia e de existencia.

Muito tempo antes da appareção do homem sobre a terra outras fórmulas de vida tiveram de affrontar esse mesmo problema fundamental; por exemplo, os dinossauros, que do ponto de vista da estatura e do tempo, o sobrepassavam em muito. Dez milhões de annos antes do homem existir, o dinossauro pizava magestosamente a su-

perficie do globo, porém, não sobe adaptar-se ao seu ambiente, e tudo o que resta da sua especie são alguns esqueletos e umas poucas duzias de ovos. Mais feliz em resolver o problema da sobrevivencia, foi um pequeno contemporaneo do dinosauro, vulgarmente conhecido pelo nome de barata. Com sagacidade superior á de seu gigantesco amigo, a barata descobriu o segredo da adaptação e da sobrevivencia, e o resultado é que ainda vive. Igual coisa succedeu com outro dos insignificantes povoadores da terra, cu seja a formiga. Ha muito tempo que aprenderam as formigas a arte da cooperação, que tanto demora o homem em adquirir. Cessaram, ha muito, de ser seus proprios inimigos, e os peores, que desfaziam e destruiam na guerra o que haviam creado na paz. Talvez tivessem alcançado esse resultado em virtude das femeas haverem assumido promptamente a direcção dos negocios nas colonias de formigas. Manifestamente, não ha motivo para alarmes com o advento das mulheres no corpo politico já que, racionando por analogia com as formigas, é possível ao homem encontrar nessa tendencia da época um dos factores mais poderosos para a prevenção das guerras.

Contemplando o globo terrestre e estudando os assumptos humanos, desde o longinquo ponto de vista do astrónomo, devo declarar que os nossos mesquinhos odios e temores, as nossas querelas e conflictos, e até as ocas ambições de nacionalismo e do imperialismo, pareciam singularmente desaccordes com as grandes leis da existencia. Discernia-se claramente que estas coisas significavam anarchia nas relações internacionaes, e a anarchia significa destruição. Se a civilização, e com ella o homem, estão chamados a sobreviver, só poderá obter-se esse resultado substituindo a cooperação pelas rivalidades e pela guerra. Abandonando aquelle distante ponto de observação das estrellas, vou examinar, mais de perto, outro dos requisitos urgentes para a prevenção da guerra.

Mencionei, no começo, a educação como estando intimamente enlaçada á cooperação. A brevidade do espaço obriga-me a considerar tão sómente uma das principais agencias de educação, inventadas pelo homem. Passando por alto a escola,

o publico, o cinematographo e outras circumscrevendo-me ao exame de um factor educativo, que requer attenção especial nos nossos dias. Refiro-me á imprensa. E' difficil exagerar a importancia do papel que corresponde á imprensa e diante do estupendo problema e educar o povo nas relações internacionaes, creio que nos assiste o direito de pedir aos directores de jornaes que, em vez de publicar noticias de assassinios, de actos de violencia, de Romeus em difficuldades, etc., dêem cabida, na sua primeira pagina, á verdade sobre questões de importancia real. Os Melchisedech da imprensa têm graves responsabilidades a este respeito.

Todos sabemos que a ignorancia foi, e é, um dos inimigos capitaes do homem. A ignorancia gera suspeitas e as suspeitas originam rivalidades e temores que, a seu turno, fomentam o odio e, consequentemente, provocam a guerra. Tem-se dito que se os povos da Europa — e por povos quero significar a generadidade dos homens e mulheres — se conhecessem melhor mutuamente, se comprehendessem melhor, se haveria creado o melhor preventivo da guerra. Jámais olvidarei as praticas palavras de uma das victimas da guerra, um infeliz inglez, nos dias em que dava baixa do exercito:

— Nós não tinhamos motivo de discordia com o agriculor nem com o operario allemão.

Nós tambem não o tinhamos. Mas não os comprehendiamos, nem elles nos comprehendiam.

Ha pouco mais de um anno, appareceu no *Daily Mail* uma historieta intitulada: *E' prohibido comer toda a lagosta*. Certo inglez que viajava pela França, foi comer num hotel de provincia. Havia sómente outra pessoa na mesma mesa: um francez. O *garçon* trouxe uma lagosta, exquisitamente preparada, e collocou-a diante do francez.

— Não, não — protestou este, que era filho do logar; primeiro, os hospedes.

Ao que o inglez, que não comprehendia o idioma, julgando que o seu companheiro não queria lagosta, a comeu toda... com resultados de character internacional, como bem pôde imaginar-se.

Os que se dedicam ao estudo da historia têm tido occasião de observar que as difficuldades internacionaes, e até as guerras, se originam, a meudo, do desco-

nhecimento das attitudes de outro povo; da má intelligencia causada pela ignorancia ou, peor ainda, de informações erroneas engendradas e nutridas pela imprensa. Muitos exemplos historicos poderiam citar-se a este respeito. Nos ominosas dias de abril de 1870, em Paris, depois que Bismarck deu publicidade ao resumido telegramma de Ems que, dizia, estava destinado a produzir o effeito "de um pano vermelho atirado ao touro das Gallias", uns tantos homens de peso, como Thiers e Gambetta, deram-se conta do assumpto e recommendaram moderação, mas a sua voz foi abafada pela babel de clamores pedindo a guerra. Uma imprensa sensacional ampliou o telegramma, colorindo-o a seu modo, e inflammando as paixões do nacionalismo e da guerra até ao extremo da opinião voltar-se, ameaçadora, contra aquelles que julgavam com discernimento e tinham o valor de suas convicções.

A ninguem occorrerá sustentar, penso eu, que o publico tem, em geral, o direito de determinar a orientação de um jornal. O direito que nós temos é de pedir aos redactores que, até onde for possivel, mantenham os seus leitores ao corente das condições que respeitem os factos, que respeitem a verdade e que, ao menos incidentalmente, lhe concedam o posto de honra em suas columnas. Ha alguns dias, durante uma aula de historia, em que um dos meus alumnos compilava factos na imprensa com fins historicos, eu sugeri-lhe que calculasse quantos *suelto*s da primeira pagina de um dos respeitaveis diarios de Philadelphia relatavam actos violentos e noticias sensacionaes em comparação com os que se referiam a coisas que aos senhores e a mim, supponho eu, nos agradaria ler. Medindo com esmero o espaço das columnas, descobriu elle que encerravam exactamente 236 cen-

timetros dedicados a paragraphos da primeira indole, contra 127 referentes á segunda. A edição escolhida, accrestaremos, era das mais respeitaveis quano ao material das suas primeiras paginas.

Depois das escolas, á imprensa corresponde, no meu entender, a funcção mais importante para satisfazer o segundo requisito indispensavel ao estabelecimento permanente da paz; quer dizer, a educação da communitade em idéaes de justiça, que promovam uma organização internacional. Ha necessidade urgente de uma propaganda continua no interesse da boa intelligencia dos povos, necessidade de uma poderosa organização das nações nesta época transcendental de transição do nacionalismo para o internacionalismo.

Em conclusão, permitti-me declarar que o meio mais effizaz de prevenir a guerra e a substiução do nacionalismo existente por um internacionalismo cooperativo. Este resultado só poderá obter-se por virtude de uma educação que infunda na mente dos homens e mulheres de todo o mundo a convicção de que a guerra significa o suicidio da raça. Para esse processo de educação, a imprensa desta e de outras nações constitue um dos factores principaes. E quero terminar estas breves observações instando com os jornaes a collaborar em tal sentido. Algumas publicações têm caminhado bastante nessa boa direcção. Mas é preciso, além disso, que se propague amplamente a convicção de que os proprietarios e directores dos grandes periodicos possuem, não só influencia enorme para bem ou para mal na causa da paz, mas, principalmente, são os guardiães de um deposito sagrado que unicamente poderá reintegrar-se por um sincero respeito aos factos e veneração se á verdade.

William Lingelbach

("O Paiz", Rio).

UM ANNIVERSARIO

Com a independencia, radical transformação se operou na vida provinciana de S. Paulo. Conquistado o territorio, a actividade creadora do paulista voltou-se para outras questões.

Era mister construir a nacionalidade. E um benefico sôpro correu por estas plagas.

Institue-se a Faculdade de Direito, cuida-se da lavoura cafeeira e, annos mais tarde, remate admiravel, o primeiro trilho de ferro surge, a redimir a producção local de uma estabilização pernicioso e desanimadora, como é, infelizmente, o caso de nossos dias. Já então, do mesmo passo entram a cami-

nhar a acção material e acção intellectual. A' Academia accorrem os mais distinctos moços das familias tradicionaes, que, no trato dos livros, vão a pouco e pouco logrando elevar o nivel mental da sociedade. A principio, usanças de Coimbra, com professores da cõrte. Mas, ao de logo, vae-se obtendo aqui um certo escol intellectual.

Em 1860, funda-se a Casa Garraux, que papel de tanto relevo devia desempenhar nessa obra da formação da mentalidade paulista. Era ali na rua da Imperatriz, esquina do largo da Sé, onde a installou Anatole Luiz Garraux. Com o tempo, muda-se para dois outros pontos da mesma rua, até se localizar no ponto em que hoje está, mudando tambem de donos.

E' uma das poucas coisas que restam do S. Paulo de ha cincoenta annos. Todas as outras casas do centro se transferiram para outros pontos, só ficou a livraria, como um traço de união entre o passado e o presente. E é bem que ahi fique, a gravar na sua cronica todos os eventos da cultura paulistana.

Commemorou-se ha pouco o 65.º anniversario da sua fundação. Os jornaes delle cuidaram em ligeiras notas. Um cronista contou, entre outras coisas, o seguinte:

"Ha dias, um amigo já maduro lembrou o Michel e as suas rifas:

— Os primeiros dictionarios Larousse, dizia elle, foram vendidos pela Casa Garraux, mas por meio das rifas do Michel. Eu tirei um, por cinco mil réis... Falou depois de Pedro II que já viu comprando livros no Garraux, falou dos "habitués" da casa, alguns, como o dr. Estevam de Almeida, cujas visitas são diarias.

— E um dos aspectos mais interessantes da vida paulistana, concluiu elle, é no Garraux a chegada das ultimas novidades de livraria: muita gente assiste no porão á abertura dos caixões de livros, personalidades de destaque nas letras e na politica, que não deixam de levar, e ter, as ultimas novidades literarias, principalmente as de Pariz. E' uma tolice dizer-se que em S. Paulo não se lê..."

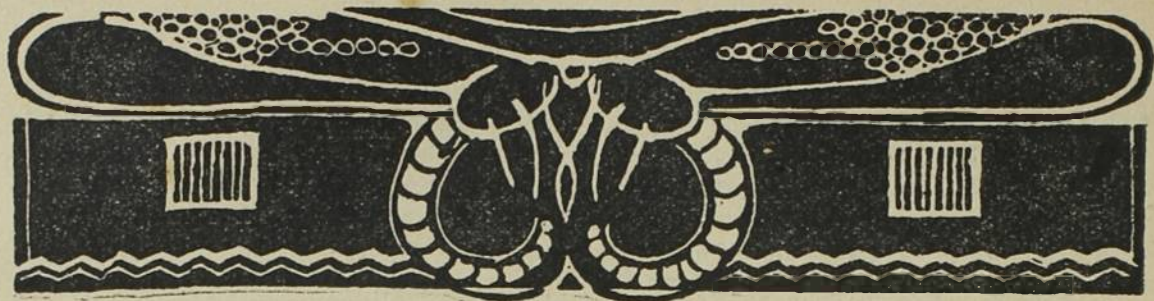
Outro lembrou Ruy:

"Lembro-me de Ruy Barbosa, pequenino e franzino, com o livro suspenso até ao nariz, a dizer aos que o cercavam: —

— Não posso vir a S. Paulo sem visitar o Garraux. Livros que não encontro no Rio, acho-os aqui!

E lá, na velha livraria, é que fui tendo a doce e exquisita emoção de conversar com os grandes deuses da nossa intellectualidade: — Olavo Bilac, Vicente de Carvalho, Affonso Arinos e tantos outros que a morte levou... E cada vez que encontro as nossas celebridades vivas no porão atulhado da livraria, lembro-me de Aquilino Ribeiro, emocionado, a ver Anatole France nas livrarias do "Quai" e o proprio France a contemplar a figura de Flaubert, recurvado sobre livros antigos!"

Assim, pela palavra dos que já vão decambando para a velhice, poder-se-ia reconstituir a historia da velha livraria, sem duvida um dos baluartes da nossa cultura. Bello trabalho o de quem a tal se afoitasse. Valiosos subsidios adviriam á historia, que não deve ser apenas o relato pomposo de glorias militares ou acontecimentos politicos. Fóra d'ahi é que se vae encontrar a nacionalidade no seu cerne.



DEBATES E PESQUIZAS

A LITERATURA BRASILEIRA E A CRITICA

Uma literatura só "vive" quando não pôde ser ignorada por um homem culto. Do contrario "existe", não vive.

A vida da literatura é justamente a irradiação moral de uma cultura. Todos os povos possuem os seus poetas, anonymos ou academicos constellados.

Todos escrevem. Todos se gabam de possuir uma literatura. Todos publicam suas pomposas historias literarias, cujo numero de volumes cresce muitas vezes em razão inversa ao tamanho do territorio e a perspectiva da tradição. Mas poucos vêem essa obra secular da intelligencia espraiar-se naturalmente, como faz uma simples mancha de azeite. São as literaturas meramente nacionaes, cuja fronteira mental coincide com as fronteiras geographicas, ao lado das literaturas imperialistas, que possuem em si uma força invencivel de irradiação.

Umas existem e outras vivem. Umas são simples devaneio, outras necessidade interior de expressão. Umas vivem á espreita do modelo alheio, outras impõem o seu pensamento e a sua forma. Umas são apenas passividade, outras actividade.

Falemos franco. A literatura brasileira existe mas não vive. A literatura brasileira sempre acompanhou os movimentos europeus, nunca suscitou uma idealidade propria além de suas fronteiras. A literatura brasileira pôde ser ignorada por um homem culto. Não temo acrescentar — por um homem culto brasileiro. Sim. E' possível, é perfeitamente possível ser um

brasileiro intelligente, cultivado, cheio de pensamento e rico de seiva criadora e não ler habitualmente os livros brasileiros, ignorar o passado literario brasileiro. Parece uma heresia affirmar esse direito á ignorancia numa secção literaria. Um critico, que reinicia a sua actividade, lançando essa condemnação á propria materia de que vae viver, parece desejar apenas um effeito facil de paradoxo ou de escandalo barato.

Mas o facto é esse. Podemos ignorar a nossa literatura e fazer por ella mais do que muitos que a conheçam profundamente.

O Brasil ainda está nesse ponto de amadurecimento precario em que a perspectiva mental ainda não se impõe ao homem culto. Nos paizes de longa tradição literaria, onde a intelligencia do passado já criou uma vida da imaginação, mais palpitante, mais fecunda, mais real emfim do que a propria vida da historia, nesses paizes sim a ignorancia da literatura é quasi um invencivel obstaculo á verdadeira criação. Era o defeito, por exemplo, que Mathew Arnol notava na poesia ingleza dos principios do seculo passado e que o fazia acrescentar: — "The creation of a modern poet, to be worth much, implies a great critical effort behind it".

No Brasil não. Criar aqui ainda é antes de tudo libertar-se da imitação estrangeira. O primeiro esforço de todos aquelles que desejam fazer aqui em arte uma obra honesta e fecunda, uma obra que dure e marque, é fugir ao modelo, reagir contra

essa delicia de repetir com que a nossa memoria e o nosso gosto corrompem a nossa intelligencia criadora. Desde o classicismo arcadico ao futurismo categorico, todos os nossos movimentos literarios ou plasticos, musicaes ou philosophicos, revelaram o sinete de outras gentes. Sempre fomos a cera docil, esquecidos de que a palavra "character" é uma palavra de origem grega, que significa, não a cera em que o sinete se grava, mas a marca profunda que nella deixa...

Ignorar portanto, o que fizeram os imitadores não será propriamente um bem, mas também não pôde ser um grande mal. Não prégo a ignorancia. Não julgo que a simplicidade de espirito seja condição indispensavel para uma obra original. Digo apenas, e repito, que é possível ser original ignorando o que os outros aqui têm feito como literatura intencional. Precisamos sentir e comprehender que as obras mais originaes de nossa intelligencia tem sido justamente aquellas em que a preocupação esthetica tem faltado. Ao contrario, essa preocupação esthetica, quasi sempre, é que tem corrompido a nossa personalidade, improvavel mas possível.

No periodo colonial, o que ficou ou ficará ás nossas letras, não serão propriamente as estrophes da Prosopopéa ou os legumes da ilha de Maré. O que ainda vive, do que então se escreveu, são as obras dos chronistas que viram honestamente a terra, que disseram com simplicidade o que viram, que viveram realmente os seus escriptos. Estou prompto a dar todo o Caramurú por um capitulo de Gabriel Soares. Um se limitou a tomar do Brasil um pretexto para imitar Camões. O outro viu, viveu, assistiu nessa terra aspera da colonia e nos interessa hoje mais ainda do que interessou aos seus contemporaneos.

Por que de tudo isso que então se fez o que realmente se salva é alguma coisa de Gregorio de Mattos? Porque a terra não lhe era apenas thema, para ornatos e fiorituras, mas elemento vivo e presente, odiado e portanto sentido.

Se passarmos ao Brasil independente, á literatura que já existe afinal por si, que veremos? Que o melhor do que nos deixou, o de mais vivo e actual no futuro que hoje vivemos, foi a sua obra parlamentar. A não ser em poesia no caso de Castro Alves e em prosa no caso de Alencar, e poucos mais, é no Parlamento, nesse longo arti-

ficio politico que devemos collocar o eixo da literatura brasileira no seculo de sua independencia. Não tenhamos illusões. Enchemos os nossos artigos, os nossos ensaios, os nossos livros de nomes de poetas e romancistas, mas tudo isso é simples impressão de proximidade. Se agora, que estamos ainda a 25 annos desse seculo, já podemos quasi resumir o que houve de "brasileiro" em nossa ficção em dois nomes — José de Alencar e Castro Alves.

Que será no futuro? E nesses dois, foi acaso a procura da belleza que lhes deu vida e irradiação até hoje? Não parece. Quando quizeram fazer belleza, fizeram em geral academismo ou imitação. O que tiveram de grande foi a expressão da verdade. Em um pelo horror da escravidão. Em outro pelo amor da natureza. Verdade poetizada em ambos, sem duvida, mas como deve ser a verdade da arte. A arte é transposição, é estylização, é renascimento e não decalque e reproducção. A natureza de Alencar não é o carrascal triste e retorcido de nosso sertão? Mas é o lyrismo dessa natureza, é a imagem mental, é a emoção, é a recreação dessa verdade parcellada, que nossos sentidos apprehendem. Arte é synthese. Os cinco sentidos apanham a verdade em fragmentos, como os observadores de avião tomam as suas photographias parciaes para mais tarde, no gabinete, recomporem o plano geral do terreno. Os cinco sentidos fornecem o material bruto, mutilado, esparso, da verdade, e só o sexto sentido, o divino sentido interior que nos eleva e perpetua, o sentido que falta á maioria dos que julgam tel-o, só elle recolhe e reúne num todo essa fragmentação, para delle tirar mysteriosamente uma nova vida. Os photographos não a reconhecem é certo, mas a alma comprehende.

Nesse sentido, para os photographos, é que Alencar foi falso, creando indios de opereta ou florestas de scenario. Para nós que sentimos o que ha de criação nova nessa synthese, isso nem sempre é falso, porque sabemos que não são apenas os olhos e a razão logica que nos communicam o segredo supremo da verdade. E o mesmo com Castro Alves.

O que tiveram de grande, portanto, foi o que houve nelles de realidade, de character, de contacto intimo com a vida brasileira. E por isso é que o eixo de nossa literatura tem sido mal collocado no se-

culo XIX. E' no Parlamento que elle deve assentar. Ahi se desenrolou a realidade brasileira, com todos os seus artificios reaes, e portanto ahi é que devia estar o centro da intelligencia original e creadora.

Nos tempos modernos é a mesma coisa. Quaes são os dois grandes livros destes 50 annos, talvez os dois maiores livros brasileiros, pois não se destinam apenas a artistas e letrados, mas a toda intelligencia brasileira? Penso que não haverá duvida em nomear: "Um Estadista do Imperio", de Joaquim Nabuco e "Os Sertões", de Euclides da Cunha.

E nesses vamos novamente encontrar a ausencia da preocupação puramente esthetica. Elles são grandes livros porque testemunham, através de duas intelligencias tão dispares, as duas faces da nossa alma brasileira: — a que se expõe e a que se recolhe, a que confessamos e a de que nos envergonhamos, as capitaes e o interior, a cultura recebida, a intelligencia, a polidez, a autoridade, a vontade de plasmar, de conformar, de constituir a nacionalidade, — e do outro lado a massa em ebulição, a natureza eriçada de espinhos, o sol impiedoso, a gente barbara, toda a rudeza da vida abandonada, do instincto á solta, da redea livre. Nabuco não foi apenas o Brasil que passou, não foi apenas a saudade de um regimen, a flôr de um momento feliz de cultura, mas tambem toda uma face de nossa alma.

Elle vive em cada um de nós, cada dia, no nosso desejo do velho mundo, no nosso amor á harmonia da antiguidade na nossa sensibilidade ao vento do largo, a esse sopro do Atlantico, que perturba e inquieta a nossa imaginação. E Euclides tambem. Euclides é a nossa consciencia. Morto, elle é uma censura viva á nossa incapacidade de viver livres, de olhar corajosamente a insufficiencia do que nos cerca, de sacrificar voluntariamente o nosso falso gosto ao nosso dever. E' provou como vivendo é que se transmite a vida.

O que a nossa historia literaria nos revela, portanto, é que não foi o amor da belleza que até hoje tem conseguido salvar a nossa obra, mas o amor da verdade. Não foi o parnasianismo com todo o artificio do seu hellenismo de encommenda; nem o naturalismo com o seu preconceito de verdade

linear e meramente nacional; nem o symbolismo, com as suas subtilezas "fin de siècle" e decadentes; nem o proprio romantismo, com a sua hypertrophia do sentimentalismo e do romanesco; nem será o futurismo, mais uma vez importado, desde o nome aos processos, que suppõe uma reacção contra elementos a que ainda não tinhamos chegado, e muito menos outras escolas menores de dissolução consciente, que pretendem demolir ou por incapacidade de ser originaes ou para preparar o terreno para futuras construcções. Tudo falso. Tudo de fóra. Tudo importado. Reconheço que o problema das escolas literarias não é tão facil de ser resolvido, como em geral o faz a suspeita argumentação dos despeitos contradictorios.

A civilização transporta os homens dos planos verticaes para os planos horizontaes. A scisão dos homens do occidente em "nacionalidades", tão caracteristica do mundo moderno, não impede que as idéas e os sentimentos deixem de respeitar fronteiras politicas.

Viver numa época, para o homem educado e culto, é viver dentro de um certo ambiente, e possuir uma determinada sensibilidade e um pensamento inclinado a certas sympathias essenciaes, seja qual fór a patria em que se viva.

O fundo das almas é o mesmo, quaesquer que sejam as divergencias posteriores. E' dahi essa profunda, essa natural separação dos homens em gerações, que tem surpreendido e se imposto a tanta gente. Uma geração difficilmente comprehende a geração anterior e esta a seguinte. A barreira entre paes e filhos é quasi intransponivel. O homem novo é um novo homem. Especialmente quando vale alguma coisa. Dahi as raizes verdadeiras das escolas literarias.

A' posteridade parece ridicula a scisão, pois vê o passado num só horizonte, esquecida de que a submissão seria o silencio. O silencio dos que imitam, sujeitam-se, e vivem fechados no seu egoismo infecundo. As escolas porém tambem são artificio e cabotinismo. E sobretudo uma lição de convencionalismo. O "poncif" é a sorte de toda revolta sem genio. O que sobrenada é sempre este, á testa de uma escola ou contra ella. O mais é mimetismo. Apenas ha uma imitação mais grave do que a dos discipulos insoffridos ou levianos de escolas novas: é a imitação de escolas mortas.

Caso tão frequente entre nós! São os românticos do período naturalista, os parnasianos do symbolismo, os que fazem naturalismo na era do superrealismo. E assim por diante. Imitar é máo, mas imitar o que passou é apenas amar a consagração facil. Pois o publico está sempre em atrazo de uma geração, pelo menos, em relação aos artistas. Imitando uma escola de hontem, temos sempre a doce certeza do applauso... Entre nós, no meio desta escassa estrutura de escolas e contra escolas, quasi todas importadas, que faz a rêde de nossa historia literaria, é que vive, daqui e dali, á espera das classificações vindouras, mais de accordo com as particularidades de nossa evolução, aquillo que ha de marcar um dia esse seculo de preparação para a obra futura que temos até hoje vivido. E ainda viveremos por muito tempo. O cháos presente das nossas letras não autoriza senão um grande scepticismo sobre qualquer progresso em relação ao passado. Não que tenhamos decaído. E antes augmentamos consideravelmente a nossa producção, animando a nossa intelligencia com um dos seus elementos de vida, que é a quantidade.

Mas a especie é que vale. O que fica é o espirito, que se evola da massa da producção esthetica, com a sua imposição de formas e de pensamento.

Produzir muito, sim, pois é uma illusão pensar que os grandes livros nascem sózinhos, no seu momento necessario. Parecem sós mais tarde, mas porque offusca-

ram os outros livros seus contemporaneos ou predecessores.

No momento, foram estes que os prepararam, que permittiram a sua inesperada apparição, graças ao esforço despendido. O genio é a economia mysteriosa de um longo desperdicio.

Não mantenho a minima illusão, portanto, sobre a nossa literatura. Sei que ella existe apenas mas não vive. Sei que o mundo culto não precisa della e que nós mesmo ainda podemos criar, trabalhar por ella em relativa ignorancia de suas colheitas passadas ou presentes. E ignorados por quem nos seguir.

Nem por isso desespero ou acredito nas panacéas dos demolidores. Não penso que a criticar possa despertar o que ainda não dormiu bastante. Nem deve, pois o somno é criador e a insomnia esteril.

Mas tambem não creio que ella deva limitar-se ao sybaritismo das excursões pela propria alma, sob pretexto dos livros. a funcção meramente vulgarizadora, e muito menos ao irrisorio posto de inspector de pronomes e plagics. Em tempo, já disse o que creio que ella possa fazer.

O futuro e os factos dirão de novo, nestas mesmas columnas, o que hoje cato. Ou nada dirão, e será a melhor prova de que nada havia a dizer senão palavras.

Tristão de Athayde

("O Jornal", Rio).

A CRUELDADE E A MENTIRA INFANTIS

Os falsos anormaes — Influencia nociva de certas exhibições cinematographicas.

La Fontaine, que tanto amou os animaes, disse das crianças: "Esta idade é sem piedade", — conceito que, apesar de absoluto, exprime a verdade.

Sendo essencialmente egoista a criança é mais inclinada a fazer o mal do que o bem. O desenvolvimento das inclinações sympathicas requer certo grau de intelligencia o qual, faltando no pequeno ser, o impede de comprehender em sua extensão o mal que pratica ou do qual ouve apenas falar sem avaliar o seu justo alcance.

A crueldade infantil é devida á pobreza

da imaginação, pois a extensão e a clareza da sympathia estão em razão directa da extensão e da clareza das representações. São propicias as occasiões em que as crianças soffrem para despertar nellas a compaixão para os que tambem soffrem. A experiencia confirma que ellas se tornam mais affectuosas depois de uma enfermidade; além dos padecimentos, as demonstrações de ternura recebidas concorrem para despertar os sentimentos de bondade. A afecção é cotagiosa.

O affecto de sympathia é originado sempre da impressão de familiaridade e parece que o seu mecanismo formador é a imitação. A criança imita os gestos e as

attitudes dos que a rodeiam; desde os primeiros mezes de idade se pôde observar a influencia que a mimica dos demais exerce sobre a sua attenção. A imitação tem uma influencia preponderante no despertar psychico; começa no quinto mez e prolonga-se pela idade adulta, se bem que aos seis annos já se note uma diminuição da tendencia imitativa que deixa de ser tão servil como na primeira infancia. Todos devem aproveitar-se deste instincto procurando fazer com que a criança veja sempre bons exemplos a imitar e sem receio que esta pratica impeça o desabrochar da espontaneidade psychica. E' uma regra educativa a seguir não só em relação á crueldade manifestada para com os animaes fracos, como tambem para todos os outros actos infantis. A pratica perseverante dos bons exemplos já foi o processo adoptado pelo pae de Horacio, como nol-o refere o poeta numa das suas adoraveis satyras. Grande parte da crueldade das crianças no trato dos animaes que cáem em suas mãos, mórmente os insectos e os passaros, é suscitada, além da ignorancia da dôr que as suas experiencias provocam, pela curiosidade dos seres que atormentam. Goethe relata que em menino se divertiu certa vez em arrancar todas as pennas de um pobre passaro, para apreciar a figura ridicula que o mesmo faria depennado em vida.

A mesma explicação têm as propensões destruidoras a respeito dos objectos. Quebram-nos para saber o que tem dentro, do que ou como é feito; é a curiosidade natural na criança sempre ás voltas com a explicação para tantas coisas que se apresentam de chôfre ao seu espirito. Para o desenvolvimento do seu cerebro precisam ter a imagem visual: querem vêr para crêr. São mais exigentes do que S. Thomé, pois não poupam nem os seus proprios brinquedos.

As perguntas espontaneas e imprevistas que ás vezes uma criança curiosa e investigadora faz, dão que pensar ao nosso espirito. — "Creio, confessa Locke, que ha mais de aprender com as perguntas inesperadas das crianças do que com os discursos dos homens que giram sempre sobre o mesmo circulo".

Sobre o instincto destruidor ha uma bella passagem do professor Payne: — Dae a uma criança uma bella flôr. A côr brilhante attrahirá a sua attenção por um momento.

O seu prazer esthetico não está ainda presente. Necessita verificar as propriedades da flôr e especialmente o seu poder de resistencia... Deleita-se em destruil-a fazendo ao seu modo e, em proporção aos seus conhecimentos, as mesmas coisas que os homens fazem em suas analyses scientificas. Trabalha como um discipulo industrioso na escola da Natureza, onde todo o ser humano recebe as primeiras lições.

O habito de maltratar os sêres fracos pôde tornar a criança cruel para com os da propria especie. O Direito inglez, accentua Locke, teve em conta esta observação quando excluiu os magarefes do poder de decidir sobre a vida e a morte.

* * *

A adulteração da verdade é um phenomeno natural na criança. Ella provém da novidade das impressões, da imperfeição tanto das reacções como das idéas fundamentas e por consequencia da facilidade com que toda a impressão presente domina o espirito e o orienta num dado momento. A infidelidade de suas narrativas corre por conta da infidelidade de suas percepções e nestes caso são antes illusões do que mentiras.

Ha uma tendencia para o fabuloso, para o mythologico, o mesmo pendor para o maravilhoso que se encontra na infancia, nos tempos heroicos da historia do povos.

A criança mente pelo temor do castigo ou então visando um proveito real como a satisfação de um capricho; no primeiro caso é a mentira por medo, no segundo por egoismo.

Ha uma variante que já retrata o character anormal; a calumnia, da qual não pôde resultar proveito algum para quem a engendra. Os juristas têm chamado a attenção para os erros que pôde acarretar para a justiça o testemunho das crianças. A calumnia nem sempre corre por conta da perversão moral; ás vezes resulta de impulsos a que são arrastadas sem medirem as consequencias do seu acto.

A criança na preocupação de esconder as suas faltas é levada a procurar desculpas, as quaes são uma variante, uma vizinhança da mentira. Quando interrogada, se o seu primeiro movimento é uma escusa, deve ser exhortada a dizer a verdade, cuja declaração espontanea ou provocada nunca

deve ser castigada. Evita-se assim a covardia que é uma das causas principaes da mentira infantil.

* * *

Entre os caracteres infantis normaes, de que nos temos occupado, neste bosquejo, e os caracteres anormaes existe o grupo dos "falsos anormaes" constituido por crianças não affectadas propriamente de um "deficit" mental, mas desprovidas de conhecimentos proprios de sua idade. São os abandonados a si mesmos, sem frequencia escolar continua, soffrendo as influencias nocivas do meio, da má educação, das intoxicações e da miseria, victimas prematuras de todos os vicios — vagabundagem, alcoolismo, criminalidade, prostituição.

Muitas das crianças tidas nas escolas como anormaes de character são falsos anormaes por abandono moral. Durante a guerra européa houve um surto de criminalidade entre os escolares allemães motivado pelo abandono forçado dos paes e dos professores partidos para as fileiras, facto que chamou a attenção da Camara dos Deputados da Baviera. Foi uma onda de delictos infantis provocada tambem pela influencia do meio (agentes mesologicos) agitado pelas noticias das batalhas, despertando nas almas dos louros meninos os instinctos barbaros dos germanicos, seus antepassados.

As narrativas fantasticas, as leituras improprias e principalmente os "films" cinematographicos de ladrões e "detectives" — tão communs entre nós nas chamadas "vesperaes dedicadas ao mundo infantil", produzem grande excitação no espirito das crianças com ligeira predisposição congenita. Ha varios annos os jornaes de Londres se occuparam do caso de alguns meninos constituidos em bando de malfeitores e que imitando uma pellicula cinematographica fizeram descarrilar um trem de passageiros, causando muitas victimas. Em Salamanca, na Hespanha, um bando de malfeitores infantis, influenciado pelo cinema, tentou envenenar uma fonte publica e endereçou ás pessoas influentes da cidade cartas ameaçadoras, encimadas de um emblema macabro. O mesmo se deu entre nós, em certa cidade do Estado, onde a policia andou ás voltas com uma "Mão Negra" infantil.

Nas salas dos nossos cinemas são frequentes as crises de exaltação nervosa, gestos violentos, gritos e até prantos convulsivos — de crianças excitadas pela violencia das scenas que assistem e frequentemente ao lado dos proprios paes. Destes, uns sorriem, outros ainda ameaçam o pobre ente em vez de afastal-o do espectáculo para o qual nunca o deveriam ter levado! Os taes "films em series", muito do agrado dos nossos cinemas, mantêm semanas a fio a intoxicação nervosa das crianças, despertando terrores nocturnos, ansiedade, medo pathologico e outras perturbações funcçionaes. As projecções cinematographicas poderiam ser entretanto de grande auxiliosa educação e recreio das crianças se houvesse apuro na sua escolha.

As mesmas influencias exercem sobre as de menor idade as historias fantasticas, as descripções de roubos e crimes, o medo da escuridão e outros recursos de que as criadas e amas se utilisam para adormecer, entreter ou assustar as crianças. Ao lado de todas estas causas extrinsecas, existem as decorrentes das enfermidades geraes, das prolongadas convalescencias, da má nutrição, das quaes opportunamente cuidaremos.

A distincção entre os falsos e os verdadeiros anormaes não é facil, quando são incertos os limites entre os dois grupos. S. de Santis ("Educazione dei deficiente. Milão 1915") descreve alguns dos "signaes de falsa anormalidade" os quaes permitem um diagnostico differencial. Os principaes são: 1.º O falso anormal possui noções da vida pratica de sua idade emquanto que precisa de conhecimentos escolares mais elementares. 2.º Não reage bem ao exame psychico pelos seguintes motivos: distracção, descuido ou capricho, timidez ou teimosia, ignorancia. 3.º Responde á mesma pergunta diversamente, mas sempre de um modo aproximadamente exacto, o que revela uma intelligencia normal. 4.º Quando uma criança se porta bem na escola e mal em casa, ou vice-versa, trata-se provavelmente de um falso anormal porque o verdadeiro se porta mal em ambos os meios. 5.º Com a frequencia escolar o falso anormal melhora sempre ao passo que o verdadeiro resiste mais á educação.

* * *

Victimas innocentes da hereditariedade e das influencias do meio merecem todas as crianças — não exclusivamente os nossos filhos — aquelle respeito que Juvenal exigiu em uma das suas satyras: "Maxima debetur pueris reverentia". E' o apaugamento dos povos cultos.

Uma vez em Nova York, junto á intersecção do Broadway e da Quinta Avenida, presenciei um facto, aparentemente singelo, mas que me deixou pensativo sobre os cuidados que dispensamos ás crianças que vaguem ao desamparo pelas nossas ruas. Vertiginoso e ensurdecido ia o movimento de vehiculos áquella hora da tarde de inverno que caía sobre a metropole feericamente illuminada. Debruçando-se da beira da calçada dois garotos maltrapilhos, armados de patins, tentavam imprudentemente atravessar a rua. Percebendo-os o policial de serviço fez parar o transito, deixou o seu posto e acercou-se dos pequenos sobre cujas cabeças irrequietas estendeu paternalmente, num largo gesto de carinho e agasalho, as suas mãos possantes. E amparados pelo guarda que sorria e cuja estatura de gigante irlandez parecia avantajarse como o symbolo augusto da Lei entre as duas crianças — lá se foram os garotos patinando pela alta aberta entre as filas de automoveis trepidantes. Humildes e desamparados da

sorte fizeram os dois meninos estacar á sua passagem as impaciencias e as soffreguidões, os orgulhos e as vaidades de tanta gente...

Ao grande Pasteur a aproximação de toda a criança causava dois sentimentos contrários: a ternura pelo presente, o respeito por aquillo que ella talvez viria a ser um dia. Ao lado destes pequenos seres ditosos ha os outros — e ainda em tão grande numero entre nós — cujo destino só nos póde inspirar o sentimento de piedade pelo que elles virão a ser um dia.

Felizmente parece avolumar-se entre nós o movimento colectivo em favor da infancia desamparada. E' ainda um esboço do monumento que possa um dia attestar a nossa cultura e para cuja construcção todos devem volver a sua solicitude — os governos, os juristas, os medicos e principalmente os homens de dinheiro. Na philanthropia destes está o milagre de fazer cair do ceu o manná para as pobres crianças, o poder de levantar as criações mais sagradas da bondade humana: os hospitaes, os asylos, as escolas, todas as instituições de assistencia á infancia que soffre, que precisa ser protegida, educada, regenerada.

Octavio Gonzaga

("O Estado de S. Paulo").

A MORTE DA SYPHILIS?

Acaba de ser levado a effeito, no campo da medicina, um trabalho verdadeiramente grandioso.

E, ainda que não dê todos os frutos que promette, ficará, sem duvida, como um dos maiores acontecimentos do mundo medico, pela grande somma de energia despendida na concepção e execução de um grande plano.

Foi um trabalho de doze silenciosos annos. São apontados como autores apenas dous medicos francezes. Julgamos, porém, que, para ter o exito que teve, muito devia ter concorrido o Instituto Pasteur de Paris.

Paris ainda é o cerebro do mundo. E' de lá que ainda nos vêm noticias como esta!

* * *

Qual é essa noticia? Foi encontrado o animal que transmittiu a primeira syphilis ao homem. Foi um animal? Sim.

Está claro que o homem não podia ter nascido syphilitico.

Para se descobrir esse animal foi preciso conceber e executar um grande plano.

Tratava-se de um trabalho dividido em diversas phases, medicas e não medicas.

A primeira phase comprehendia pacientes pesquisas de bibliotheca sobre estudos historicos, geographicos e ethnographicos, para localisar no tempo e no espaço o berço da syphilis. A segunda phase consistia em "trabalhos de campo", como costumam dizer os engenheiros de estradas de ferro. Uma vez descoberta a região que foi o primeiro fóco de syphilis, tentar inocular essa doença em todas as especies de animaes que ahi se encontrassem.

Devia se interrogar a Natureza. Caso ella respondesse, indicando um animal, cuja

receptividade para com a syphilis fosse igual á do homem ou maior, a execução do grandioso plano entraria na sua terceira e ultima phase, consistindo em trabalhos exclusivamente de laboratorios, no preparo de sôros e vaccinas para livrar, para sempre, a Humanidade da syphilis, fito elevado, altamente humanitario, a que se dirigiam todos os esforços.

Esse animal, fonte transmissora da syphilis, foi encontrado perto dos Andes. E' ruminante da familia dos camellos: E' o lama ("Camellus llacmá").

E' do sôro do sangue desse animal que a humanidade espera a salvação.

Para se comprehender a belleza desse trabalho, é preciso dar uma vista geral sobre a sua extensão.

* * *

A pesquisa historica.

Quando no outomno de 1494 Carlos VIII, de França, invadiu a Italia, o mundo foi surpreendido com uma nova doença que, até então, ninguem conhecia.

Essa nova calamidade surgiu no momento em que o exercito francez se achava já em Napoles. Os napolitanos attribuiram aquella "peste" aos francezes, e chamaram-no "mal francez" ("Mal gallico", — "Morbus gallicus"). Mas os francezes, por sua vez, que sabiam não ter esse mal, denominaram-no "Mal napolitano".

Voltaire achou que fosse um bom stastigo para o imperialismo francez e troçou:

"Quand les français, a tête folle,
S'en allerent dans l'Italie,
Ils prirent, á l'étourdie,
Et Gêne, et Naples et... la verole!
Puis ils furent chássés partout.
Et Gêne et Naples ou leur ôta,
Mais ils ne pedirent pas tout,
Car la verole il leur resta!"

Alludia á "revanche" dos italianos que, erguendo a cabeça, bateram os francezes retomando-lhes todas as cidades, uma por uma; mas, mesmo assim, não lhes tomaram tudo, por que ainda elles ficaram com a syphilis!

O facto foi, porém, que o exercito do rei de França não era composto só de francezes. Era uma reunião de aventureiros de quasi todos os paizes.

Era um exercito mercenario.

E quando foi batido, fugiu, voltando cada soldado para o seu paiz, e a syphilis foi assim, rapidamente, espalhada por toda a parte.

A Europa toda ficou com a syphilis, sem saber de onde vinha.

E só muito mais tarde, por occasião da reunião, em Madrid, do IV Congresso Internacional Americanista, foi que, graças aos achados do Dr. Montejo y Robledo, se soube que a syphilis era americana. Havia sido transportada para a Europa pelos companheiros de Colombo. E o seu apparecimento no exercito francez explicava-se pela existencia nesse exercito de ex-companheiros de Colombo, aventureiros que tinham por profissão seguir todas as guerras, todas as conquistas, todas as aventuras.

* * *

Estabelecido, solidamente, este facto, a sciencia procurou resolver o problema da syphilis pelo modo mais elevado possivel lançando mão da historia, da geographia, da ethnographia, etc., lembrando que a Medicina não é uma sciencia e sim "uma Arte que lança mão de todas as sciencias"!

E foi assim que estes dous sacerdotes da sciencia, Lancelotti e Jaureguy, ha 12 annos, emprehenderam pesquisas historicas subindo á idade pre-colombiana, á procura de uma possivel fonte da syphilis.

Localizado, por multiplas informações nas proximidades dos Andes, o berço da syphilis, os pesquisadores tiveram a idéa de que devia existir ahi um animal mais syphilitico do que o homem ou tão syphilitico como elle.

Que importava isso? Muito.

Todos sabem que, em 1909, quando Ehrlich estudava o preparado "606", lutou com as maiores difficuldades por falta justamente de animaes receptiveis de syphilis. A maior parte dos estudos de Ehrlich e da Hata foram feitos em gallinhas infeccionadas com spirillos. O que quer dizer, por outras palavras, que as qualidades anti-syphiliticas do "606" não foram experimentadas com os microbios da syphilis e sim com os "sus primos", os microbios da "spirillose gallinarum"...

Ehrlich só o experimentou na syphilis quando Bertarelli conseguiu syphilisar os coelhos, inoculando os "spirochoetas" na conjunctiva dos recém-nascidos.

Mas não passava de "truc". E a natureza não se illude com "trucs".

A doença assim obtida, era uma doença por demais artificiosa e por isso, fraquíssima. Com qualquer pequena dóse de "606", desaparecia, de vez. E o pobre velho de Franck-Fort "Am Mein" teve a grande illusão de ter descoberto um remédio que "esterilisava o homem" com uma unica injeção.

Era o mirabolante advento da "Therapia Sterelisans Magna".

Hoje, passados 15 annos, sabemos quanto havia de illusorio nessa affirmação.

Mas tudo por falta de um animal "que fosse tão syphilitico quanto o homem".

Onde encontrar esse animal?

A intelligencia dos pesquisadores apontava-lhes o berço da syphilis.

Lá devia existir um animal syphilitico ou syphilisavel.

E o raciocinio foi certo.

— "...Sus investigaciones historicas, que remontan a la edad precolombina, indican que este cámelido, quijás fuera la fuente primitiva de la sífilis. La etiologia, patogenia y semiologia en el "llama" son analogas á las humanas, y la enfermedad se transmite mutuamente..."

Eis um trecho do primeiro relatorio em hespanhol.

Continuando suas pesquisas, Jaureguy e Lancelotti obtiveram culturas puras de microbios. Obtiveram um sôro com o qual curaram os outros lamas syphilisados.

Obtiveram o desaparecimento do "cancro duro" em pouco tempo.

Lamas tratados da syphilis com sôro de outros lamas, ainda vivem, depois de 10

annos; ao passo que os lamas syphilisados e não tratados, morreram em um periodo variavel entre 2 e 3 annos. Os descendentes dos curados, não apresentaram signaes de heredo-syphilis, observados até á quarta geração.

Deante de resultados tão encorajantes no lama, passou-se a fazer experiencias no homem.

Obtiveram-se até hoje resultados maravilhosos!

Verificou-se que o cancro inicial evolue rapidamente, "o volume dos ganglios diminue de modo apreciavel", — o que até agora tinha sido um pio desejo verificar!

O exame de sangue torna-se logo negativo. Em individuos que não podiam tomar o "914" porque eram sujeitos á crises nitroides, foi possivel fazer essas injeções, sem inconveniente, injectando-lhe cinco minutos antes, sob a pelle, 1 c. c. desse sôro.

A injeção intrarachidiana desse sôro maravilhoso, produz a cura da paralyisia geral e, provavelmente, a do "tabes dorsualis".

Ha tres annos, foram tratados 100 individuos, cujo exame de sangue continúa negativo.

E' verdade que só daqui a 20 ou 30 annos é que se poderá dar uma opinião definitiva sobre essas curas; mas, desde já se pôde affirmar, sem medo de errar, que se trata de um grande passo para a cura da syphilis e que trabalhos dessa ordem, pela grandiosidade e pela harmonia, raramente se têm feito na medicina.

Dr. Nicolau Ciancio

("Jornal do Brasil", Rio)

REMINISCENCIAS DO CARNAVAL DE 1876

Era uma cidadezinha o Rio de Janeiro em 1876. Apenas com 311.769 habitantes, que se espalhavam pelos diversos logradouros da cidade que terminava, pôde-se dizer no largo do Rocio Pequeno, hoje praça 11 de Junho, ainda com muitas casas coloniaes, construidas no tempo em que aqui esteve D. João VI; com uma maioria consideravel de negros, que perambulavam pelas ruas trabalhando em todos os serviços — a capital do Brasil era uma cidade atrazadissima e a qual os estrangeiros tinham medo de visitar, por causa, especial-

mente, da febre amarella, que fazia, annualmente, um consideravel numero de victimas. Nesse anno de 1876, o numero dellas cresceu assustadoramente. Mão grado isso, os carnavalescos não se deixaram vencer, apresentando prestitos com carros allegoricos, cada qual o mais irco e mais espirituoso. Em um delles vinha encarapitado em um throno o conhecido e popular Castro Urso.

Castro Urso era um vendedor de bilhetes de loteria que, pela sua fealdade, que mais se accentuava no seu grande nariz

abatado, tornou-se alvo da garotada e o typo mais popular do Rio de Janeiro. Muita gente que vinha á Côrte não conseguia ver o Imperador, mas não deixava de esbarrar com o Castro Urso. Fazendo ponto no beco das Cancellas e mais pelo Boulevard Cancellor, o Castro offerencia a todo o mundo "um gasparinho", dizendo que aquelle era o ultimo e que, por isso, era o que seria premiado. A' noite, Castro Urso deixava os bilhetes de loterias e tomava os de theatros, vendendo-os, na qualidade de cambista. Grande admirador de João Caetano, não perdia um só dos espectaculos em que elle tomava parte.

Tinha opiniões assentadas sobre finanças e dizia, aos quatro ventos, que o que estava arruinando o paiz era a grande quantidade de loterias que havia pelas Provincias. Quando queria se referir a algum politico, a algum actor ou a algum jornal com que elle não sympathisava, dizia: "é um chronico".

Grande comedor, os caixeiros da rua do Rosario reuniam-se, cotisavam-se para vel-o devorar pratos sobre pratos nos freges daquella rua.

Um dia levou o tempo todo a apregoar um bilhete de loteria, que ninguem queria comprar. Encalhando esse bilhete, o Castro teve a felicidade de tirar nelle uma sorte: uns 20 contos de réis. Dahi em diante meteu-se em casa e passou a viver exclusivamente para a familia, a quem idolatrava. Uma tarde, vestiu-se melhor e disse aos seus que ia visitar os seus velhos conhecidos do beco das Cancellas. Ao passar pela rua S. José surgiu uma malta de capoeiras. Não pôde o pobre Castro Urso livrar-se della e recebeu uma punhalada vibrada por um daquelles miseraveis. Na tarde de 21 de Outubro de 1889 sahia o seu enterro em direcção ao cemiterio de S. Francisco Xavier.

Desappareceu assim o mais conhecido typo popular do Rio de Janeiro e que,

mesmo sujo, grotesco, maltrapilho, como era, possuia um coração de ouro, uma alma crystalina e boa. Quando mais se accentuou a propaganda abolicionista, José Fernandes de Castro, tal era o seu nome, foi um dos primeiros a libertar os tres escravos que possuia.

Tal foi, em resumo, a vida de Castro Urso, que no carnaval de 1876 foi o typo que causou mais hilaridade.

Em 1875, os alegres rapazes estudantes da Escola Militar vieram á cidade e, no ardor dos folguedos, faziam á força dansar em plena rua todos aquelles que lhes cahiam em graça. Dahi, conflictos formidaveis, especialmente na rua do Ouvidor, onde mais faziam ponto. O chefe de policia, sabendo disso, mandou reforçar o policiamento daquella rua em 1876. Os estudantes viram nisso uma acinte á sua classe e promoveram ao chefe uma manifestação de desagrado na terça-feira de carnaval. Os policiaes que faziam o serviço na rua do Ouvidor quizeram impedir que a manifestação se fizesse, mas os rapazes insistiram e formou-se entre elles e a policia um sarilho formidavel em frente ao Café de Londres, estabelecendo-se o panico entre as familias que se achavam naquellas immedições. A' noite parecia que as cousas já estavam terminadas, quando explodiu de novo o barulho na praça Tiradentes, em frente ao theatro S. Pedro. Tanto bastou para que o povo não se divertisse mais e se recolhesse ás suas casas com medo do conflicto, que se espalhava ser aterrador, pois a policia, segundo se dizia, tinha ordens de atirar sobre os estudantes, caso continuassem na sua attitude hostil contra ella.

E assim terminou o carnaval de 1876, anno em que a febre amarella matou 3.476 pessoas, o que foi assignalado peio lapis de Agostini.

Hermeto Lima

("Jornal do Brasil", Rio)

DE RAYMUNDO CORRÊA A B. LOPES

Democrito — Que me dizes do parnasianismo?

Heraclito — A escola parnasinaa quiz formar, aqui, uma especie de directorio de intelligencias. Não houve nunca escola em que pontificassem tantos bonzos auto-

ritarios. Criam-se elles os unicos detentores dos segredos da belleza. Suppunham-se hellenistas porque cantavam a Grecia em versos parecidos com o templo grego de páo e tijolo que ha na Quinta da Boa-Vista. Proclamavam que uma es-

tatua grega vale mais que toda a arte moderna, mas atrapalhavam-se ao imitar os antigos, uma vez que a Venus de Milo em que se inspiravam, não tendo braços, exactamente como a nossa lavou-ra, não podia ajudal-os a contar os versos pelos dedos. Os chefes do Parnaso teriam sido comparaveis a leões de marmore, sumptuosos e inoffensivos. Eternos prisioneiros dos vocabulos, esses senhores não encontraram a belleza classica, não a desenterraram, não foram sequer bons archeologos. Mas o caso é que taes poetas arrebanharam acolytos, uns rapazelhos evidentemente atacados de carie intellectual, larvas das letras, frutos mirrados antes de amadurecer. Quantos bolidos no firmamento literario, quantos espiritos de segunda classe, nascidos para ser tutelados, para ir a reboque, e achando prazer em beijar os callos dos mestres reaes ou suppostos! Assim, lentes e alumnos reunidos, outra coisa não fizeram, por isso que simples alinhadores de phrases, se não fabricar estrophes em que ha um brilho illusorio de mica pulverizada ou de movel envernizado. Quasi todos se sreviam do verso alexandrino, verso ainda hoje muito apreciado na provincia, como o discurso. Mas a quasi todos faltava o imprevisito, a surpresa, o inesperado, o não-lido. Seus poemas ream pretenciosos e imprestaveis como os grandes vidros de pharmacia, cheios de agua colorida, que reluzem, deslumbram as crianças e são perfeitamente inuteis. Era fatal que varios desses rimadores se oxydassem, se estagnassem em breve tempo, e outros, ao envez da orquestração, só conseguissem a cacophonia, servindo-nos não Beethoven mas um tan-tan de selvagens doidos... O maior dos parnasianos, e um dos poucos que tiveram intima sensibilidade foi Raymundo Corrêa. Ao vel-o, com o seu aspecto de eterna convalescência, magro, livido, a barba dura e o olhar fuzilante na pallidez ascetica do rosto, ao ver-lhe o todo de figura monacal, adinvinhava-se-lhe, sem esforço, a agitação interior. Mão grado o furor rabico de certos intellectuaes mediocres, mão grado os detractores que affirmam ter sido o seu capital poetico escasso e só lhe concedem certa virtuosidade paraphrastica, lembrando que, por exemplo, nos seus "Versos e Versões", ninguem sabe onde começam os versos e onde acabam as versões, forçoso

é convir que elle foi um grande poeta, mesmo no original e não só traduzindo. Avesso aos effeitos de rhetorica e torcendo o pescoço ao logar commum, fez elle mais que compor msoaicos de palavras, teve mais que um simples talento imitativo de ave de canto eclectico. Fôra injusto, se não infame, comparal-o literariamente ao chamado prato canalha das tripulações, que, como se sabe, é feito do resto de todos os pratos dos passageiros... Tendo, em suas estrophes, ora a gravidade de um canto liturgico, ora a graça de um jardim florido; possuindo uma bondade meio rude, que o fazia passar facilmente da doçura á irritação ("odi et amo..."), Raymundo seduz-nos sempre pela verticalidade do pensamento. Sua alma seria às vezes uma especie de poço artesiano da sensibilidade, que ia fundo, e, outras vezes, temos a impressão de um poeta que vivia em estado de constante levitação moral. Nota-se-lhe mesmo certa inquietude religiosa. Em certos versos seus ha situações mysteriosas em que a sua musa parece vestir um longo peplum ou occultar-se sob o triplice véo de Isis; ha palavras sibyllinas que lembram os signaes que os pythagoricos deixavam pela porta das casas e só os iniciados do mesmo culto podiam interpretar. Mas quasi sempre Raymundo era claro. Claro e humano, sem descabellamentos de lyrismo, evitou a desordem romantica, o apaixonado orgulho dos que vêm no proprio umbigo o centro do mundo... Agora, duas palavras sobre as suas traducções. Em geral, as traducções, mesmo quando parecem valer muito, nada valem, sendo laboriosas e nullas como as copias de quadros celebres. Não assim as bellissimas interpretações poeticas de Raymundo Corrêa, que se incorporaram á nossa poesia e figuram entre as melhores coisas das nossas letras. Raymundo, traduzindo, não traiu e, desmentindo Heine, conseguiu empalhar o raio de lua. Trouxe o vinho europeu até nós sem que elle se estragasse, na travessia do Atlantico... Por tudo isso, a sua obra é, em conjunto, das mais fortes, é uma obra carregada de substancia. Não foi elle um pensador em verso para rachiticos e escrofulosos, mas um grande poeta-philosopho, só comparavel, em nossa lingua, a Anthero de Quental. E o que ha nelle de mais pobre é a sua castidade intellectual, o seu respeito do pudor,

pudor dos sentidos que o leitor adivinha através do pudor lyrico... Não possuía certamente o mesmo valor seu co-estadoano Theophilo Dias, sobrinho de Gonçalves Disa, o qual deve muito do seu talento a Baudelaire. Como quer que seja, porém, o nosso Theophilo, se não merece estatua, faz jús a uma medalha. Preso ainda um tanto á lubricidade e á ferocidade dos ancestraes, poetizou o vicio animal. A's vezes, as suas estrophes recordam bolos de viboras convulsionadas. Foi, aliás, um homem de bons costumes, um simples fanfarrão do vicio, e seu lyrismo sensual teria sido para fins puramente literarios, como o ardor pantheista dos versos em que elle parecia esmigalhar pedras preciosas com um martello de ouro. Em conclusão: mostrou-se o autor das "Fanfarras" um formoso poeta. Suas rimas, muito carregadas, chocam-se como pratos de metal. Poucos entre nós o egualaram na pyrotechnia do verbo, na riqueza rubenesca das côres e das fórmulas.

Democrito — Olavo Bilac não teria sido mais fescennino que Theophilo Dias?

Heraclito — Sim, mas Bilac não foi só isso. Foi o poeta ondulante e multiplo. Foi uma especie de Loie Fuller do verso, e poetava como a outra dansava as suas celebres dansas luminosas. Houve quem dissesse delle coisas horriveis. Era muito frequente que os iconoclastas da geração nova proclamassem: "Todas as poesias das "Sarças de Fogo" são um caso manifesto de satyriase verbal. O autor é simplesmente um erotico á maneira de Catullo e de outros frutos podres da decadencia romana. Lendo-o, tem-se a impressão de um egipano que versifica o seu carnalismo bestial. Encontrando-o na rua, procuram-se-lhe instinctivamente os chavelhos e os pés fendidos. Ha nelle um fartum de bode que enton-tece..." Tudo isso, meu caro, representava unicamente inveja... E' curioso como quem oiça falar em Bilac, pense logo num homem dado a amores fataes, num heróe de romance romanesco. Pois não foi assim. Seus amores foram todos de cabeça, puramente cerebraes. Nunca se lhe conheceu uma paixão ardente; tudo, em seus versos lyricos, parece ter sido simulado, e, como esses versos são sempre, admiraveis, Bilac deu, sem querer, razão aos que affirmam que em arte

tudo é artificio e que as mulheres irreaes, pela força do vago, do indeterminado, são as melhores inspiradoras dos artistas. Homem encantador, esse poeta! Teve tudo quanto é necessario para attrair, para forçar a popularidade. Era feio, de uma fealdade por assim dizer fascinante que impressionava homens e mulheres; era estrabico e meio prognatha, mas que intelligencia, que distincção, que graça em tudo isso! Dizendo versos, encantava, tanto mais quanto um ligeiro sotaque lisboeta, de alfacinha petulante, lhe tornava a dicção mais pittoresca. Conversava com facilidade; fazia conferencias literarias sobre assumptos futeis, que a sua imaginação enriquecia; escrevia chronicas nos jornaes, deliciosas chronicas que eram feitas de nada, como as roupas de Mimi Pinson. Em summa, foi um seductor. Quando moço, fazendo libações copiosas, sem perder o aprumo, dera-se á vida de bohemia com Paula Ney e esse enigmatico Pardal Mallet, cujo feltro era mais largo de diametro que um arco de barril, noctambulo impenitente que deixou muitas dividas e duas ou tres pilherias. Foi tambem companheiro de Guimarães Passos, com o qual, mais tarde, redigiu um guia do Rio de Janeiro, além de um tratado de metrificação em que elle Bilac, mesmo de "pince-nez", parecia, em relação á technica do verso, enxergar menos que o cego Castilho. Gostava de viajar, tendo visitado Vassouras, onde polemizou com Lucio de Mendonça, a proposito de Gonçalves Dias, que reputava o "magnus parens" das letras; esteve em Parahyba do Sul, onde, da habilitação do sr. Martinho Garcez, dialogou com as nymphas fluviaes da linda cidade, e esteve em Ouro Preto, para fugir aos galfarros do florianoismo, conhecendo ali o delicioso Arinos. Correu tambem a Europa, expandindo, de passagem por Lisboa, o seu amor ao Portugal dos fados e das noitadas de Coimbra, da Severa e dos estudantes de boina de veludo; certa noite, ao luar, saltou um gradil para beijar a estatua de Eça de Queiroz, com grande escandalo de um guarda nocturno; e, saudando Guerra Junqueiro num banquete, proclamou-o, não sem hyperbole, "o maior genio da raça latina". Mais tarde, cheio de melancolia de envelhecer, pretendeu assumir attitudes graves, preparou um dictionario analogico, escreveu livros para crianças, e, como um

flautim que quizesse ser trompa, concitou os moços á defesa da Patria, não ameaçada, aliás, por ninguem, fazendo-se o D'Annunzio dos batalhões acadêmicos... Era um homem delicadissimo. Se não elogiou muito, tambem nunca insultou ninguem: faltou-lhe o talento da injuria. Seu sorriso parecia caricioso até mesmo quando desdenhoso. Gozou a belleza com todos os cinco sentidos. Acariciava um "bibelot" ou a capa de um livro bem encadernado, voluptuosamente, como outros acariciam a carne feminina. Algo sobrevivia nelle dos gregos que deixavam espirrar dentre os dedos o sangue das amoras e das cerejas espremidas. Alheio aos moralistas, talvez achasse a belleza a unica moral dos artistas, ou achasse que a belleza vale a virtude. No meio dos civilizados, foi o mais civilizado de todos, porque, numa existencia anterior, habitara em Athenas e conhecera Alcibiades. No sentido literario, sua vida desenvolveu-se harmoniosamente. Foi um doador de muitas festas magnificas para a nossa intelligencia. Seu livro é uma janella aberta para um lindo parque. Espalhou musica e côres no que escreveu: "spargens sonum et picturam". Todos os da nossa geração (embora se tratasse de um templo suspeito) fizemos em Bilac a nossa primeira communhão intellectual, deliciados com os seus versos de amor em que ha crystal e velludo, em que ha doçuras de pagem enamorado, ou com os seus versos lubricos, em que ha um calor de febre, algo do latejar do pulso da Loucura. Quaesquer que fossem os seus defeitos, não nos envergonhemos delle...

Dem. — Tomaste alguma vez a serio o tal B. Lopes, o da "cheirosa criatura"?

Her. — Bernardino Lopes, que achas tão ridiculo, foi simplesmente isto: um dos nossos maiores poetas e o mais caracteristico do seu tempo. Foi o nosso Papança, se bem que superior ao de além-mar. E' estranho como esse mestiço, como esse fluminense, possuísse o sentimento innato da elegancia, da vida aristocratica, e sonhasse tanto com beijos de princezas. Foi o poeta das galanterias. Mão grado a sua gaforinha e as suas gravatas-borboletas, B. Lopes, amava pensar na comedia sentimental de Versalhes, quando abbades preciosos e viscondes duellistas respiravam os aromas da Pompadour. Talvez o seu maior desejo fosse viver nessa época, compondo madrigaes e ouvindo minuets, entre repuxos e pavxes. Foi o amigo das feminilidades elegantes, o interprete dos mundanismos de alcova, o cantor das "fanfreluches", romanescas. Sua musa era muito carminada e muito pôdarrozada. Foi inegalavel no chromo bucolico. Sentia a natureza em estampas. Imaginifico, numa só poesia, a proposito da sua amada, falava em flores de Navarra, em laranjaes de Sorrento, em ruas do Cairo, em aguas do Euphrates, etc. Tudo isso não queria dizer nada claramente, mas era uma delicia para os ouvidos... Ao lel-o, tinha-se a impressão de ver a decomposição de um prisma lunar. No halito desse poeta que se dava immoderadamente a orgias bacchicas, havia não raro o perfume do halito desses comedores de lotus da India. B. Lopes passou pela vida entre o alcool e o sonho...

Agrippino Grieco

("O Jornal", Rio).

92

Não sou — ai de mim! — desses espiritos emancipados, lidos em Comte e Stuart Mill. Dahi, talvez, o não lamentar as superstições que me povoaram a meninice de extranhos e fundos pavores.

Já houve quem escrevesse todo um ensaio contra as superstições aprendidas na meninice. O argumento principal era que semelhantes superstições indispunham e acovardavam o menino perante a natureza. Perante a Mãe Natureza.

Eu penso exactamente pelo avesso — isto é, que a natureza nenhum interesse teria para o menino, nem para o homem, sem as superstições que a poetizam, a não ser, é claro, o valor economico.

Uma tarde dessas, num bond de Dois Irmãos, falava ao meu lado illustre senhora de preto a uma de verde, nas "maravilhas da natureza". Olheia-a espantado. Era uma leitora do astronomo Flammarion. Lia-o todas as noites.

Compreende-se o entusiasmo de uma mulher pelas maravilhas da natureza quando estas maravilhas são as do astrónomo Flammarion. Porque a natureza nesse velho contador de historias — tão velho que as contou ao nosso Dom Pedro II — é cheia de mal assombrado como, por exemplo, o das estrellas que luzem seculos e seculos depois de desapparecidas.

Mesmo no Darwin — o Charles Darwin da "Origem das Especies" — e nos evolucionistas, ha cousas capazes de interessar uma pessoa de espirito na natureza: o "pithecanthropus erectus", por exemplo. Mas o "pithecanthropus erectus" é, afinal, uma especie de "tutú" ou bicho "carrapatú", com a desvantagem do nome difficil de dizer.

No seculo decimo nono — o "stupidé" de Daudet — a Pedagogia com P maisculo se movimentou contra os livros de historia — inclusive o de historia sagrada — querendo-os todos substituidos pelo livro de historia natural.

O movimento felizmente não vingou. E teria sido um absurdo sua victoria. Os livros de historias teem sua nobreza — veem do fundo dos seculos. O livro de historia natural é de um arrivismo lamentavel.

Além do que não se comprehende uma criança nutrida desde os mais verdes annos de historia natural — a imaginação fechada ás historias sobrenaturaes. A não ser que essa criança se destine a deputado.

José Verissimo, consul geral no Brasil da Pedagogia Racional, escreveu uma vez, muito zangado, que era pessimo o habito brasileiro — o "habito muito nosso", dizia elle — de "metter medo ás crianças com o "tutú", com pretos velhos, com almas do outro mundo, tornando-os supersticiosas e cobardes".

Verissimo era decerto dos que apenas comprehendem a natureza pela botanica, pela zoologia e pela geographia physica.

Ha os que somente a comprehendam olhada pela geologia economica.

Entretanto, a natureza sem mãe d'agua nas lagôas e sem carrapatú no matto é uma cousa verdadeiramente insipida. São as superstições, as credices, as historias que a poetizam. E o brasileiro que em pequeno não teve medo ao carrapatú do matto nem á mãe d'agua da lagôa passou pela vida sem conhecer-lhe um dos melhores "frisson", "Frisson" superior aos offerecido pelo "Grand Guignol" de Paris.

As superstições e historias ouvidas na meninice da negra velha ou do preto velho da casa são o melhor fecundante para a imaginação e até para a espiritualidade. Não se concebe ninguem menos espiritual que uma creatura alimentada na infancia com o compendio de botanica e a historia de Robinson Crusóe.

As superstições predispõem a criança para a alta espiritualidade: á mucama de engenho que lhe contou em Sergipe historias e credices attribuiu uma vez Sylvio Romero o fundo religioso de suas idéas e sentimentos.

E' que nas superstições ha muitas vezes alguma cousa de subterraneamente verdadeiro. Alguma cousa do "plus réel que le réel" de que fala o sr. Cocteau. A prova é que essas "asneiras tradicionaes" — assim as chama um espirito emancipado — duram seculos, emquanto as "verdades scientificas" das historias naturaes estão sempre a mudar.

Emfim o que eu lamento é que estejam a desapparecer as pretas contadoras de historias. O menino de hoje sorri da Mãe d'agua e do Tutú como si fosse um anatolesinho. Os paes de espirito emancipado não permitem aos filhos ouvir e acreditar nas historias e credices: O que elles permitem aos filhos é vêr a quanta fita de cinema de suggestões perigosas que os jornaes e os cartazes annunciem.

Gilberto Freyre

VOZ DE BRONZE

A' memoria de Lima Barretto

"Fiquei de longe sosinho, como sempre fiquei nessas cousas, e como parece ser meu destino ficar sempre".

Essas palavras de dolorosa confissão de Isaias Caminha — queixume singelo per-

dido entre as paginas das suas "Recordações" — vingam, não ha duvida, o desespero do seu auctor, fazendo-se já agora, *por um accordo subtilmente logico*, não o soluço abafado de uma resigna-

ção, mas a expressão melhor do significado desse artista em nossas letras.

De singularidades se teceu a sua vida, e a sua arte excelle por esse sabor, pouco commum entre nós, de ironia, cujos accents discretos — sem divagações metaphisicas e requintes de forma — dizem bem a sua intimidade com as grandes almas serenas “para quem transcorre a vida como um motivo de belleza”. Delle podemos dizer que cumpriu melhor que ninguém, em nosso meio, o preceito goethiano.

Nascido no ambiente humilde e heroico da pobreza, cêdo se armou desse sentido do coração, que a litteratura dos russos soffredores lhe havia de apurar.

E a sua obra vem dessa atmosphaera, que elle respirou fundamente “sem temor da desigualdade do nivel mental, que, ao contrario, lhe dava anseios de intelligencia”. Dahi o cunho de humanidade e de vida das suas personagens. Gemem, palpitam, soluçam, sangram...

· Não são mero producto de um coração exacerbado pelo soffrimento, não reflectem apenas uma magna interior, um despeito, uma inadaptação, são antes a voz e a alma do nosso maximo problema social.

*
* *

Lima Barreto, sem o saber, deixou traçado o seu proprio symbolo numa das suas magnificas paisagens. De feito, “entre as charnechas ao pé dos morros, elle se ergue soberbamente como uma arvore de mais vulto, como um coqueiro firme e orgulhoso que se deixa agitar dolentemente pela viração”. E, por onde quer que ella sobre, elle cicia sempre e, si ás vezes se agita um pouco e farfalha, é que um sopro mais rijo o moveu.

Predestinado a ir “como folha no redemoinho da vida, ao sabor da sorte, sem se poder mostrar muito porque... “cedo sentiu elle a crueldade de uma proscricção, filha do preconceito da impiedade. Viu que, apesar das leis aureas, das parlandas scintillantes, dos versos immortaes, ficara, como um sentimento na nossa alma, um prejuizo de separação e afastamento, de desigualdade e de “scisma”, para falar a linguagem dos humildes que elle tanto exaltou.

Sabia que para “amaciar o suplicio pre-

mente, cruciante e omnimodo da sua cor, para quebrar as malhas de desdem e de escarneo, em que vivia preso” não bastava o seu talento vigoroso, nem “aquella grande dor a guardar uma inconsciente memoria dos soffrimentos millenares que a natureza lhe infligira e os homens conseguiram augmentar”.

Mas, quando ella lhe subiu assoberbante “á tona da consciencia, agitando-o, numa convulsão da sua personalidade”, vasou-a numa arte sincera, onde o seu sentimento e o seu espirito puderam furtar ao tempo fugidio as emoções que o tempo engole. Feito o clamor de uma multidão retrahida — bem que collaboradora brilhante da nossa formação — cadenciando a sua arte pelo sussurro dos humildes e pelo desespero dos fracos, ao passo que nol-os mostra, transfigurados e sublimes na sua resignação, diz no melhor dos seus livros, da inanidade dos seus pretensos superiores.

Escolhe para a acção das suas creatura uma sala de redacção de jornal amarello. E, tão bem as pinta no seu afan de simulação interesseira, que não sabe a gente onde melhor as reconheça, si ahi, si nas linhas nitidas de Maupassant, ao tratar do mesmo assumpto. Ha lampejos de Balzac nesse supplemento da comedia humana. E, ahi, se realisa de maneira ampla a philosophia melancolica das “Estranhas Lagrimas”.

Pena é não caiba nos limites desta impressão essa farandula de cavadores, inconciliavel a uma condensação, tão varios e tantos os seus vicios.

Mas, tres typos bastam a attestar-nos a vista do psychologo e o vigor de traço do artista. Vejamol-os:

Na frente o “Doutor” magico e soberano, nas dobras de cujo pergaminho anda presa a admiração de toda gente, cuja carta é um pallium, alguma cousa de chlamide sagrada, ao encontro da qual os exorcismos, os maus olhares e os elementos se quebram”. “Sem a mais elemental preocupação intellectual, sem um movimento puro e proprio, profundo e differencial, nada deixa transpirar da sua baça personalidade” a não ser um arrepio erotico “á approximação excitante de uma fornida rapariga offuscante de sensualidade”.

E esse Dr. prepara leis, é membro do

organismo a quem compete afeição a matéria plástica da nossa nacionalidade aos moldes das nossas tendências...

Depois, o Ramalho, um mocinho macio "com passo de valsista impenitente" — que se prestigia no jornal com as distinções que traz da escola e, que á escola distingue tão só como creatura de jornal — triste vida de reflexos num círculo vicioso muito do nosso Brasil apachecante.

E para completar a triade o polyphormico Dr. Andrade, "mystico na litteratura e materialista na sciencia" *blagueur* impenitente, a embromar com facil sciencia o povo e o estado, que o nomeia chefe no serviço medico-legal dias após o desmentido do seu laudo pericial, que affirmara como de mulato o cadaver de um italiano, cuja ficha dactiloscopica um acaso ulterior fez encontrar-se para cotejo da verdade e pesadelo do farcista.

Convenhamos, deante dessa gente foi bem que vibrasse indignado o saudoso romancista, clamando contra a insondavel burrice da natureza humana".

Tinha razão. Sempre o ouro barato, brochado a esmo no officio de esconder as manchas. Sempre a massa podre tapando os furos na missão de reboco. Nada do cimento que une, do bronze que perdura, do ouro brilhante, polido à ponta de fogo na forja das competições. E' a indumentaria que vale: mais capa que texto.

"Vesti-nos, idiota! Nós somos a civilização, a honestidade, a consideração, a belleza e o saber. Sem nós, não ha nada disso, nós somos além de tudo, a majestade e o dominio".

Eis o aceno dos artigos da vitrine, preocupação maxima dos homens, pobres officiaes da ostentação, e que sorri delles maliciosamente pela pena do romancista.

Poreja ella sempre essa "angustia que se resolve em riso", numa vibração contida e constante.

Não resfolga, nem soluça. Suspira, entre um motejo e uma censura: "Os meus unicos amigos eram aquellas notas sujas; eram o meu unico apoio e quando

eu trocava uma dellas era como se me separasse de uma pessoa querida".

Sangra, nas linhas acima toda a amargura dessa pobreza, que vive ao léo e que se paga com ironia da injustiça dos homens...

Fazendo-se voz della, porém, onde se aguça mais a sensibilidade desse espirito é diante da sem razão desse contraste no tratamento entre os homens, tão vões que buscam na côr do pigmento motivos inuteis de merito e demerito.

Essa attitude inconsequente, da sociedade, que cava abysmo entre irmãos, onde menos quadra é no nosso paiz. E o ranço de certas ascendencias, por hypothese ou por herança, é um disparate nesses dias de fome, em que cada um tem de valer-se das proprias aptidões para viver, e quando a agudeza dos homens se não contenta com o maneiroso das attitudes, querendo ver as almas na agitação da vida.

Si o fructo é saboroso, se dessedenta e delicia, que me importa a mim a terra onde medrou e cresceu. Si o meu intuito é mesquinho e eu nem me lembro de auxiliar-lhe a fecundação, achegando-lhe o adubo como excitante?... Si ao revez, é pècco e dissaborido, não posso maldizel-o, jardineiro descuidoso que o deixe esquecido, brotando a coasugado pelos parasitas malsãos.

Desgraçadamente, entre nós, vive-se longe desse raciocinio. Ronca-se na razão inversa da productividade, e as cruzadas se quebram aos acenos da chelpa desalterante.

De raro em raro porem "vibra nos ares a cantar toda a dor da nossa terra calcinada uma voz melancolica, que vem mais do amor que do odio" e nos diz onde anda o erro anciosa de corrigil-o.

Lima Barretto foi uma dellas.

Recordemol-a e revivamol-a, como a melhor das homenagens á sua memoria.

Castellar Sampaio

("Diario da Bahia", Bahia).

OS PADRES REVOLUCIONARIOS DE 1824

Tratando do movimento republicano de 1817, Oliveira Lima classificou-o como "uma revolução de padres", tão grande foi o numero de sacerdotes nelle envolvidos, tamanha a influencia dos padres nesse levante.

Na Confederação do Equador, não foi pequeno o numero de padres e frades. E si não fôra o supplicio de Frei Caneca, si não fôra a resignação evangelica do padre Mororó, um e outro tombados ás balas dos arcabuzes, não teria esse movimento lances românticos.

Estiveram, entre outros, envolvidos no movimento, frei Joaquim do Amor Divino Caneca, frei Miguel Joaquim Pegado, padre João Baptista da Fonseca, frei Alexandre da Purificação, padre José Martiniano de Alencar, padre João Barbosa Cordeiro, padre João da Costa Machado, frei João dos Santos Miquelina e padre Ignacio de Avila, os tres ultimos, com frei Caneca, aprisionados na fazenda Juiz.

Esses frades e padres, mais patriotas do que religiosos, mais preocupados com o futuro do Brasil do que com as sublimidades do seu sacerdocio, deram á sua terra exemplos de abnegação e amor.

Todos soffreram. Uns foram mais felizes do que outros. Frei Alexandre da Purificação, por exemplo, depois de condemnado á morte pelo tribunal militar, teve a sua sentença commutada para o degredo no Rio Negro, e depois para a prisão em seu convento.

O padre João Baptista da Fonseca evadiu-se. O padre José Martiniano de Alencar foi absolvido e posto em liberdade, a pedido do Bispo de Marianna ao Imperador, pedido que este não podia recusar.

D'entre toda essa pleiade sacerdotal, dous se destacaram pelo modo romântico com que souberam enfrentar a morte: Mororó, no Ceará, e Caneca, em Pernambuco.

Havia uma certa affinidade entre ambos. O crime de Mororó fôra pregar idéas subversivas (?) no "Diario do Governo", de que era elle redactor e cuja typographia fôra d'aqui remetida por Manoel de Carvalho; fôra crime frei Caneca

pregar as mesmas idéas subversivas (republicanas) no "Typhis Pernambucano", que então redigia. Mororó secretariava o governo republicano do Ceará; Caneca inspirava com as suas luzes, conduzia com os seus argumentos, os grandes conselhos convocados pelo Presidente da provincia. Ambos tiveram a mesma morte, embora não houvessem sido eguaes as sentenças.

Mororó, condemnado em tres dias, confessou-se e commungou, na vespera da execução, e ouviu a Missa de "requiem" e a encommendação do proprio corpo.

A 30 de abril de 1825, pela manhã, é levado ao pelourinho. Tinha de ser passado pelas armas. O carrasco troca-lhe a batinha pela camisola dos condemnados. Esta lhe fica curta. Mororó lamenta que a ultima camisa que lhe dão seja curta. Encara a morte desassombradamente, repellindo a venda aos olhos e o alvo de papel ao peito. Com a propria mão direita levada ao logar onde deveriam pregar o alvo exclama:

— "Camaradas. O alvo é este: tiro certo, para não soffrer muito".

E com a descarga, tres dedos da mão direita lhe cahem decepados aos pés.

Frei Caneca recusara em caminho, a fuga offerecida pelo proprio conductor; é recolhido na cadeia a um quarto immundo em que guardavam os craneos dos condemnados á morte, julgado summariamente por crime de rebellião, quando apenas commettera delictos de imprensa, e condemnado á forca.

De nada lhe valem os esforços do cabido de Olinda e das Irmandades do Recife, os quaes, incorporados, procuram o General Lima e Silva, para demorar a execução e são repellidos.

A 12 de janeiro de 1825 prepara-se christanamente, para a morte, com o seu provincial.

No dia seguinte, sáe da cadeia para o patibulo. E' degradado de ordens na Egreja do Terço, cerimonia canonica pela primeira vez realizada nesta capital e talvez em todo o Brasil; d'ahi caminha para a forca nas Cinco Pontas. Mas nem

o Juiz das execuções se fresta a assistir ao supplicio d'esse innocente, nem os carascos, embora o suborno ou maltratos, acceitam garrotear o frade patriota.

Resolvem os executores, então, espingardeal-o.

Atam-no ao poste da forca. Caneca, co-

mo Mororó exhorta a força que não o deixe padecer por muito tempo.

A' primeira descarga, o patriota tomba sem vida, para viver na memoria agradecida do povo.

Mario Mello

("O Nordeste", Ceará).

UM CRITICO PORTUGUEZ

Um grande critico, ao meu vêr, o sr. Fidelino de Figueiredo, ainda que mais historico que psychologico, "mais anatomico que physiologico", como diria o sr. Gabriel Alomar.

Falta-lhe, é certo, plasticidade. Seu verbo é duro, hirto. Falta-lhe côr. Falta-lhe maciez. Tudo nos trabalhos do sr. Fidelino é a carvão; e muitas vezes nem a leve caricia do esfuminho passa fugidamente pelas paginas do critico.

Eu que, em Lisbôa, vi o sr. Fidelino todo de preto, de luto dum irmão — luto que a barba dum ruivo secco não chegava a attenuar — sempre o imagino, atravez dos seus livros, de luto d'alguma cousa. E em nenhum trabalho se me afigura o sr. Fidelino tão acinzentado no seu gôsto e sentido do bello; tão calvinista das letras; tão policia moral da arte; como no seu recente "Epicurismos".

Não tenho a superstição do verbo nem a da côr nem a da "arte pela arte". Mas confesso o meu gosto por um pouco de côr; e a minha ancia de "delectatio". É á ordem geometrica da phrase — que é o hausmanismo do estylo — prefiro a fluidez verbal que sempre me pareceu indicar o dominio do escriptor sobre a grammatica em vez do da grammatica sobre o escriptor. Da grammatica como governante suissa do artista, sou inimigo pessoal; quizera torcer-lhe o pescoço como Verlaine á eloquencia. Tolero-a com outra funcção: a de servir o escriptor com a polida correcção dum "valet de chambre" — desses que servem os finos rapazes da Oxford.

O sr. Fidelino é todo ordem: na phrase como no pensar. Prova-o sua estreia na critica litteraria com um ensaio que é uma ancia aguda de disciplina scien-

tifica: "A Critica Litteraria como Sciencia".

Ahi, em theoria baseada sobre cuidadosa indagação a antecedentes e actualidades da philosophia da critica, como, depois, na pratica, sempre é a mesma a preocupação do sr. Fidelino: acautelar-se com o methodo — que é uma forma de autoridade impessoal — contra o perigo do puro impressionismo. Contra o perigo das "sensações pessoaes" de que fugia Sherer com tamanho pavôr.

Ha de facto perigo no impressionismo em que o critico renuncia á verticalidade de attitudo para ser eclecticico. No impressionismo extremo em que o critico para refugir aos rigores monogamicos dum systema degrada-se na mais livre polygamia de idéas e de gosto: na pura analyse ou na pura sensação. Critica sem ossos, esta, duma molleza gelatinosa. Exactamente essa critica todo cêra e sem conclusão já em Sainte-Beuve irritado a Nietzsche.

Por outro lado ha o perigo do systema, que foi a perdição de Theophilo Braga — embora Theophilo fosse um marido adulterino do positivismo. Os casos litterarios são os mais rebeldes á systematização. E muitos delles trazem a divisa de Platão: "ninguem entre aqui si é só geometra".

Seria injusto dizer do sr. Fidelino, em quem o sentido da vida e a percepção dos valores litterarios excedem limites experimentaes e de systemas philosophicos, que somente é geometra, ainda que as preferencias do seu espirito sejam muito pela linha recta e pela symetria. Nelle, porém, o gosto da symetria e da linha recta na historia e na critica litteraria não se requinta em hausmanismo.

O sr. Fidelino de Figueiredo respeita,

na historia, o pittoresco das ruelas em zig-zag. Por isto a historia litteraria de Portugal não resultou mutilada da cuidadosa revisão a que a sujeitou o sr. Fidelino.

Porque o certo é que para o sr. Fidelino o systema é quanto baste á clarificação. Elle conserva dentro da disciplina scientifica, a que tem procurado subordinar as sensações pessoaes ou os caprichos de momento, o criterio proprio e essa "liberdade de percepção critica" em que insiste Brownell. E' que o sr. Fidelino sente, como uma vez confessou, quanto "o exaggero na attitude impessoal" tem levado alguns criticos "a perderem a sua emotividade vibratil e symphatica".

Para o sr. Fidelino, a critica não é a applicação de theorias ou d'um formulario, como a classica, de Boileau, ou a scientificista, de Brunetiere, que foi, entretanto, um dos orientadores de sua mocidade. O que o sr. Fidelino sempre tem revelado é a ancia de estabilização de idéas e experiencias fundamentaes que dêem á sua critica certa disciplina scientifica. J. Middleton Murray, já proclamou entre os modernos criticos inglezes, a necessidade, na critica, de "a low or rule" que seja, no caso individual de cada critico, "a record of all his nast impressions and reactions... his ewen low, his owen system, refined by his owen effort out of his owen experience". Um systema heuretico e que repelle pressão exterior sobre o temperamento: a disciplina é toda interior. Mas um systema que exige, pela sua propria natureza, o que se exige dos senadores: idade maior que a dos trinta e cinco annos.

O sr. Fidelino, entretanto, é desses homens que começam a ter quarenta annos aos vinte. Dahi a nobre fleugma, o justo equilibrio, a coherencia na estimativa e no juizo, da sua obra de mocidade. Porque o sr. Fidelino de Figueiredo somente um desses dias attingiu a esse "meio de caminho da vida", de que fala o florentino.

Nascido na epocha em que o elegante, na philosophia, era renanizar, e os laboratorios attrahiam mais devotos que as egrejas, é até possivel que a madrinha mystica do sr. Fidelino tenha sido a Nossa Senhora da Razão de que fala o

Eça. Mas aos vinte e cinco annos, vencidas inquietações de adolescentes, ninguém mais desafinado dos preconceitos liberalistas e neophilos que se assenhorearam de Portugal, que o sr. Fidelino de Figueiredo. Viu-se então sua mocidade, desanuviada de superstições estrangeiriças, collocar-se, com uma grande coragem de ser só nas idéas e no gosto, contra a corrente victoriosa de idéas e de gosto: racionalismo, realismo scientificista, democracia, despotismo do Estado.

Mas não eram apenas estas tendencias rasgadamente contra-revolucionarias que davam á acção do joven critico a força, o choque e o imprevisito dum contra-vapor. O sr. Fidelino trazia para a critica litteraria em Portugal attitudes e processos cuja applicação, em massa, importaria em verdadeira revisão dos valores portuguezes. Dahi o alcance não só litterario, mas social, da serie: "Historia da Litteratura Romantica Portugueza" (1913), "Historia da Litteratura Realista" (1914), "Historia da Litteratura Classica" (1918-24) e dos "Estudos de Litteratura".

Que inedito de attitudes era esse com que o sr. Fidelino se estreava? Era sobretudo a reacção contra o linguismo, o philologismo e o scientificismo na critica. Era o gosto da interpretação e o quasi imperativo da avaliação que elle vinha oppôr à pura analyse do texto ou mesmo dos factos. Era a erudição creadora que elle trazia a um paiz de erudição passiva. Eram, emfim, o criterio nitidamente hispanico, a preocupação de sentido intimo, o frescor de idéas, o talento de simplificação e clarificação com que elle penetrava na "regio adusta", ou antes combusta da critica portugueza.

Sensível á elegancia dessas attitudes, de um tão provocante ineditismo para Portugal, escreveu o hispanista francez Prof. Le Gentil que o sr. Fidelino "sans méconnaître les services rendus par la bibliographie, par la critique des textes, par les études de sources et de litterature comparée... affirme avec M. Lanson que l'élimination de l'élément personnel n'est ni desirable ni possible, avec M. Boutroux que l'esprit synthétique peut feconder le travail de la documentation, avec M. Benedetto Croce que la science qui ne s'éleve point au-

dessus des faits pour les interpreter manque son but”.

Portugal será talvez o paiz mais supersticioso de linguismo, de philologismo, de purismo, de grammatiquismo. Dabi o ter sido a critica litteraria por muito tempo o que continúa a ser para o nosso sr. Duque Estrada: especie de gendarmeria ou hygiene grammatical. Os amigos de Camillo costumavam-no exaltar sobre o Eça dizendo que o auctor da “Corja” era o homem que maior numero de palavras conhecia em Portugal. O que era como si a Lucullus alguém sobrepuzesse um novo-rico que banquetearse os amigos com maior numero de pratos.

O sr. Fidelino trouxe para a critica o gosto do sentido intimo sobre o da exterioridade verbal: e poz ao serviço da função critica, assim comprehendida, um poder de abstracção que o aparenta singularmente a Moniz Barretto, mesmo no defeito do intellectualismo. (E’ o proprio sr. Fidelino quem escreve de Moniz Barretto ter tido o defeito de “pender em excesso para a critica abstrata das idéas”) Aliás, dos criticos seus predecessores, Moniz Barretto será talvez o unico em quem o sr. Fidelino possa sentir verdadeiro parentesco. Os outros se apresentam com alguma cousa de parentes pobres, que deve ser a desigualdade na erudição.

Porque o sr. Fidelino é superiormente erudito. Espanta num homem de trinta annos tamanha erudição. “Eu não sei como Fidelino de Figueiredo tem lido tanto”, dizia-me em Lisbôa o conde de Sabugosa. E de facto, o joven critico vae quase ao extremo de oppôr o luxo da documentação a essa mania, tão brasileira e portuguesa, de falar de assumptos em que mal se tem posto o pé da hospede e ás vezes de intruso.

Entretanto, no sr. Fidelino a ancia de orientar guarda-o sempre do puro eruditismo. Com acerto observa e destaca no critico portugês o Prof. Le Gentil “le désir de passer de la speculation á l’action, d’influer sur la production contemporaine, en se gardant á la fois de la complaisance, imposée par le ton habituel de la presse, et de l’hypercritique vers laquelle penchent les erudits”. E o sr. Jackson de Figueiredo, sob o encanto da elegancia moral em que se

requintam as attitudes do sr. Fidelino, escreve do critico portugês que “dos seus livros se pôde dizer o que elle proprio já disse de um, isto é, que são actos moraes”.

De facto, ao sr. Fidelino quase não interessa a belleza desligada de valor moral ou de fim social. Seu defeito é antes o do moralismo que o do intellectualismo. Elle chega a escrever que “a sensação esthetica é capricho de escola”, sem força, portanto, para se contrapôr á ethica “resultante duma multi-secular successão de experiencias”.

Mesmo sem irmos ao extremo opposto, que seria o da “vida puro phenomeno esthetico”, de Nietzsche e de Walter Pater, ha que admittir nos valores estheticos nobreza superior á que lhes attribue o moralismo do sr. Fidelino. Da minha parte não vejo onde basear a these de que mais fortes são as qualidades de permanencia e universidade da ethica que as da esthetica. E nisto importa ao meu vêr a affirmativa do sr. Fidelino. Affirmativa de pronunciado ranço calvinista. Porque, o catholicismo este, como uma vez observou Barbey d’Aurevilly, “aime les arts et accepte, sans trembler, leurs audaces”.

Vejo porém que estou em agua funda: na velha questão que São Thomaz discute em paginas sobre ás quaes é tão doce ao ancioso de claridade debruçar-se (Sum. Theo., Prima Secundae Qu. XXI). Que o artista pôde peccar como homem sem peccar como artista; que a criação artistica não é para ser julgada no seu principal valor como acto moral é o que São Thomaz me parece defender. Elle chega a fixar uma forma de peccado esthetico: “per deviationem a fine particulari intento ab artifice et hoc peccatum erit proprium arte”.

Nada mais justo que a critica dos valores moraes na litteratura. Mas nos seus limites e sem mutilar os valores estheticos que, no caso, são os superiores. A “delectatio” de que falavam os escolasticos — cujas idéas estheticas se acham actualizadas, com um encanto a que é difficil resistir, pelo sr. Jacques Maritain — não será por certo o “capricho de escola” de que fala o sr. Fidelino. A attitude do critico portugês, não querendo tratar, ás vezes, a arte como arte,

nem os artistas como artistas, é bem o excesso de suas qualidades de alto pensador sempre interessado nos elementos abstractos da criação artistica e, sobretudo do moralista vivamente preocupado com as relações e fins sociaes da arte. Dado o facto de que os valores estheticos quase sempre se desenvolvem em relativo prejuizo dos moraes e dos logicos ou, pelo menos, na indifferença a esses valores, similhante attitude não pôde deixar de reduzir no critico os limites da percepção do bello. O sr. Fidelino será talvez o contrario daquelle de que fala o sr. Rafaelo Pico: os capazes de gosar um episodio, em possível conflicto com a moral — como o de Paolo e Francesca no Dante — na sua pura belleza. E é facil de imaginar a que ficaria mutilado um episodio como o da Rimini adulterina si lhe applicassemos o criterio do sr. Fidelino: “Os problemas moraes são mais imperiosos que as emoções d’arte e a repercussão e fecundidade destas medem-se pela maneira como servem aquelles”. Não importará isto em affirmar que só as criações estheticas que possam servir de reclame a convenções da ethica são verdadeiramente ou integralmente bellas? E segundo esse criterio o critico litterario seria um São Francisco de Assis que salpicasse de acre cinza os manjares antes de os comer e exactamente com este fim: evitar a “delectatio” ou o prazer esthetico.

Referi-me ao criterio hispanico que o sr. Fidelino trouxe para a obra formidavel de revisão dos valores litterarios de Portugal. E’ que procurando refugio do aereo eruditismo e da esteril hypercritica procurou o sr. Fidelino deitar raizes, e fundas raizes, na realidade da raça. Criterio, este, que fôra o de Menendez y Pelayo — mestre do sr. Fidelino — e o homem que, sozinho quase, rehabilitou os grandes valores hespanhoes.

Tambem o sr. Fidelino realizou em Portugal obra de rehabilitação — a começar pela do mysticismo no qual chega a reconhecer poder de criação lyrica e tambem racional. Racional porque “deu a base a uma philosophia das mais coherentes e harmonicas construcções metaphysicas”. E’ verdade que o sr. Fidelino nega aos mysticos o poder de observação, como si esse recurso plastico de

indagação e experimentação psychologica que é o confissionario — a prehistoria da psychanalyse de Freud e de Jung — não fosse o olho enorme que o mysticismo catholico tem escancarado para as mais vivas realidades da vida.

Aliás, ao sr. Fidelino, a quem as circunstancias não permitem essa influencia social que elle exalta em Sá de Miranda e em Herculano, a intensificação da vida interior vae approximando dos mysticos. Prova-o seu recente estudo sobre o gothico — que si não chega á anciania de empathia é um esforço de aguda sympathia. Neste estudo, eu extranharia, si tivesse autoridade, o não occupar-se o auctor do muito que em inglês se tem escripto sobre as cathedraes. Em francês somente Huysmans e Barrés terão escripto com mais agudeza da psychologia das cathedraes que Sir James Yoxall em “The Soul of a Cathedral”. E sobre as cathedraes e abbas inglesas ha paginas deliciosas do americano Hawthorne; de Clairborne Dixon no “The Abbeys of Great Britain”; de Anna Bowman Dodd em “Cathedral Days”; de Walpole, num romance recente.

Onde o sr. Fidelino chega à apologia, quase, do methodo introspectivo, que é o methodo, por excellencia, do mysticismo, é no seu estudo sobre Pascal e Algazal, em “Epicurismos”. Ahi escreve o critico portuguez que “as investigações do sabio hespanhol têm o merito de chamar a attenção moderna, cansada de philosophismos anarchicos, para um profundo pensador arabe, a quem os problemas de Deus e da alma agudamente preoccuparam e que, sentindo que taes problemas estavam para além do entendimento humano, empregou um methodo melhor”...

A obra do sr. Fidelino, da qual quiz apenas dar uma idéa, já representa para Portugal a mesma reacção formidavel contra especialismos deformadores e um estrangeirismo hypercritico e, na maioria dos casos, injustamente desvalorizador, que a obra do seu mestre Menendez y Pelayo para a Hespanha. Num meio como o portuguez, similhante obra adquire um relevo de cathedral entre pavilhões japonezes.

Gilberto Freyre.

(Diario de Pernambuco, Recife)

O FUTURO DA AERONAUTICA

Fonk, o *az* francez, que pelas festas do centenario de nossa independencia sulcou o céo carioca, em remigios de audaz pericia, publicou recentemente, na *Revue Hebdomadaire*, de Paris, um artigo interessando a aeronautica e assignalando-lhe os possiveis e provaveis progressos.

Para o capitão Fonck, a aerodynamica só agora começa a avançar.

Para que esse avanço seja, porém, seguro, é mistér, primeiro, dominar a natureza e, para isso, pois, bem conhecê-la.

Infelizmente, que é que se conhece ácerca do ar?

Quasi anda, bem que os especialistas procurem, nos laboratorios, arrancar ao impalpavel fluido o mysterio das suas evoluções e o segredo das suas reacções contra os corpos em movimento. D'ahi tambem o grande sacrificio de vidas que o problema tem arrancado, e arrancará ainda, junto ao não menor esforço financeiro para o resolver.

Fixar o desenho de um aeroplano, para construí-lo depois, não basta, porque, antes disso, desenhados o seu formato e volume, é necessario escolher e definir-lhe a ossatura, mais leve que seja, ao mesmo tempo, a mais sólida tambem e feita de partes capazes de facilmente serem desarmadas ou substituidas, sendo igualmente indispensavel simplificar todas essas partes e reduzir-lhes o numero, afim de obter-se uma rapida e economica construcção.

Além disso, o engenheiro deverá procurar, para cada um dessas peças, a forma, a dimensão e a materia que conciliem a resistencia mecanica ao mínimo peso possivel.

Só o metal poderá, nos tempos actuaes, resolver esse problema e dessa forma, póde conceber-se já qual será o aparelho futuro: inteiramente metalizado, indeformavel, inatacavel em qualquer clima, capaz de indefinidamente permanecer no ar, como um navio sobre o mar.

Em aeronautica, tudo lependará da solução que se der a esse assumpto e, então, resolvido isso, veremos um dia aeroplanos irem de Paris a Nova York em oito ou dez horas, para o que bastarão apenas aeroplanos susceptiveis de percor-

rer, por hora, uma média de 700 a 800 kilometros.

Por que não os construimos? Porque necessitaríamos de motores muito mais leves e, ao mesmo tempo, muitissimo mais poderosos do que os melhores typos da actualidade. Precisaríamos tambem que consumissem menos do que estes e que os materiaes fossem mais resistentes do que os melhores hoje empregados.

Será insolúvel esse problema? De forma alguma. E' preciso, porém, tornear-lhe as difficuldades, lembrando que o que não é possivel perto do solo é realizavel nas altas camadas atmosphericas, onde a resistencia do ar é muito menor, e que, se nessas alturas se conseguir conservar o poder do motor, a velocidade augmentará extraordinariamente, sem haver necessidade de reduzir a superficie.

Ha outras difficuldades praticas, complexas, na solução do problema, como: a do propulsor, que deverá funcionar, pelo menos a 10.000 metros de altura, e, como antes de chegar a essa altitude, esse propulsor terá de atravessar zonas aereas de densidade e pressão decrescentes, será preciso fazer variar de modo continuo o diametro e o passo da helice, difficuldade mecanica não pequena; e a do ar, outra difficuldade a vencer, imprescindivel, porque os passageiros deveriam respirar o *seu* ar, o ar normal, ar que teria de ser comprimido numa *cabine* perfeitamente fechada.

Será isto impossivel? Não. E' d'aqui a alguns annos ver-se-ha o aeroplano transatlantico transpôr o oceano em poucas horas, faça o tempo que fizer, com um regularidade igual á dos comboios e navios.

A altitude e a velocidade engendram esforços technicos cada vez mais intensos para voar nas altas zonas da atmospherica. E, como quanto mais se sobe mais se rarefaz o ar, tanto o aparelho como a equipagem presuppõem a solução de problemas technicos e physiologicos. Os passageiros deverão premunir-se contra o frio intenso e a sua respiração, tão difficil naquellas altitudes, deverá ser auxiliada por qualquer engenho ou mecanismo.

Como o homem, o aeroplano tem pulmões, que são os carburadores do motor. Se o ar se rarefaz, o motor respira mal, a falta de oxygenio torna insufficiente a combustão da benzina, as explosões perdem parte da energia e a força do aparelho diminue.

Tudo isso são condições a satisfazer e, em futuro não remoto, ellas serão executadas e, então, veremos os aeroplanos percorrerem 600 a 800 kilometros por hora, como acualmente percorrem 300, phenomeno que será analogo ao que se deu quando os artilheiros allemães elevaram a trajetoria dos seus projectis às altas regiões do ar, augmentando, assim, o alcance, de 40 para 120 kilometros.

O movimento ascensional encontrará, naturalmente, o seu limite na extrema rarefacção do ar, como a immersão dos submarinos o encontrou no augmento de pressão.

Por mais arduos que sejam, estes problemas resolver-se-hão, e, d'aqui a alguns annos, a elegante parisiense, convidada a assistir a qualquer *soirée* em Nova York, poderá levantar-se às 10 horas, vestir-se, preparar sua bagagem, dirigir-se de automovel ao aeroposto e embarcar sobre o gigantesco transaereo, que conterà dois andares, de camarotes e salas.

Vêr-se-ha apparecer, em caracteres luminosos, a indicação:

*Nova York — Transaereo "France":
partida horas 12; chegada horas 19,45.*

A tripulação acha-se já a postos. Na carlinga, entre os viajantes, o chefe do aeroposto troca algumas phrases com o commandante do transaereo. Onze horas e 55! Um toque imperioso de campainha; apertos de mão, abraços de despedida, os viajantes instalam-se nos seus logares. Meio dia. O pesado engenho põe-se em movimento, deixa o hangar e colloca-se sobre a pista circular, que lhe dará a direcção da partida. Chegado á extremidade do terreno, depois de uma derradeira manobra, o monstro enorme deslisa sobre o sólo, ergue o voo, fende o espaço.

Paris já está longe. Com a prôa na direcção de Nova York, o transaereo sóbe

regularmente para uma zona comprehendida entre 16 e 18 mil metros. Na sala do restaurante, os viajantes conversam, commentam as noticias transmittidas pelo radiophone.

A parisiense contempla o banco de nuvens que occulta em parte o oceano, e pensa nas festas que a esperam. No entretanto, alguns amadores de mecanica visitam a sala das machinas, sob a direcção ed um official; nada se percebe dos complicados engenhos em movimento, dissimulados sob um plano metalico, mas o movimento de um ponteiro sobre um quadrante, á luz fugitiva de uma lampada-signal, revela a sua actividade.

Os tubos do ar comprimido, as ramificações do posto electrico central, são a medula espinhal, os nervos do vasto systema ramificado através do enorme engenho.

O commandante vai do quadro dos instrumentos para o camarote do official piloto, o qual, sentado numa confortavel poltrona de couro, com os pés apoiados sobre dois pedaes, faz manobrar a alavanca do commando. Uma leve pressão dos seus musculos sobre essa alavanca basta para fazer o monstro obedecer docilmente as ordens do pensamento humano. Eis, porém, que sobre o quadro geral da sala das machinas se accende de repente uma lampada vermelha e, ao mesmo tempo, vibra no ar o som de uma campainha. Parou um dos motores. Uma ordem breve, e é immediatamente intensificado um pouco o trabalho dos outros sete motores, enquanto um machinista faz a necessaria reparação. Em menos de um quarto de hora está tudo prompto e os passageiros nem sequer deram por um incidente que outrora significaria uma morte horrivel, a quêda no abysmo.

O indicador luminoso que marca o tracto, está agora bem perto do fim. Os criados de bordo já annunciaram: "Nova York, num quarto de hora!" O commandante apodera-se, elle proprio, da alavanca e prepara-se a reconduzir á terra o transaereo.

O terreno enorme acha-se a 2.000 metros por baixo do aeroplano; este descreve uma curva suave e dirige-se para

REVISTA DO BRASIL

o aerodromo. São 19 horas e 40 minutos, quando o transaereo entra para o hangar da estação de Nova York; cinco minutos de antecedencia. Os passageiros dirigem-se alegremente para a escada de desembarque; a viajante parisiense, abraçada, festejada pelas amigas que a es-

peram, voa já de automovel para o prazer e o triumpho.

Visão de poeta? Não, realidade de amanhã.

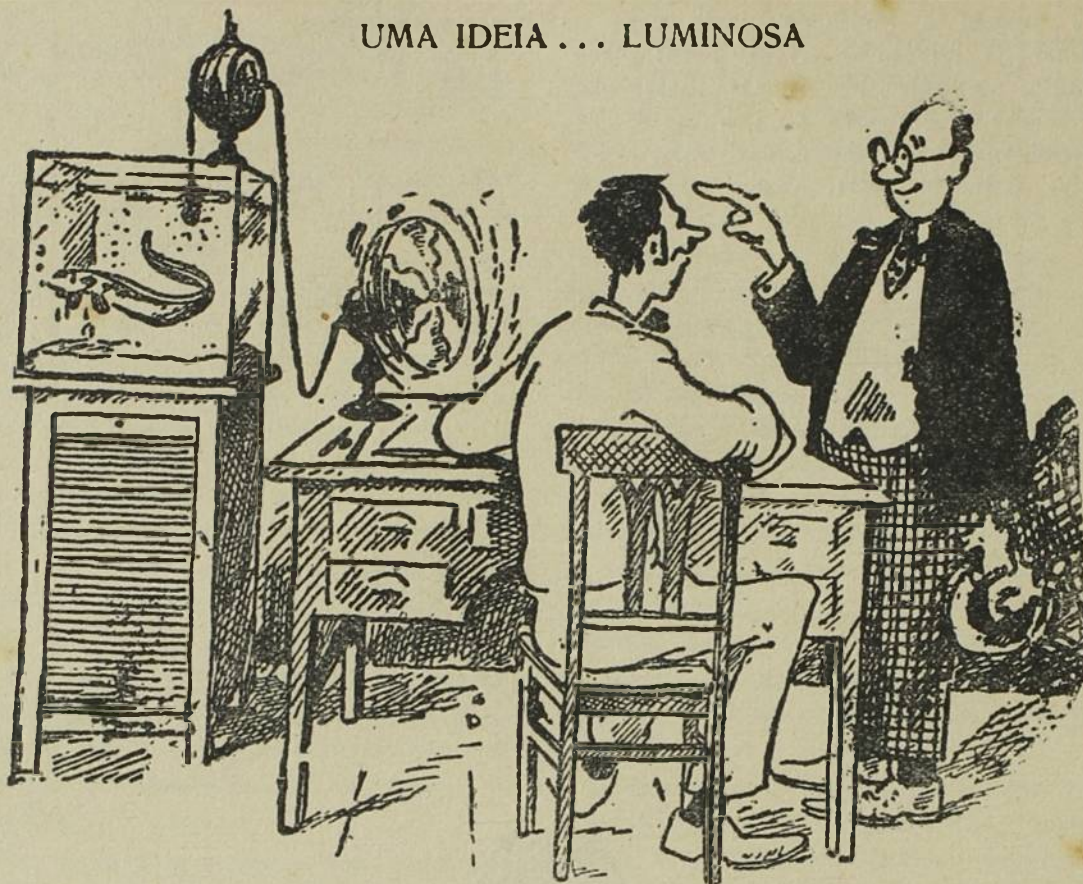
P. H.

(“O Paiz”, Rio).



AS CARICATURAS DO MEZ

UMA IDEIA... LUMINOSA



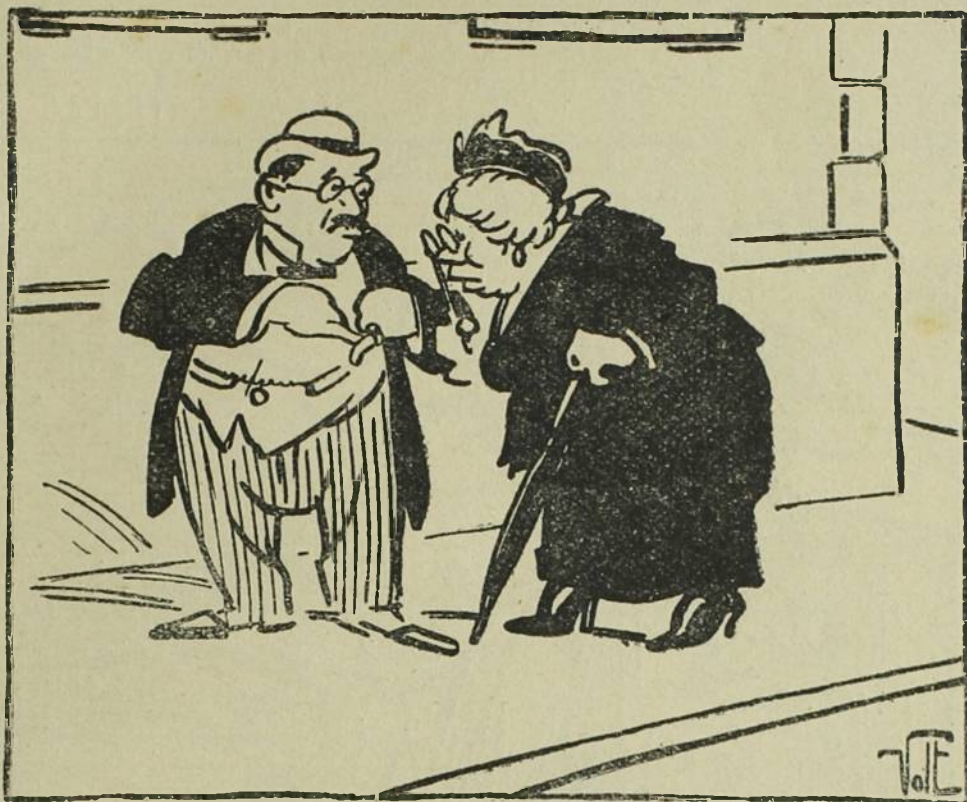
- Que significa esse aquario ?
- Pois não vê ? Aproveito a energia do peixe-electrico.

“ARTE DENTARIA”



- A Nenem é filha de pianista, e não tem geito para o piano!
- Não é por falta de teclado...

A PEDRA PRECIOSA



— E' uma raridade, minha senhora... E' um feijão preto garantido.

S. PAULO ANTIGO

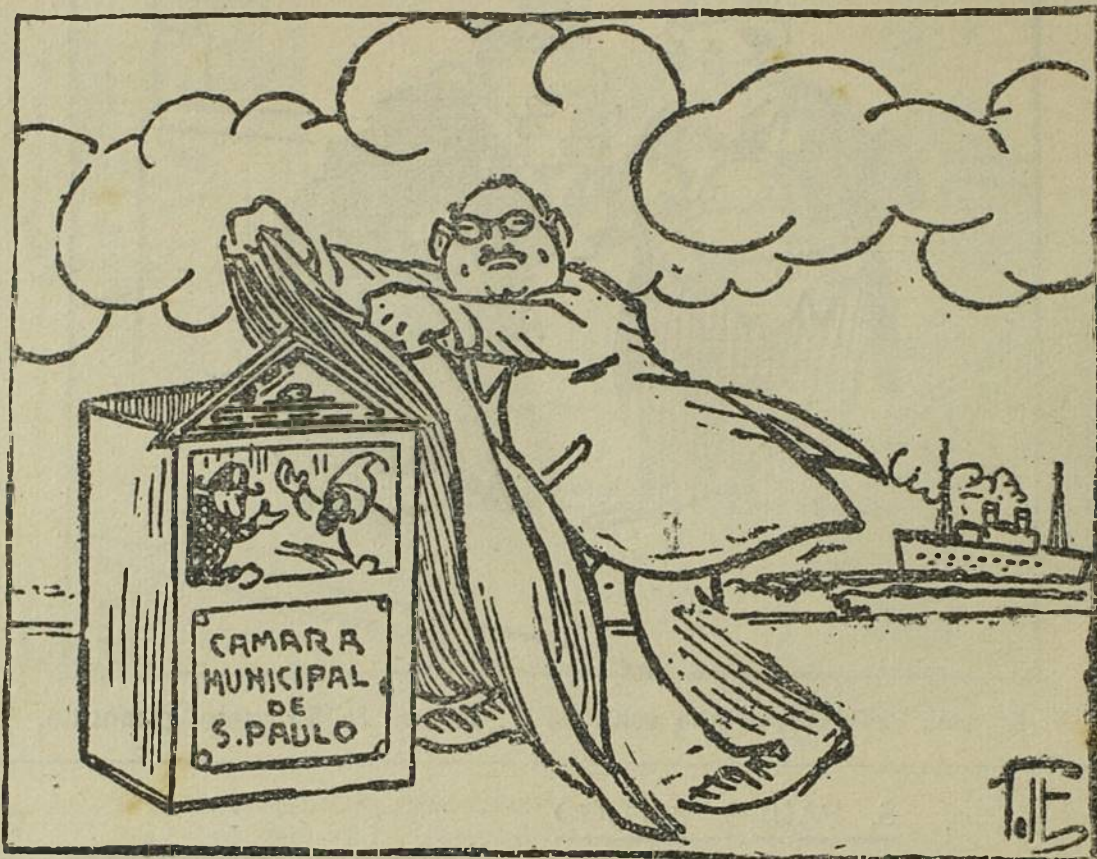


A rua Quinze ha 20 annos.

PRUDENCIA

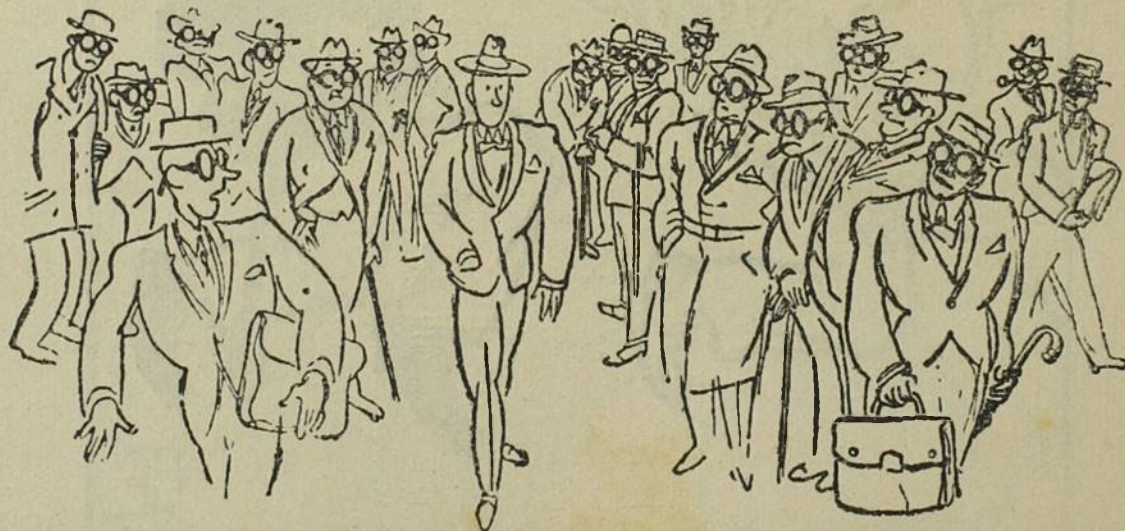
O governo do Estado dissuadiu os vereadores de fazer uma sessão solenne em homenagem ao presidente do Chile, que devia vir a S. Paulo.

(Boato)



Isto é só para o pessoal de casa!...

MONROISMO OCULAR...



— A atenção que desperta hoje um rapaz não atacado de harold-lloydmania.



Nutrition

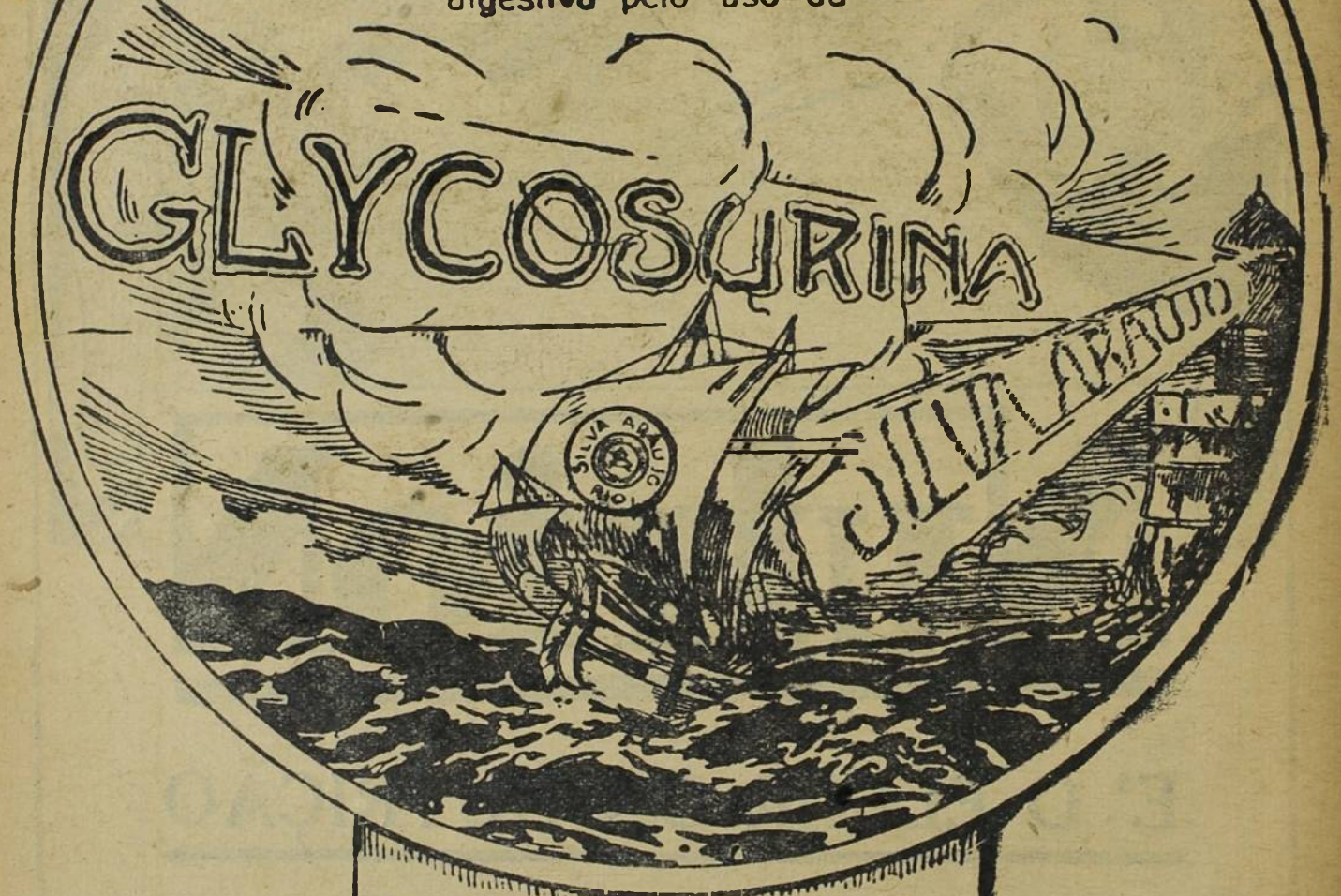
E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E' o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.

DIABETICOS

é preciso combater a perda de assucar, tonificar o organismo, regularisar as funcções dos orgãos internos essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a funcção digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de plantas indigenas braziletras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres de chá por dia em agua

Ultimas Edições da

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

III

DA COMPRA E VENDA, Dr. Luiz da Cunha Gonçalves, broch. 25\$000, enc.	30\$000
MOLESTIAS DOS LACTENTES E SEU TRATAMENTO, dr. Leoncio de Queiroz, broch. 25\$ enc.	30\$000
A CURA DA FEALDADE, dr. Renato Kehl Enc.	20\$000
DA FALLENCIA, Almachio Diniz, broch.	20\$000
CONCRETO ARMADO — Theoria e Pratica, segundo as prescripções allemãs, Dr. Raul Gomes Porto	20\$000
CRIMINOLOGIA, Ingenieros, broch.	12\$000
DA POSSE, Conselheiro Justino de Andrade, broch.	8\$000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, F. J. Oliveira Vianna, broch.	8\$000
HISTORIA DAS RIQUEZAS DO CLERO CATHOLICO E PROTESTANTE, José Martins, broch.	5\$000
CONVERSAS AO PÉ DO FOGO, Cornelio Pires, broch.	5\$000
NARRANDO A VERDADE, General Abilio Noronha, broch.	5\$000
CIDADES VIVAS, Brenno Ferraz, broch.	5\$000
VOCABULARIO DE RUY BARBOSA, João Leda, broch.	5\$000
A MORENINHA, J. M. Macedo, broch. 2\$000, enc.	4\$000
CONTOS ESCOLHIDOS, Monteiro Lobato, cart.	4\$000
O BRASIL E A DOCTRINA DE MONROE, F. de Leonardo Truda, broch.	4\$000
POEMETOS DE TERNURA E DE MELANCOLIA, Ribeiro Couto, broch.	4\$000
MENINA E MOÇA, Bernardim Ribeiro, broch. 1\$500, enc.	3\$000
O CRIME D'AQUELLA NOITE, Menotti Del Picchia, broch.	3\$500
FRIDA MAYER, Vivaldo Coaracy, broch.	4\$000
QUINZE NOITES, Yaynha Pereira Gomes, broch.	4\$000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimaraens, broch.	3\$000
O DEVER DE MATAR, Oscar Wilde, enc.	2\$000
MANUAL DE GYMNASTICA, Victorino Fabiano, broch.	3\$000
DODÓCA, Dolores Barreto, para crianças, cart.	5\$000

Pedidos á Praça da Sé, 34 - Caixa 2 B - S. PAULO



SYPHILIS!!!

**Abortos! Chagas! Invalidez!
Rheumatismo! Eczemas!**

UM HORROR!!!

A syphilis produz Abortos, enche o corpo de Chagas, destróe as Gerações, faz os filhos Degenerados e Paralyticos. Produz Placas, Quéda do cabelo e das unhas, faz as pessoas Repugnantes! Ataca o Coração, o Baço, o Fígado, os Rins, a Bocca, a Garganta, produz o Rheumatismo, Purgações dos ouvidos, Eczemas, Erupções da pelle, Feridas no corpo todo, a Cegueira, a Loucura, emfim, ataca todo o organismo. Eliminae a Syphilis de casa porque não havendo Saude não ha Alegria.

ELIXIR 914

E' o melhor depurativo do sangue. Deve ser usado em qualquer manifestação da Syphilis e da Bôba.

AINDA MAIS !...

O ELIXIR 914

não é só um grande Depurativo como um energico preparado contra a Syphilis, porque contem Hermophenyl o qual destróe os microbios do sangue. E' o unico sal que deve ser usado por via gastrica pela sua acção bactericida e porque não ataca o estomago nem os dentes, não produz erupções, ao contrario, sécca e faz desaparecer as feridas. Não contem arsenico nem iodureto, sendo inoffensivo ás creanças.

O que o doente sente com o uso do ELIXIR 914:

Appetite, regularidade dos intestinos, melhorando os que soffrem de prisão de ventre. Desapparecimento de todas as manifestações syphiliticas especialmente do Rheumatismo e affecções dos Olhos; finalmente a saude em pouco tempo.

ATTESTADOS:

E' o unico Depurativo que tem attestados dos Hospitacs, de especialistas dos Olhos e da Dyspepsia Syphilitica.

CASAMENTOS:

Não se case sem primeiro tomar 6 vidros de **ELIXIR 914**.

E' o mais barato de todos os Depurativos porque faz effeito desde o 1.º vidro.

Não deixe para amanhã, **ELIXIR 914**, comece hoje mesmo a tomar o

Vende-se em todo o Brasil e nas Republicas do Prata.

NOTA: — Enviaremos GRATIS um livrinho scientifico sobre a syphilis e doenças do sangue, a toda a pessoa que o desejar. Pedidos a GALVAO & Cia. — CAIXA 2-C. — SÃO PAULO.

NOVIDADES

Dr. Waldemar Ferreira

DAS SOCIEDADES POR QUOTAS

Dr. Azevedo Marques

DA HYPOTHECA

Ingenieros (Traducção de Haeckel de Lemos)

PSYCHOLOGIA DOS CIUMES

A PERSONALIDADE SENTIMENTAL
COMO NASCE O AMOR

A Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato
tem no prélo as seguintes obras jurídicas:

Dr. Martinho Garcez

MANUAL PRATICO DAS ACÇÕES CIVEIS
E COMMERCIAES
CODIGO CIVIL EXPLICADO

Dr. Eduardo Espindola

DIREITO DE FAMILIA
PARECERES

Dr. Alfredo Bernardes da Silva

PARECERES

Dr. Diogo Carlos de Menezes

DICCIONARIO JURIDICO

Melchisedech Jehovah de Brito

MANUAL DE JURISPRUDENCIA MILITAR

Instituto dos Advogados Brasileiros

LIVRO DO CENTENARIO

Henry George

PROBLEMAS SOCIAES

Pedidos á

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

Praça da Sé, 34 — Caixa, 2-B — S. PAULO

LIVROS ESCOLARES

<i>Eduardo Carlos Pereira</i> — GRAMMATICA EXPOSITIVA — Curso elementar	3\$000
Curso superior	8\$000
GRAMMATICA HISTORICA	10\$000
<i>A. de Sampaio Doria</i> — COMO SE ENSINA	3\$000
COMO SE APRENDE A LINGUA — Curso elementar	3\$000
Curso medio	3\$500
Curso complementar	6\$000
O QUE O CIDADÃO DEVE SABER.	3\$000
<i>Thales de Andrade</i> — SAUDADE	3\$000
<i>A. de Almeida Junior</i> — CARTILHA DE HYGIENE	2\$000
<i>Othoniel Motta</i> — LIÇÕES DE PORTUGUEZ	7\$000
O MEU IDIOMA.	6\$000
<i>Monteiro Lobato</i> — FABULAS.	2\$500
NARIZINHO ARREBITADO	2\$500
<i>B. M. Tolosa</i> — CARTILHA DE ALPHABETIZAÇÃO.	2\$500
<i>Mello e Cunha</i> — ALGUMAS REGRAS DE CALCULO MENTAL	1\$500
<i>Miguel Milano</i> — SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES — HYGIENE.	3\$500
<i>Edgard Vieira</i> — FACTORAÇÃO ALGEBRICA.	4\$000
<i>João Gomes Junior</i> — CANTIGAS DA MINHA TERRA	3\$000
CADERNOS DE PROBLEMAS PARA O ENSINO PRIMARIO — Caderno de Problema (1.º anno)	1\$000
<i>Fausto Lex</i> — A PESCA	2\$500
<i>Joaquim Pereira de Camargo</i> — LIÇÕES DE TACHYGRAPHIA	8\$000
<i>Leonardo Pinto</i> — CONJUNÇÕES	2\$500
LOCUÇÕES ADVERBIAES FRANCEZAS	4\$000
CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES, IRREGULARES E DEFECTIVOS DA LINGUA ITALIANA	4\$000
<i>Alduino Estrada</i> — ESTRADA LUMINOSA	3\$000
<i>Henrique Geenen</i> — COMPENDIO DE PSYCHOLOGIA	10\$000
<i>Ernani M. de Carvalho</i> — TRATADO DE CORRESPONDENCIA COMMERCIAL	15\$000
<i>Olavo Freire</i> — CHÓROGRAPHIA DO BRASIL	12\$000

PEDIDOS À _____

Cia. Graphico-Editora

PRAÇA DA SÉ N. 34



Monteiro Lobato

S. PAULO - CAIXA 2-B